

## **Os Lusíadas, de Luís de Camões**

### **Texto-base:**

CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas de Luís Camões. Direção Literária Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

### **Texto proveniente de:**

Algo Sobre Vestibular e Concurso

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email [falecom@algosobre.com.br](mailto:falecom@algosobre.com.br)

<http://www.algosobre.com.br>

### **Texto-base digitalizado por:**

FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional (<http://www.fccn.pt>)

IBL - Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (<http://www.ibl.pt>)

Agradecimentos especiais à **Dra. Maria Teresa Perdigão Costa Bettencourt d'Ávila**, herdeira do **Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão** (responsável pela direção literária da obra-base), que gentilmente autorizou-nos a publicação desta obra.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

## **OS LUSÍADAS** **Luís de Camões**

### **Canto I**

As armas e os Barões assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana

Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando,  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da Morte libertando,  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;

Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram.  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mi um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíloco e corrente,  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

Dai-me ùa fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou fruta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

E, vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade;  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

Vós, tenro e novo ramo florecente  
De ùa árvore, de Cristo mais amada  
Que nenhũa nascida no Ocidente,  
Cesárea ou Cristianíssima chamada  
(Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas e deixou  
As que Ele pera si na Cruz tomou);

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império  
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,  
Vê-o também no meio do Hemisfério,  
E quando dece o deixa derradeiro;  
Vós, que esperamos jugo e vitupério  
Do torpe Ismaelita cavaleiro,  
Do Turco Oriental e do Gentio

Que inda bebe o licor do santo Rio:

Inclinei por um pouco a majestade  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos valerosos,  
Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da pátria, não movido  
De prémio vil, mas alto e quási eterno;  
Que não é prémio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daqueles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas  
Que excedem as sonhadas, fabulosas,  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,  
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,  
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero  
A cítara par'eles só cobiço;  
Pois polos Doze Pares dar-vos quero  
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;  
Dou-vos também aquele ilustre Gama,  
Que para si de Eneias toma a fama.

Pois se a troco de (Carlos, Rei de França,  
Ou de César, quereis igual memória,  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha glória;  
E aquele que a seu Reino a segurança  
Deixou, com a grande e próspera vitória;  
Outro Joane, invicto cavaleiro;  
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos  
Aqueles que nos Reinos lá da Aurora  
Se fizeram por armas tão subidos,

Vossa bandeira sempre vencedora:  
Um Pacheco fortíssimo e os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,  
Albuquerque terrível, Castro forte,  
E outros em quem poder não teve a morte.

E, enquanto eu estes canto - e a vós não posso,  
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto - ,  
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:  
Dareis matéria a nunca ouvido canto.  
Comecem a sentir o peso grosso  
(Que polo mundo todo faça espanto)  
De exércitos e feitos singulares,  
De África as terras e do Oriente os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê seu exício afigurado;  
Só com vos ver, o bárbaro Gentio  
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;  
Tétis todo o cerúleo senhorio  
Tem pera vós por dote aparelhado,  
Que, afeiçoada ao gesto belo e tento,  
Deseja de comprar-vos pera genro.

Em vós se vêm, da Olímpica morada,  
Dos dous avós as almas cá famosas;  
ã, na paz angélica dourada,  
Outra, pelas batalhas sanguinosas.  
Em vós esperam ver-se renovada  
Sua memória e obras valerosas;  
E lá vos têm lugar, no fim da idade,  
No templo da suprema Eternidade.

Mas, enquanto este tempo passa lento  
De regerdes os povos, que o desejam,  
Dai vós favor ao novo atrevimento,  
Pera que estes meus versos vossos sejam,  
E vereis ir cortando o salso argento  
Os vossos Argonautas, por que vejam  
Que são vistos de vós no mar irado,  
E costumai-vos já a ser invocado.

Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naus as velas côncavas inchando;  
Da branca espuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As marítimas águas consagradas,  
Que do gado de Próteu são cortadas,

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntam em consílio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino Céu fermoso,  
Vêm pela Via Láctea juntamente,  
Convocados, da parte de Tonante,  
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam dos sete Céus o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que só co pensamento  
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.  
Ali se acharam juntos num momento  
Os que habitam o Arcturo congelado  
E os que o Austro têm e as partes onde  
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali, sublime e dino,  
Que vibra os feros raios de Vulcano,  
Num assento de estrelas cristalino,  
Com gesto alto, severo e soberano;  
Do rosto respirava um ar divino,  
Que divino tornara um corpo humano:  
Com ùa coroa e ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados  
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros Deuses, todos assentados  
Como a Razão e a Ordem concertavam  
(Precedem os antigos, mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentavam);  
Quando Júpiter alto, assi dizendo,  
Cum tom de voz começa grave e horrendo:

- «Eternos moradores do luzente,  
Estelífero Pólo e claro Assento:  
Se do grande valor da forte gente  
De Luso não perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente  
Como é dos Fados grandes certo intento  
Que por ela se esqueçam os humanos  
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

«Já lhe foi (bem o vistes) concedido,  
Cum poder tão singelo e ao pequeno,

Tomar ao Mouro forte e guarnecido  
Toda a terra que rega o Tejo ameno.  
Pois contra o Castelhana ao temido  
Sempre alcançou favor do Céu sereno:  
Assi que sempre, enfim, com fama e glória.  
Teve os troféus pendentes da vitória.

«Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,  
Que co a gente de Rómulo alcançaram,  
Quando com Viriato, na inimiga  
Guerra Romana, tanto se afamaram;  
Também deixo a memória que os obriga  
A grande nome, quando alevantaram  
Um por seu capitão, que, peregrino,  
Fingiu na cerva espírito divino.

«Agora vedes bem que, cometendo  
O duvidoso mar num lenho leve,  
Por vias nunca usadas, não temendo  
de Áfrico e Noto a força, a mais s'atreve:  
Que, havendo tanto já que as partes vendo  
Onde o dia é comprido e onde breve,  
Inclinam seu propósito e perfia  
A ver os berços onde nasce o dia.

«Prometido lhe está do Fado eterno,  
Cuja alta lei não pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o governo  
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.  
Nas águas têm passado o duro Inverno;  
A gente vem perdida e trabalhada;  
Já parece bem feito que lhe seja  
Mostrada a nova terra que deseja.

«E porque, como vistes, têm passados  
Na viagem tão ásperos perigos,  
Tantos climas e céus experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos,  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana como amigos;  
E, tendo guarnecida a lassa frota,  
Tornarão a seguir sua longa rota.

Estas palavras Júpiter dizia,  
Quando os Deuses, por ordem respondendo,  
Na sentença um do outro diferia,  
Razões diversas dando e recebendo.  
O padre Baco ali não consentia  
No que Júpiter disse, conhecendo

Que esquecerão seus feitos no Oriente  
Se lá passar a Lusitana gente.

Ouvido tinha aos Fados que viria  
ã gente fortíssima de Espanha  
Pelo mar alto, a qual sujeitaria  
Da Índia tudo quanto Dóris banha,  
E com novas vitórias venceria  
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.  
Altamente lhe dói perder a glória  
De que Nisa celebra inda a memória.

Vê que já teve o Indo sojugado  
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso  
Por vencedor da Índia ser cantado  
De quantos bebem a água de Parnaso.  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tão célebre nome em negro vaso  
D'água do esquecimento, se lá chegam  
Os fortes Portugueses que navegam.

Sustentava contra ele Vénus bela,  
Afeiçoada à gente Lusitana  
Por quantas qualidades via nela  
Da antiga, tão amada, sua Romana;  
Nos fortes corações, na grande estrela  
Que mostraram na terra Tingitana,  
E na língua, na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a Latina

Estas causas moviam Citereia  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que há-de ser celebrada a clara Deia  
Onde a gente belígera se estende.  
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,  
E o outro, pelas honras que pretende,  
Debatem, e na perfia permanecem;  
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual Austro fero ou Bóreas na espessura  
De silvestre arvoredado abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura  
Com ímpeto e braveza desmedida,  
Brama toda montanha, o som murmura,  
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:  
Tal andava o tumulto, levantado  
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

Mas Marte, que da Deusa sustentava  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De antre os Deuses em pé se levantava:  
Merencório no gesto parecia;  
O forte escudo, ao colo pendurado,  
Deitando pera trás, medonho e irado;

A viseira do elmo de diamante  
Alevantando um pouco, mui seguro,  
Por dar seu parecer se pôs diante  
De Júpiter, armado, forte e duro;  
E dando ùa pancada penetrante  
Co conto do bastão no sólio puro,  
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,  
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;

E disse assi:- «Ó Padre, a cujo império  
Tudo aquilo obedece que criaste:  
Se esta gente que busca outro Hemisfério.  
Cuja valia e obras tanto amaste,  
Não queres que padeçam vitupério,  
Como há já tanto tempo que ordenaste,  
Não ouças mais, pois és juiz direito,  
Razões de quem parece que é suspeito.

«Que, se aqui a razão se não mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vêm, seu tão privado;  
Mas esta tenção sua agora passe,  
Porque enfim vem de estômago danado;  
Que nunca tirará alheia enveja  
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

E tu, Padre de grande fortaleza,  
Da determinação que tens tomada  
Não tornes por detrás, pois é fraqueza  
Desistir-se da cousa começada.  
Mercúrio, pois excede em ligeireza  
Ao vento leve e à seta bem talhada,  
Lhe vá mostrar a terra onde se informe  
Da Índia, e onde a gente se reforme.»

Como isto disse, o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentiu  
No que disse Mavorte valeroso  
E néctar sobre todos esparziu.  
Pelo caminho Lácteo glorioso



Logo cada um dos Deuses se partiu,  
Fazendo seus reais acatamentos,  
Pera os determinados apousentos.

Enquanto isto se passa na fermosa  
Casa etérea do Olimpo omnipotente,  
Cortava o mar a gente belicosa  
Já lá da banda do Austro e do Oriente,  
Entre a costa Etiópica e a famosa  
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente  
Queimava então os Deuses que Tifeu  
Co temor grande em pexes converteu.

Tão brandamente os ventos os levavam  
Como quem o Céu tinha por amigo;  
Serenos o ar e os tempos se mostravam,  
Sem nuvens, sem receio de perigo.  
O promontório Prasso já passavam  
Na costa de Etiópia, nome antigo,  
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava  
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

Vasco da Gama, o forte Capitão,  
Que a tamanhas empresas se oferece,  
De soberbo e de altivo coração,  
A quem Fortuna sempre favorece,  
Pera se aqui deter não vê razão,  
Que inabitada a terra lhe parece.  
Por diante passar determinava,  
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

Eis aparecem logo em companhia  
Uns pequenos batéis, que vêm daquela  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vela.  
A gente se alvoroça e, de alegria,  
Não sabe mais que olhar a causa dela.  
- «Que gente será esta?» (em si diziam)  
«Que costumes, que Lei, que Rei teriam?»

As embarcações eram na maneira  
Mui velozes, estreitas e compridas;  
Ás velas com que vêm eram de esteira,  
Düas folhas de palma, bem tecidas;  
A gente da cor era verdadeira  
Que Fáëton, nas terras acendidas,  
Ao mundo deu, de ousado e não prudente  
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

De panos de algodão vinham vestidos,  
De várias cores, brancos e listrados;  
Uns trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo airoso sobraçados;  
Das cintas pera cima vêm despídos;  
Por armas têm adagas e tarçados;  
Com toucas na cabeça; e, navegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

Cos panos e cos braços acenavam  
Às gentes Lusitanas, que esperassem;  
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,  
Pera que junto às Ilhas amainassem.  
A gente e marinheiros trabalhavam  
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:  
Tomam velas, amaina-se a verga alta,  
Da âncora o mar ferido em cima salta.

Não eram ancorados, quando a gente  
Estranha polas cordas já subia.  
No gesto ledos vêm, e humanamente  
O Capitão sublime os recebia.  
As mesas manda pôr em continente;  
Do licor que Lieu prantado havia  
Enchem vasos de vidro; e do que deitam  
Os de Fáiëton queimados nada enjeitam.

Comendo alegremente, perguntavam,  
Pela Arábica língua, donde vinham,  
Quem eram, de que terra, que buscavam,  
Ou que partes do mar corrido tinham?  
Os fortes Lusitanos lhe tornavam  
As discretas repostas que convinham:  
- «Os Portugueses somos do Ocidente,  
Imos buscando as terras do Oriente.

«Do mar temos corrido e navegado  
Toda a parte do Antártico e Calisto,  
Toda a costa Africana rodeado;  
Diversos céus e terras temos visto;  
Dum Rei potente somos, tão amado,  
Tão querido de todos e benquisto,  
Que não no largo mar, com leda fronte,  
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

«E, por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental que o Indo rega;  
Por ele o mar remoto navegamos,  
Que só dos feios focas se navega.  
Mas já razão parece que saibamos

(Se entre vós a verdade não se nega),  
Quem sois, que terra é esta que habitais,  
Ou se tendes da Índia alguns sinais?»)»

- «Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)  
Estrangeiros na terra, Lei e nação;  
Que os próprios são aqueles que criou  
A Natura, sem Lei e sem Razão.  
Nós temos a Lei certa que ensinou  
O claro descendente de Abraão,  
Que agora tem do mundo o senhorio;  
A mãe Hebreia teve e o pai, Gentio.

«Esta Ilha pequena, que habitamos,  
É em toda esta terra certa escala  
De todos os que as ondas navegamos,  
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala;  
E, por ser necessária, procuramos,  
Como próprios da terra, de habitá-la;  
E por que tudo enfim vos notifique,  
Chama-se a pequena Ilha - Moçambique.

«E já que de tão longe navegais,  
Buscando o Indo Idaspe e terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejais  
Guiados pelas ondas sàbiamente.  
Também será bem feito que tenhais  
Da terra algum frescor, e que o Regente  
Que esta terra governa, que vos veja  
E do mais necessário vos proveja.»

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
A seus batéis com toda a companhia;  
Do Capitão e gente se apartou  
Com mostras de devida cortesia.  
Nisto Febo nas águas encerrou  
Co carro de cristal, o claro dia,  
Dando cargo à Irmã que alumiasse  
O largo mundo, enquanto repousasse.

A noite se passou na lassa frota  
Com estranha alegria e não cuidada,  
Por acharem da terra tão remota  
Nova de tanto tempo desejada.  
Qualquer então consigo cuida e nota  
Na gente e na maneira desusada,  
E como os que na errada Seita creram,  
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Da Lúa os claros raios rutilavam

Polas argêntas ondas Neptuninas;  
As Estrelas os Céus acompanhavam,  
Qual campo revestido de boninas;  
Os furiosos ventos repousavam  
Polas covas escuras peregrinas;  
Porém da armada a gente vigiava,  
Como por longo tempo costumava.

Mas, assi como a Aurora marchetada  
Os fermosos cabelos espalhou  
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada  
Ao claro Hiperiónio, que acordou,  
Começa a embandeirar-se toda a armada  
E de toldos alegres se adornou,  
Por receber com festas e alegria  
O Regedor das Ilhas, que partia.

Partia, alegremente navegando,  
A ver as naus ligeiras Lusitanas,  
Com refresco da terra, em si cuidando  
Que são aquelas gentes inumanas  
Que, os apousentos Cáspios habitando,  
A conquistar as terras Asianas  
Vieram e, por ordem do Destino,  
O Império tomaram a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente  
O Mouro e toda sua companhia;  
Dá-lhe de ricas peças um presente,  
Que só pera este efeito já trazia;  
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,  
Não usado licor, que dá alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come e bebe

Está a gente marítima de Luso  
Subida pela enxárcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo e uso  
E a linguagem tão bárbara e enleada.  
Também o Mouro astuto está confuso,  
Olhando a cor, o traje e a forte armada;  
E, perguntando tudo, lhe dizia  
Se porventura vinham de Turquia.

E mais lhe diz também que ver deseja  
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,  
Pera ver se conforme à sua seja,  
Ou se são dos de Cristo, como crê;  
E por que tudo note e tudo veja,  
Ao Capitão pedia que lhe dê

Mostra das fortes armas de que usavam  
Quando cos inimigos pelejavam.

Responde o valeroso Capitão,  
Por um que a língua escura bem sabia:  
-«Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação  
De mi, da Lei, das armas que trazia.  
Nem sou da terra, nem da geração  
Das gentes enojosas de Turquia,  
Mas sou da forte Europa belicosa;  
Busco as terras da Índia tão famosa.

«A Lei tenho d'Aquele a cujo império  
Obedece o visível e invisível,  
Aquele que criou todo o Hemisfério,  
Tudo o que sente e todo o insensível;  
Que padeceu desonra e vitupério,  
Sofrendo morte injusta e insofrível,  
E que do Céu à Terra enfim deceu,  
Por subir os mortais da Terra ao Céu.

«Deste Deus-Homem, alto e infinito,  
Os livros que tu pedes não trazia,  
Que bem posso escusar trazer escrito  
Em papel o que na alma andar devia.  
Se as armas queres ver, como tens dito,  
Cumprido esse desejo te seria;  
Como amigo as verás, porque eu me obrigo  
Que nunca as queiras ver como inimigos».

Isto dizendo, manda os diligentes  
Ministros amostrar as armaduras:  
Vêm arneses e peitos reluzentes,  
Malhas finas e lâminas seguras,  
Escudos de pinturas diferentes,  
Pelouros, espingardas de aço puras,  
Arcos e sagitíferas aljavas,  
Partazanas agudas, chuças bravas.

As bombas vêm de fogo, e juntamente  
As panelas sulfúreas, tão danosas;  
Porém aos de Vulcano não consente  
Que dêm fogo às bombardas temerosas;  
Porque o generoso ânimo e valente,  
Entre gentes tão poucas e medrosas,  
Não mostra quanto pode; e com razão,  
Que é fraqueza entre ovelhas ser lião.

Porém disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que viu com olho atento,

Um ódio certo na alma lhe ficou,  
üa vontade má de pensamento;  
Nas mostras e no gesto o não mostrou,  
Mas, com risonho e ledó fingimento,  
Tratá-los brandamente determina,  
Até que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem pudesse à Índia ser levado;  
Diz-lhe que o largo prémio levarão  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Promete-lhos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso e tão danado  
Que a morte, se pudesse, neste dia,  
Em lugar de pilotos lhe daria.

Tamanho o ódio foi e a má vontade  
Que aos estrangeiros súpito tomou,  
Sabendo ser sequaces da Verdade  
Que o filho de David nos ensinou!  
Ó segredos daquela Eternidade  
A quem juízo algum não alcançou:  
Que nunca falte um pérfido inimigo  
Àqueles de quem foste tanto amigo!

Partiu-se nisto, enfim, co a companhia,  
Das naus o falso Mouro despedido,  
Com enganosa e grande cortesia,  
Com gesto ledó a todos e fingido.  
Cortaram os batéis a curta via  
Das águas de Neptuno; e, recebido  
Na terra do obseqüente ajuntamento,  
Se foi o Mouro ao cógnito apousento.

Do claro Assento etéreo, o grão Tebano,  
Que da paternal coxa foi nascido,  
Olhando o ajuntamento Lusitano  
Ao Mouro ser molesto e avorrecido,  
No pensamento cuida um falso engano,  
Com que seja de todo destruído;  
E, enquanto isto só na alma imaginava,  
Consigo estas palavras praticava:

-«Está do Fado já determinado  
Que tamanhas vitórias, tão famosas,  
Hajam os Portugueses alcançado  
Das Indianas gentes belicosas;  
E eu só, filho do Padre sublimado,  
Com tantas qualidades generosas,  
Hei-de sofrer que o Fado favoreça

Outrem, por quem meu nome se escureça?

«Já quiseram os Deuses que tivesse  
O filho de Filipo nesta parte  
Tanto poder que tudo somettesse  
Debaixo do seu jugo o fero Marte;  
Mas há-se de sofrer que o Fado desse  
A tão poucos tamanho esforço e arte,  
Qu'eu, co grão Macedónio e Romano,  
Dêmos lugar ao nome Lusitano?

«Não será assi, porque, antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe será tanto engano fabricado  
Que nunca veja as partes do Oriente.  
Eu decerei à Terra e o indignado  
Peito revolverei da Maura gente;  
Porque sempre por via irá direita  
Quem do oportuno tempo se aproveita.»

Isto dizendo, irado e quási insano,  
Sobre a terra Africana descendeu,  
Onde, vestindo a forma e gesto humano,  
Pera o Prasso sabido se moveu.  
E, por melhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se converteu  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, sábio, e co Xequê mui valido.

E, entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas,  
A sua falsidade acomodadas,  
Lhe diz como eram gentes roubadoras  
Estas que ora de novo são chegadas;  
Que das nações na costa moradoras,  
Correndo a fama veio que roubadas  
Foram por estes homens que passavam,  
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

- «E sabe mais (lhe diz), como entendido  
Tenho destes Cristãos sanguinolentos,  
Que quási todo o mar têm destruído  
Com roubos, com incêndios violentos;  
E trazem já de longe engano urdido  
Contra nós; e que todos seus intentos  
São pera nos matarem e roubarem,  
E mulheres e filhos cativarem.

«E também sei que tem determinado  
De vir por água a terra, muito cedo,  
O Capitão, dos seus acompanhado,

Que da tenção danada nasce o medo  
Tu deves de ir também cos teus armado  
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo;  
Porque, saindo a gente descuidada,  
Cairão fàcilmente na cilada.

«E se inda não ficarem deste jeito  
Destruídos ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito  
Outra manha e ardil que te contente:  
Manda-lhe dar piloto que de jeito  
Seja astuto no engano, e tão prudente  
Que os leve aonde sejam destruídos,  
Desbaratados, mortos ou perdidos.»

Tanto que estas palavras acabou  
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,  
Os braços pelo colo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho;  
E logo nesse instante concertou  
Pera a guerra o belígero aparelho,  
Pera que ao Português se lhe tornasse  
Em roxo sangue a água que buscasse.

E busca mais, pera o cuidado engano,  
Mouro que por piloto à nau lhe mande,  
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,  
De quem fiar se possa um feito grande.  
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,  
Por tais costas e mares co ele ande,  
Que, se daqui escapar, que lá diante  
Vá cair onde nunca se alevante.

Já o raio Apolíneo visitava  
Os Montes Nabateios acendido,  
Quando Gama cos seus determinava  
De vir por água a terra apercebido.  
A gente nos batéis se concertava  
Como se fosse o engano já sabido;  
Mas pôde suspeitar-se facilmente,  
Que o coração pres[s]ago nunca mente.

E mais também mandado tinha a terra,  
De antes, pelo piloto necessário,  
E foi-lhe respondido em som de guerra,  
Caso do que cuidava mui contrário.  
Por isto, e porque sabe quanto erra  
Quem se crê de seu pérfido adversário,  
Apercebido vai como podia  
Em três batéis somente que trazia.



Mas os Mouros, que andavam pela praia  
Por lhe defender a água desejada,  
Um de escudo abraçado e de azagaia,  
Outro de arco encurvado e seta ervada,  
Esperam que a guerreira gente saia,  
Outros muitos já postos em cilada;  
E, por que o caso leve se lhe faça,  
Põem uns poucos diante por negaça.

Andam pela ribeira alva, arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando  
Com a adarga e co a hástea perigosa,  
Os fortes Portugueses incitando  
Não sofre muito a gente generosa  
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;  
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que é primeiro:

Qual no corro sanguino o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O touro busca e, pondo-se diante,  
Salta, corre, sibila, acena e brada,  
Mas o animal atroce, nesse instante,  
Com a fronte cornígera inclinada,  
Bramando, duro corre e os olhos cerra,  
Derriba, fere e mata e põe por terra.

Eis nos batéis o fogo se levanta  
Na furiosa e dura artilharia;  
A plúmbea péla mata, o brado espanta;  
Ferido, o ar retumba e assovia.  
O coração dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria.  
Já foge o escondido, de medroso,  
E morre o descoberto aventureiro.

Não se contenta a gente Portuguesa,  
Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;  
A povoação sem muro e sem defesa  
Esbombardeia, acende e desbarata.  
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,  
Que bem cuidou comprá-la mais barata;  
Já blasfema da guerra, e maldizia,  
O velho inerte e a mãe que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando  
Sem força, de covarde e de apressado,  
Apedra, o pau e o canto arremessando;  
Dá-lhe armas o furor desatinado.

Já a Ilha, e todo o mais, desemparrando,  
À terra firme foge amedrontado;  
Passa e corta do mar o estreito braço  
Que a Ilha em torno cerca em pouco espaço.

Uns vão nas almadias carregadas,  
Um corta o mar a nado, diligente;  
Quem se afoga nas ondas encurvadas,  
Quem bebe o mar e o deita juntamente.  
Arrombam as miúdas bombardadas  
Os pangaios sutis da bruta gente.  
Destarte o Português, enfim, castiga  
A vil malícia, pérfida, inimiga.

Tornam vitoriosos pera a armada,  
Co despojo da guerra e rica presa,  
E vão a seu prazer fazer aguada,  
Sem achar resistência nem defesa.  
Ficava a Maura gente magoada,  
No ódio antigo mais que nunca acesa;  
E, vendo sem vingança tanto dano,  
Sòmente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda, arrependido,  
O Regedor daquela inica terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido  
Que em figura de paz lhe manda guerra;  
Porque o piloto falso prometido,  
Que toda a má tenção no peito encerra,  
Pera os guiar à morte lhe mandava,  
Como em sinal das pazes que tratava.

O Capitão, que já lhe então convinha  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado e ventos tinha  
Pera ir buscar o Indo desejado,  
Recebendo o piloto que lhe vinha,  
Foi dele alegremente agasalhado,  
E respondendo ao mensageiro, a tento,  
As velas manda dar ao largo vento.

Destarte despedida, a forte armada  
As ondas de Anfitriite dividia,  
Das filhas de Nereu acompanhada,  
Fiel, alegre e doce companhia.  
O Capitão, que não caía em nada  
Do enganoso ardil que o Mouro urdia,  
Dele mui largamente se informava

Da Índia toda e costas que passava.

Mas o Mouro, instruído nos enganos  
Que o malévolo Baco lhe ensinara,  
De morte ou cativoiro novos danos,  
Antes que à Índia chegue, lhe prepara.  
Dando razão dos portos Indianos,  
Também tudo o que pede lhe declara,  
Que, havendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente se temia.

E diz-lhe mais, co falso pensamento  
Com que Sínon os Frígios enganou,  
Que perto está ùa Ilha, cujo assento  
Povo antigo Cristão sempre habitou.  
O Capitão, que a tudo estava atento,  
Tanto co estas novas se alegrou  
Que com dádivas grandes lhe rogava  
Que o leve à terra onde esta gente estava.

O mesmo o falso Mouro determina  
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;  
Que a Ilha é possuída da malina  
Gente que segue o torpe Mahamede.  
Aqui o engano e morte lhe imagina,  
Porque em poder e forças muito excede  
À Moçambique esta Ilha, que se chama  
Quíloa, mui conhecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota;  
Mas a Deusa em Citere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota  
Por ir buscar a morte não cuidada,  
Não consente que em terra tão remota  
Se perca a gente dela tanto amada,  
E com ventos contrairos a desvia  
Donde o piloto falso a leva e guia.

Mas o malvado Mouro, não podendo  
Tal determinação levar avante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em seu propósito constante,  
Lhe diz que, pois as águas, discorrendo,  
Os levaram por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente  
Eram Cristãos com Mouros juntamente.

Também nestas palavras lhe mentia,  
Como por regimento, enfim, levava;

Que aqui gente de Cristo não havia,  
Mas a que a Mahamede celebrava.  
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,  
Virando as velas, a Ilha demandava;  
Mas, não querendo a Deusa guardadora,  
Não entra pela barra, e surge fora.

Estava a Ilha à terra tão chegada  
Que um estreito pequeno a dividia;  
ã cidade nela situada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe, descobria,  
Regida por um Rei de antiga idade:  
Mombaça é o nome da Ilha e da cidade.

E sendo a ela o Capitão chegado,  
Estranhamente ledo, porque espera  
De poder ver o povo baptizado,  
Como o falso piloto lhe dissera,  
Eis vêm batéis da terra com recado  
Do Rei, que já sabia a gente que era;  
Que Baco muito de antes o avisara,  
Na forma doutro Mouro, que tomara.

O recado que trazem é de amigos,  
Mas debaxo o veneno vem coberto,  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segundo foi o engano descoberto.  
Ó grandes e gravíssimos perigos,  
Ó caminho de vida nunca certo,  
Que aonde a gente põe sua esperança  
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade avorrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?

## **Canto II**

Já neste tempo o lúcido Planeta  
Que as horas vai do dia distinguindo,

Chegava à desejada e lenta meta,  
A luz celeste às gentes encobrindo;  
E da casa marítima secreta he estava o Deus  
Nocturno a porta abrindo,  
Quando as infidas gentes se chegaram  
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

Dantre eles um, que traz encomendado  
O mortífero engano, assi dizia:  
«Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reino e salsa via,  
O Rei que manda esta Ilha, alvoraçado  
Da vinda tua, tem tanta alegria  
Que não deseja mais que agasalhar-te,  
Ver-te e do necessário reformar-te.

«E porque está em extremo desejoso  
De te ver, como cousa nomeada,  
Te roga que, de nada receoso,  
Entres a barra, tu com toda armada;  
E porque do caminho trabalhoso  
Trarás a gente débil e cansada,  
Diz que na terra podes reformá-la,  
Que a natureza obriga a desejá-la.

«E se buscando vás mercadoria  
Que produz o aurífero levante,  
Canela, cravo, ardente especiaria  
Ou droga salutífera e prestante;  
Ou se queres luzente pedraria,  
O rubi fino, o rígido diamante,  
Daqui levarás tudo tão sobejo  
Com que faças o fim a teu desejo.»

Ao mensageiro o Capitão responde,  
As palavras do Rei agradecendo,  
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,  
Não entra pera dentro, obedecendo;  
Porém que, como a luz mostrar por onde  
Vá sem perigo a frota, não temendo,  
Cumprirá sem receio seu mandado,  
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Pergunta-lhe depois se estão na terra  
Cristãos, como o piloto lhe dizia;  
O mensageiro astuto, que não erra,  
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.  
Desta sorte do peito lhe desterra

Toda a suspeita e cauta fantasia;  
Por onde o Capitão seguramente  
Se fia da infiel e falsa gente.

E de alguns que trazia, condenados  
Por culpas e por feitos vergonhosos,  
Por que pudessem ser aventurados  
Em casos desta sorte duvidosos,  
Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
Por que notem dos Mouros enganosos  
A cidade e poder, e por que vejam  
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

E por estes ao Rei presentes manda,  
Por que a boa vontade que mostrava  
Tenha firme, segura, limpa e branda,  
A qual bem ao contrário em tudo estava.  
Já a companhia pérfida e nefanda  
Das naus se despedia e o mar cortava:  
Foram com gestos ledos e fingidos  
Os dous da frota em terra recebidos.

E depois que ao Rei apresentaram  
Co recado os presentes que traziam,  
A cidade correram, e notaram  
Muito menos daquilo que queriam;  
Que os Mouros cautelosos se guardaram  
De lhe mostrarem tudo o que pediam;  
Que onde reina a malícia, está o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquele que sempre a mocidade  
Tem no rosto perpétua, e foi nascido  
De duas mães, que urdia a falsidade  
Por ver o navegante destruído,  
Estava nua casa da cidade,  
Com rosto humano e hábito fingido,  
Mostrando-se Cristão, e fabricava  
Um altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato afigurada  
Do alto e Santo Espírito a pintura,  
A cândida Pombinha, debuxada  
Sobre a única Fénix, virgem pura;  
A companhia santa está pintada,  
Dos doze, tão torvados na figura  
Como os que, só das línguas que caíram  
De fogo, várias línguas referiram.

Aqui os dous companheiros, conduzidos  
Onde com este engano Baco estava,  
Põem em terra os gíolhos, e os sentidos  
Naquele Deus que o Mundo governava.  
Os cheiros excelentes, produzidos  
Na Pancaia odorífera, queimava  
O Tioneu, e assi por derradeiro  
O falso Deus adora o verdadeiro.

Aqui foram de noite agasalhados,  
Com todo o bom e honesto tratamento  
Os dous Cristãos, não vendo que enganados  
Os tinha o falso e santo fingimento  
Mas, assi como os raios espalhados  
Do Sol foram no mundo, e num momento  
Apareceu no rúbido Horizonte  
Na moça de Titão a roxa fronte,

Tornam da terra os Mouros co recado  
Do Rei pera que entrassem, e consigo  
Os dous que o Capitão tinha mandado,  
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;  
E sendo o Português certificado  
De não haver receio de perigo  
E que gente de Cristo em terra havia,  
Dentro no salso rio entrar queria.

Dizem-lhe os que mandou que em terra viram  
Sacras aras e sacerdote santo;  
Que ali se agasalharam e dormiram  
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;  
E que no Rei e gentes não sentiram  
Senão contentamento e gosto tanto  
Que não podia certo haver suspeita  
Nüa mostra tão clara e tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subiam  
Que levemente um ânimo se fia  
De mostras que tão certas pareciam.  
A nau da gente pérfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que traziam.  
Alegres vinham todos porque crêm  
Que a presa desejada certa têm.

Na terra cautamente aparelhavam  
Armas e munições, que, como vissem  
Que no rio os navios ancoravam,

Neles ousadamente se subissem;  
E nesta treição determinavam  
Que os de Luso de todo destruíssem,  
E que, incautos, pagassem deste jeito  
O mal que em Moçambique tinham feito.

As âncoras tenaces vão levando,  
Com a náutica grita costumada;  
Da proa as velas sós ao vento dando,  
Inclinam pera a barra abalizada.  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andava sempre a gente assinalada,  
Vendo a cilada grande e tão secreta,  
Voa do Céu ao mar como ùa seta.

Convoca as alvas filhas de Nereu,  
Com toda a mais cerúlea companhia,  
Que, porque no salgado mar nasceu,  
Das águas o poder lhe obedecia;  
E, propondo-lhe a causa a que deceu,  
Com todos juntamente se partia  
Pera estorvar que a armada não chegasse  
Aonde pera sempre se acabasse.

Já na água erguendo vão, com grande pressa,  
Com as argêntas caudas branca escuma;  
Cloto co peito corta e atravessa  
Com mais furor o mar do que costuma;  
Salta Nise, Nerine se arremessa  
Por cima da água crespas em força suma;  
Abrem caminho as ondas encurvadas,  
De temor das Nereidas apressadas.

Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,  
Vai a linda Dione furiosa;  
Não sente quem a leva o doce peso,  
De soberbo com carga tão fermosa.  
Já chegam perto donde o vento teso  
Enche as velas da frota belicosa;  
Repartem-se e rodeiam nesse instante  
As naus ligeiras, que iam por diante.

Põe-se a Deusa com outras em direito  
Da proa capitaina, e ali fechando  
O caminho da barra, estão de jeito  
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:  
Põem no madeiro duro o brando peito  
Pera detrás a forte nau forçando;  
Outras em derredor levando-a estavam



E da barra inimiga a desviavam.

Quais pera a cova as próvidas formigas,  
Levando o peso grande acomodado  
As forças exercitam, de inimigas  
Do inimigo Inverno congelado;  
Ali são seus trabalhos e fadigas,  
Ali mostram vigor nunca esperado:  
Tais andavam as Ninfas estorvando  
À gente Portuguesa o fim nefando.

Torna pera detrás a nau, forçada,  
Apesar dos que leva, que, gritando,  
Mareiam velas; ferve a gente irada,  
O leme a um bordo e a outro atravessando;  
O mestre astuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estava um marítimo penedo,  
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

A celeuma medonha se levanta  
No rudo marinheiro que trabalha;  
O grande estrondo a Maura gente espanta,  
Como se vissem hórrida batalha;  
Não sabem a razão de fúria tanta,  
Não sabem nesta pressa quem lhe valha:  
Cuidam que seus enganos são sabidos  
E que hão-de ser por isso aqui punidos.

Ei-los subitamente se lançavam  
A seus batéis velozes que traziam;  
Outros em cima o mar alevantavam  
Saltando n'água, a nado se acolhiam;  
De um bordo e doutro súbito saltavam,  
Que o medo os compelia do que viam;  
Que antes querem ao mar aventurar-se  
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assi como em selvática alagoa  
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,  
Se sentem porventura vir pessoa,  
Estando fora da água incautamente,  
Daqui e dali saltando (o charco soa),  
Por fugir do perigo que se sente,  
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,  
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

Assi fogem os Mouros; e o piloto,

Que ao perigo grande as naus guiara,  
Crendo que seu engano estava notado,  
Também foge, saltando na água amara  
Mas, por não darem no penedo imoto,  
Onde percam a vida doce e cara,  
A âncora solta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto dela amaina.

Vendo o Gama, atentado, a estranheza  
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente  
O piloto fugir-lhe com presteza,  
Entende o que ordenava a bruta gente,  
E vendo, sem contraste e sem braveza  
Dos ventos ou das águas sem corrente.  
Que a nau passar avante não podia,  
Havendo-o por milagre, assi dizia:

«Ó caso grande, estranho e não cuidado!  
Ó milagre claríssimo e evidente,  
Ó descoberto engano inopinado,  
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!  
Quem poderá do mal aparelhado  
Livrar-se sem perigo, sàbiamente,  
Se lá de cima a Guarda Soberana  
Não acudir à fraca força humana?»

«Bem nos mostra a Divina Providência  
Destes portos a pouca segurança,  
Bem claro temos visto na aparência  
Que era enganada a nossa confiança;  
Mas pois saber humano nem prudência  
Enganos tão fingidos não alcança,  
Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado  
De quem sem ti não pode ser guardado!»

«E, se te move tanto a piedade  
Desta mísera gente peregrina,  
Que, só por tua altíssima bondade,  
Da gente a salvas pérfida e malina,  
Nalgum porto seguro de verdade  
Conduzir-nos já agora determina,  
Ou nos amostra a terra que buscamos,  
Pois só por teu serviço navegamos.»

Ouviu-lhe estas palavras piadosas  
A fermosa Dione e, comovida,  
Dantre as Ninfas se vai, que saúdosas  
Ficaram desta súbita partida.  
Ja penetra as Estrelas luminosas,

Já na terceira Esfera recebida  
Avante passa, e lá no sexto Céu,  
Pera onde estava o Padre, se moveu.

E, como ia afrontada do caminho,  
Tão fermosa no gesto se mostrava  
Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho  
E tudo quanto a via, namorava.  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,  
Uns espíritos vivos inspirava,  
Com que os Pólos gelados acendia,  
E tornava do Fogo a Esfera, fria.

E, por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foi sempre amada e cara,  
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,  
Na selva Ideia, já se apresentara.  
Se a vira o caçador que o vulto humano  
Perdeu, vendo Diana na água clara,  
Nunca os famintos galgos o mataram,  
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios d'ouro se esparziam  
Pelo colo que a neve escurecia;  
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,  
Com quem Amor brincava e não se via;  
Da alva petrina flamas lhe saíam,  
Onde o Minino as almas acendia.  
Polas lisas colunas lhe trepavam  
Desejos, que como hera se enrolavam.

Cum delgado cendal as partes cobre  
De quem vergonha é natural reparo;  
Porém nem tudo esconde nem descobre  
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;  
Mas, pera que o desejo acenda e dobre,  
L'he põe diante aquele objecto raro.  
Já se sentem no Céu, por toda a parte,  
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

E mostrando no angélico semblante  
Co riso ùa tristeza misturada,  
Como dama que foi do incauto amante  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante  
E se torna entre alegre, magoada,  
Destarte a Deusa a quem nenhũa iguala,  
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

«Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,  
Que, pera as cousas que eu do peito amasse,  
Te achasse brando, afável e amoroso,  
Posto que a algum contrairo lhe pesasse;  
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,  
Sem que to merecesse nem te errasse,  
Faça-se como Baco determina;  
Assentarei, enfim, que fui mofina.

«Este povo, que é meu, por quem derramo.  
As lágrimas que em vão caídas vejo,  
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo;  
Por ele a ti rogando, choro e bramo,  
E contra minha dita enfim pelejo.  
Ora pois, porque o amo é mal tratado;  
Quero-lhe querer mal, será guardado.

«Mas moura enfim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fui.» E nisto, de mimosa,  
O rosto banha em lágrimas ardentes,  
Como co orvalho fica a fresca rosa.  
Calada um pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a fala piedosa,  
Torna a segui-la; e indo por diante,  
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

E destas brandas mostras comovido,  
Que moveram de um tigre o peito duro,  
Co vulto alegre, qual, do Céu subido,  
Torna sereno e claro o ar escuro,  
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,  
Na face a beija e abraça o colo puro;  
De modo que dali, se só se achara,  
Outro novo Cupido se gerara

E, co seu apertando o rosto amado,  
Que os saluços e lágrimas aumenta,  
Como minino da ama castigado,  
Que quem no afaga o choro lhe acrecenta,  
Por lhe pôr em sossego o peito irado,  
Muitos casos futuros lhe apresenta.  
Dos Fados as entranhas revolvendo,  
Desta maneira enfim lhe está dizendo:

- «Fermosa filha minha, não temais  
Perigo algum nos vossos Lusitanos,  
Nem que ninguém comigo possa mais  
Que esses chorosos olhos soberanos;

Que eu vos prometo, filha, que vejais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos,  
Pelos ilustres feitos que esta gente  
Há-de fazer nas partes do Oriente.

«Que, se o facundo Ulisses escapou  
De ser na Ogígia Ilha eterno escravo,  
E se Antenor os seios penetrou  
Ilíricos e a fonte de Timavo,  
E se o piadoso Eneias navegou  
De Cila e de Caríbdis o mar bravo,  
Os vossos, mores cousas atentando,  
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

«Fortalezas, cidades e altos muros  
Por eles vereis, filha, edificados;  
Os Turcos belacíssimos e duros  
Deles sempre vereis desbaratados;  
Os Reis da Índia, livres e seguros,  
Vereis ao Rei potente sojugados,  
E por eles, de tudo enfim senhores,  
Serão dadas na terra leis milhores.

«Vereis este que agora, pressuroso,  
Por tantos medos o Indo vai buscando,  
Tremar dele Neptuno de medroso,  
Sem vento suas águas encrespando.  
Ó caso nunca visto e milagroso,  
Que trema e ferva o mar, em calma estando!  
Ó gente forte e de altos pensamentos,  
Que também dela hão medo os Elementos!

«Vereis a terra que a água lhe tolhia,  
Que inda há-de ser um porto mui decente,  
Em que vão descansar da longa via  
As naus que navegarem do Ocidente  
Toda esta costa, enfim, que agora urdia  
O mortífero engano, obediente  
Lhe pagará tributos, conhecendo  
Não poder resistir ao Luso horrendo.

«E vereis o Mar Roxo, tão famoso,  
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;  
Vereis de Ormuz o Reino poderoso  
Duas vezes tomado e sojugado.  
Ali vereis o Mouro furioso  
De suas mesmas setas traspasado;  
Que quem vai contra os vossos, claro veja  
Que, se resiste, contra si peleja.

«Vereis a inexpugnável Dio forte  
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;  
Ali se mostrará seu preço e sorte,  
Feitos de armas grandíssimos fazendo.  
Envejoso vereis o grão Mavorte  
Do peito Lusitano, fero e horrendo;  
Do Mouro ali verão que a voz extrema do falso.  
Mahamede ao Céu blasfema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
O qual virá depois a ser senhora  
De todo o Oriente, e sublimada  
Cos triunfos da gente vencedora.  
Ali, soberba, altiva e exalçada,  
Ao Gentio que os Ídolos adora  
Duro freio porá, e a toda a terra  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

«Vereis a fortaleza sustentar-se  
De Cananor, com pouca força e gente;  
E vereis Calecu desbaratar-se,  
Cidade populosa e tão potente;  
E vereis em Cochim assinalar-se  
Tanto um peito soberbo e insolente  
Que cítara jamais cantou vitória  
Que assi mereça eterno nome e glória.

«Nunca com Marte instruto e furioso  
Se viu ferver Leucate, quando Augusto  
Nas civis Áctias guerras, animoso,  
O Capitão venceu Romano injusto,  
Que dos povos de Aurora e do famoso  
Nilo e do Bactra Cítico e robusto  
A vitória trazia e presa rica,  
Preso da Egípcia linda e não pudica,

«Como vereis o mar fervendo aceso  
Cos incêndios dos vossos, pelejando,  
Levando o Idololatra e o Mouro preso,  
De nações diferentes triunfando;  
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,  
Até o longico China navegando  
E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

«De modo, filha minha, que de jeito  
Amostrarão esforço mais que humano,  
Que nunca se verá tão forte peito,

Do Gangético mar ao Gáditano,  
Nem das Boreais ondas ao Estreito  
Que mostrou o agravado Lusitano,  
Posto que em todo o mundo, de afrontados,  
Re[s]sucitassem todos os passados.»

Como isto disse, manda o consagrado  
Filho de Maia à Terra, por que tenha  
Um pacífico porto e sossegado,  
Pera onde sem receio a frota venha;  
E, pera que em Mombaça, aventurado,  
O forte Capitão se não detenha,  
Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse  
A terra onde quieto repousasse.

Já pelo ar o Cileneu voava;  
Com as asas nos pés à Terra dece;  
Sua vara fatal na mão levava,  
Com que os olhos cansados adormece;  
Com esta, as tristes almas revocava  
Do Inferno, e o vento lhe obedece;  
Na cabeça o galero costumado;  
E destarte a Melinde foi chegado.

Consigo a Fama leva, por que diga  
Do Lusitano o preço grande e raro,  
Que o nome ilustre a um certo amor obriga,  
E faz, a quem o tem, amado e caro.  
Destarte vai fazendo a gente, amiga,  
Co rumor famosíssimo e perclaro.  
Já Melinde em desejos arde todo  
De ver da gente forte o gesto e modo.

Dali pera Mombaça logo parte,  
Aonde as naus estavam temerosas,  
Pera que à gente mande que se aparte  
Da barra imiga e terras suspeitosas;  
Porque mui pouco val esforço e arte  
Contra infernais vontades enganosas;  
Pouco val coração, astúcia e siso,  
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

Meio caminho a noite tinha andado,  
E as Estrelas no Céu, co a luz alheia,  
Tinham largo Mundo alumiado,  
E só co sono a gente se recreia.  
O Capitão ilustre, já cansado  
De vigiar a noite que arreceia,

Breve repouso antão aos olhos dava,  
A outra gente a quartos vigiava;

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,  
Dizendo: - «fuge, fuge, Lusitano,  
Da cilada que o Rei malvado tece,  
Por te trazer ao fim e extremo dano!  
Fuge, que o vento e o Céu te favorece;  
Serenos o tempo tens e o Oceano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes seguro agasalhar-te!

«Não tens aqui senão aparelhado  
O hospício que o cru Diomedes dava,  
Fazendo ser manjar acostumado  
De cavalos a gente que hospedava;  
As aras de Busíris infamado,  
Onde os hóspedes tristes imolava,  
Terás certas aqui, se muito esperas:  
Fuge das gentes pérfidas e feras!

- «Vai-te ao longo da costa percorrendo  
E outra terra acharás de mais verdade  
Lá quasi junto donde o Sol, ardendo,  
Iguala o dia e noite em quantidade;  
Ali tua frota alegre recebendo,  
Um Rei, com muitas obras de amizade,  
Gasalhado seguro te daria  
E, pera a Índia, certa e sábia guia.»

Isto Mercúrio disse, e o sono leva  
Ao Capitão, que, com mui grande espanto,  
Acorda e vê ferida a escura treva  
De ùa súbita luz e raio santo;  
E vendo claro quanto lhe releva  
Não se deter na terra inica tanto,  
Com novo esprito ao mestre seu mandava  
Que as velas desse ao vento que assoprava.

- «Dai velas (disse) dai ao largo vento,  
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;  
Que um mensageiro vi do claro Assento,  
Que só em favor de nossos passos anda.»  
Alevanta-se nisto o movimento  
Dos marinheiros, de ùa e de outra banda;  
Levam gritando as âncoras acima,  
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste tempo que as ancoras levavam,



Na sombra escura os Mouros escondidos  
Mansamente as amarras lhe cortavam,  
Por serem, dando à costa, destruídos;  
Mas com vista de lince vigiavam  
Os Portugueses, sempre apercebidos;  
Eles, como acordados os sentiram,  
Voando, e não remando, lhe fugiram.

Mas já as agudas proas apartando  
Iam as vias húmidas de argento;  
Assopra-lhe galerno o vento e brando,  
Com suave e seguro movimento.  
Nos perigos passados vão falando,  
Que mal se perderão do pensamento  
Os casos grandes, donde em tanto aperto  
A vida em salvo escapa por acerto.

Tinha ùa volta dado o Sol ardente  
E noutra começava, quando viram  
No longe dous navios, brandamente  
Cos ventos navegando, que respiram.  
Porque haviam de ser da Maura gente,  
Pera eles arribando, as velas viram.  
Um, de temor do mal que arreceava,  
Por se salvar a gente à costa dava.

Não é o outro que fica tão manhoso,  
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,  
Sem o rigor de Marte furioso.  
E sem a fúria horrenda de Vulcano;  
Que, como fosse débil e medroso.  
Da pouca gente o fraco peito humano,  
Não teve resistência; e, se a tivera,  
Mais dano, resistindo, recebera.

E como o Gama muito desejasse  
Piloto pera a Índia, que buscava,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,  
Mas não lhe sucedeu como cuidava;  
Que nenhum deles há que lhe ensinasse  
A que parte dos céus a Índia estava;  
Porém dizem-lhe todos que tem perto  
Melinde, onde acharão piloto certo.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,  
Condição liberal, sincero peito,  
Magnificência grande e humanidade,  
Com partes de grandíssimo respeito.  
O Capitão o assela por verdade,

Porque já lho dissera deste jeito  
O Cileneu em sonhos; e partia  
Pera onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre, quando entrava  
No roubador de Europa a luz Febeia,  
Quando um e o outro corno lhe aqueitava,  
E Flora derramava o de Amalteia;  
A memória do dia renovava  
O pres[s]uroso Sol, que o Céu rodeia,  
Em que Aquele a quem tudo está sujeito  
O selo pôs a quanto tinha feito;

Quando chegava a frota àquela parte  
Onde o Reino Melinde já se via,  
De toldos adornada e leda de arte  
Que bem mostra estimar o Santo dia.  
Treme a bandeira, voa o estandarte,  
A cor purpúrea ao longe aparecia;  
Soam os atambores e pandeiros;  
E assi entravam ledos e guerreiros.

Enche-se toda a praia Melindana  
Da gente que vem ver a leda armada,  
Gente mais verdadeira e mais humana  
Que toda a doutra terra atrás deixada.  
Surge diante a frota Lusitana,  
Pega no fundo a âncora pesada;  
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,  
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

O Rei, que já sabia da nobreza  
Que tanto os Portugueses engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza  
Quanto a gente fortíssima merece;  
E com verdadeiro ânimo e pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece,  
Lhe manda rogar muito que saíssem  
Pera que de seus reinos se servissem.

São oferecimentos verdadeiros  
E palavras sinceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros  
Que tanto mar e terras têm passadas.  
Manda-lhe mais lanígeros carneiros  
E galinhas domésticas cevadas,  
Com as frutas que antão na terra havia;  
E a vontade à dádiva excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
O mensageiro ledo e seu recado;  
E logo manda ao Rei outro presente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpúrea, cor ardente,  
O ramoso coral, fino e prezado,  
Que debaixo das águas mole crece,  
E, como é fora delas, se endurece.

Manda mais um, na prática elegante,  
Que co Rei nobre as pazes concertasse  
E que de não sair, naquele instante,  
De suas naus em terra, o desculpasse.  
Partido assi o embaixador prestante,  
Como na terra ao Rei se apresentasse,  
Com estilo que Palas lhe ensinava,  
Estas palavras tais falando orava:

- «Sublime Rei, a quem do Olimpo puro  
Foi da suma Justiça concedido  
Refrear o soberbo povo duro,  
Não menos dele amado, que temido:  
Como porto mui forte e mui seguro,  
De todo o Oriente conhecido,  
Te vimos a buscar, pera que achemos  
Em ti o remédio certo que queremos.

«Não somos roubadores que, passando  
Pelas fracas cidades descuidadas,  
A ferro e a fogo as gentes vão matando,  
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;  
Mas, da soberba Europa navegando,  
Imos buscando as terras apartadas  
Da Índia, grande e rica, por mandado  
De um Rei que temos, alto e sublimado.

«Que geração tão dura há i de gente,  
Que bárbaro costume e usança feia,  
Que não vedem os portos tão somente,  
Mas inda o hospício da deserta areia?  
Que má tenção, que peito em nós se sente,  
Que de tão pouca gente se arreceia?  
Que, com laços armados, tão fingidos,  
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

«Mas tu, em quem mui certo confiamos  
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,  
E aquela certa ajuda em ti esperamos

Que teve o perdido Ítaco em Alcino,  
A teu porto seguros navegamos,  
Conduzidos do intérprete divino;  
Que, pois a ti nos manda, está mui  
Claro Que és de peito sincero, humano e raro.

«E não cuides, ó Rei, que não saísse  
O nosso Capitão esclarecido  
A ver-te ou a servir-te, porque visse  
Ou suspeitasse em ti peito fingido;  
Mas saberás que o fez, por que cumprisse  
O regimento, em tudo obedecido,  
De seu Rei, que lhe manda que não saia,  
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

«E porque é de vassalos o exercício  
Que os membros têm, regidos da cabeça,  
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,  
Que ninguém a seu Rei desobedeça;  
Mas as mercês e o grande benefício  
Que ora acha em ti, promete que conheça  
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,  
Enquanto os rios pera o mar correrem.»

Assi dizia; e todos juntamente,  
Uns com outros em prática falando,  
Louvavam muito o estômago da gente  
Que tantos céus e mares vai passando;  
E o Rei ilustre, o peito obediente  
Dos Portugueses na alma imaginando,  
Tinha por valor grande e mui subido  
O do Rei que é tão longe obedecido;

E com risonha vista e ledó aspeito,  
Responde ao embaixador, que tanto estima:  
- «Toda a suspeita má tirai do peito,  
Nenhum frio temor em vós se imprima,  
Que vosso preço e obras são de jeito  
Pera vos ter o mundo em muita estima;  
E quem vos fez molesto tratamento  
Não pode ter subido pensamento.

«De não sair em terra toda a gente,  
Por observar a usada preminência,  
Ainda que me pese estranhamente,  
Em muito tenho a muita obediência  
Mas, se lho o regimento não consente,  
Nem eu consentirei que a excelência

De peitos tão leais em si desfaça,  
Só porque a meu desejo satisfaça.

«Porém, como a luz crástina chegada  
Ao mundo for, em minhas almadias  
Eu irei visitar a forte armada,  
Que ver tanto desejo há tantos dias.  
E, se vier do mar desbaratada  
Do furioso vento e longas vias,  
Aqui terá de limpos pensamentos  
Piloto, munições e mantimentos.»

Isto disse; e nas águas se escondia  
O filho de Latona; e o mensageiro,  
Co a embaixada, alegre se partia  
Pera a frota no seu batel ligeiro.  
Enchem-se os peitos todos de alegria,  
Por terem o remédio verdadeiro  
Pera acharem a terra que buscavam;  
E assi ledos a noite festejavam.

Não faltam ali os raios de artifício,  
Os trémulos cometas imitando;  
Fazem os bombardeiros seu ofício,  
O céu, a terra e as ondas atroando;  
Mostra-se dos Ciclopas o exercício,  
Nas bombas que de fogo estão queimando;  
Outros com vozes com que o céu feriam,  
Instrumentos altíssonos tangiam.

Respondem-lhe da terra juntamente,  
Co raio volteando com zunido;  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoira o pó sulfúreo escondido;  
A grita se alevanta ao céu, da gente;  
O mar se via em fogos acendido  
E não menos a terra; e assi festeja  
Um ao outro, à maneira de peleja.

Mas já o Céu inquieto, revolvendo,  
As gentes incitava a seu trabalho;  
E já a mãe de Menon, a luz trazendo  
Ao sono longo punha certo atalho;  
Iam-se as sombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra em frio orvalho,  
Quando o Rei Melindano se embarcava,  
A ver a frota que no mar estava.

Viam-se em derredor ferver as praias,  
Da gente que a ver só concorre leda;  
Luzem da fina púrpura as cabaias,  
Lustram os panos da tecida seda.  
Em lugar de guerreiras azagaias  
E do arco que os cornos arremeda  
Da Lúa, trazem ramos de palmeira,  
Dos que vencem, coroa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado  
Vinha de sedas de diversas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu Reino e de senhores.  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes e primores;  
Na cabeça, ùa fota guarnecida  
De ouro, e de seda e de algodão tecida;

Cabaia de Damasco rico e dino,  
Da Tíria cor, entre eles estimada;  
Um colar ao pescoço, de ouro fino,  
Onde a matéria da obra é superada,  
Cum resplendor reluze adamantino;  
Na cinta a rica adaga, bem lavrada;  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

Com um redondo emparo alto de seda,  
Nüa alta e dourada hástea enxerido,  
Um ministro à solar quentura veda  
Que não ofenda e queime o Rei subido.  
Música traz na proa, estranha e leda,  
De áspero som, horrissono ao ouvido,  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido, o Lusitano,  
Nos seus batéis, da frota se partia,  
A receber no mar o Melindano,  
Com lustrosa e honrada companhia.  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,  
Mas Francesa era a roupa que vestia,  
De cetim da Adriática Veneza,  
Carmesi, cor que a gente tanto preza;

De botões d'ouro as mangas vêm tomadas  
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;  
As calças soldadescas, recamadas  
Do metal que Fortuna a tantos nega;

E com pontas do mesmo, delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta e achega;  
Ao Itálico modo a áurea espada;  
Pruma na gorra, um pouco declinada.

Nos de sua companhia se mostrava  
Da tinta que dá o múrice excelente  
A vária cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do traje diferente.  
Tal o fermoso esmalte se notava  
Dos vestidos, olhados juntamente,  
Qual aparece o arco rutilante  
Da bela Ninfa, filha de Taumante.

Sonorosas trombetas incitavam  
Os ânimos alegres, ressoando;  
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,  
Os toldos pelas águas arrojando;  
As bombardas horríssonas bramavam,  
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;  
Amiúdam-se os brados acendidos,  
Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.

Já no batel entrou do Capitão  
O Rei, que nos seus braços o levava;  
Ele, co a cortesia que a razão  
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.  
Cüas mostras de espanto e admiração,  
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,  
Como quem em mui grande estima tinha  
Gente que de tão longe à Índia vinha.

E com grandes palavras lhe oferece  
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,  
E que, se mantimento lhe falece,  
Como se próprio fosse, lho pedisse.  
Diz-lhe mais que por fama bem conhece  
A gente Lusitana, sem que a visse;  
Que já ouviu dizer que noutra terra  
Com gente de sua Lei tivesse guerra;

E como por toda Africa se soa,  
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram  
Quando nela ganharam a coroa  
Do Reino onde as Hespéridas viveram;  
E com muitas palavras apregoa  
O menos que os de Luso mereceram  
E o mais que pela fama o Rei sabia;  
Mas desta sorte o Gama respondia:

- «Ó tu que, só, tiveste piedade,  
Rei benigno, da gente Lusitana,  
Que com tanta miséria e adversidade  
Dos mares exprimenta a fúria insana:  
Aquela alta e divina Eternidade  
Que o Céu revolve e rege a gente humana,  
Pois que de ti tais obras recebemos,  
Te pague o que nós outros não podemos.

«Tu só, de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz, do mar profundo;  
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo  
Refúgio achamos, bom, fido e jocundo.  
Enquanto apacentar o largo Pólo  
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,  
Onde quer que eu viver, com fama e glória  
Viverão teus louvores em memória.»

Isto dizendo, os barcos vão remando  
Pera a frota, que o Mouro ver deseja;  
Vão as naus ùa e ùa rodeando,  
Por que de todas tudo note e veja.  
Mas pera o Céu Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja  
E as trombetas canoras lhe tangiam;  
Cos anafis os Mouros respondiam.

Mas, depois de ser tudo já notado  
Do generoso Mouro, que pasmava  
Ouvindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostrava,  
Mandava estar quieto e ancorado  
N'água o batel ligeiro que os levava,  
Por falar de vagar co forte Gama  
Nas cousas de que tem notícia e fama.

Em práticas o Mouro diferentes  
Se deleitava, perguntando agora  
Pelas guerras famosas e excelentes  
Co povo havidas que a Mafoma adora;  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
De toda a Hespéria última, onde mora;  
Agora, pelos povos seus vizinhos,  
Agora, pelos húmidos caminhos.

- «Mas antes, valeroso Capitão,



Nos conta (lhe dizia), diligente,  
Da terra tua o clima e região  
Do mundo onde morais, distintamente;  
E assi de vossa antiga geração,  
E o princípio do Reino tão potente,  
Cos sucessos das guerras do começo,  
Que, sem sabê-las, sei que são de preço;

«E assi também nos conta dos rodeios  
Longos em que te traz o Mar irado,  
Vendo os costumes bárbaros, alheios,  
Que a nossa Africa ruda tem criado;  
Conta, que agora vêm cos áureos freios  
Os cavalos que o carro marchetado  
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;  
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

«E não menos co tempo se parece  
O desejo de ouvir-te o que contares;  
Que quem há que por fama não conhece  
As obras Portuguesas singulares?  
Não tanto desviado resplandece  
De nós o claro Sol, pera julgares  
Que os Melindanos têm tão rudo peito  
Que não estimem muito um grande feito.

«Cometeram soberbos os Gigantes,  
Com guerra vã, o Olimpo claro e puro;  
Tentou Perito e Teseu, de ignorantes,  
O Reino de Plutão, horrendo e escuro.  
Se houve feitos no mundo tão possantes,  
Não menos é trabalho ilustre e duro,  
Quanto foi cometer Inferno e Céu,  
Que outrem cometa a fúria de Nereu.

«Queimou o sagrado templo de Diana,  
Do sutil Tesifônio fabricado,  
Heróstrato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo e nomeado.  
Se também com tais obras nos engana  
O desejo de um nome aventajado,  
Mais razão há que queira eterna glória  
Quem faz obras tão dínas de memória.».

### **Canto III**

AGORA tu, Calíope, me ensina

O que contou ao Rei o ilustre Gama;

Inspira imortal canto e voz divina  
Neste peito mortal, que tanto te ama.  
Assi o claro inventor da Medicina,  
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,  
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,  
Te negue o amor devido, como soe.

Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,  
Como merece a gente Lusitana;  
Que veja e saiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre e mana.  
Deixa as flores de Pindo, que já vejo  
Banhar-me Apolo na água soberana;  
Senão direi que tens algum receio  
Que se escureça o teu querido Orfeio.

Prontos estavam todos escuitando  
O que o sublime Gama contaria,  
Quando, depois de um pouco estar cuidando  
Alevantando o rosto, assi dizia:  
- «Mandas-me, ó Rei, que conte declarando  
De minha gente a grão genealogia;  
Não me mandas contar estranha história,  
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

«Que outrem possa louvar esforço alheio,  
Cousa é que se costuma e se deseja;  
Mas louvar os meus próprios, arreceio  
Que louvor tão suspeito mal me esteja;  
E, pera dizer tudo, temo e creio  
Que qualquer longo tempo curto seja;  
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;  
Irei contra o que devo, e serei breve.

«Além disso, o que a tudo enfim me obriga  
É não poder mentir no que disser,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me há-de ficar inda por dizer.  
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,  
Segundo o que desejas de saber,  
Primeiro tratarei da larga terra,  
Despois direi da sanguinosa guerra.

«Entre a Zona que o Cancro senhoreia,  
Meta Setentrional do Sol luzente,  
E aquela que por fria se arreceia  
Tanto, como a do meio por ardente,  
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,

Pela parte do Arcturo e do Ocidente.  
Com suas salsas ondas o Oceano,  
E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
Com Asia se avizinha; mas o rio  
Que dos Montes Rifeios vai correndo  
Na alagoa Meótis, curvo e frio,  
As divide, e o mar que, fero e horrendo,  
Viu dos Gregos o irado senhorio,  
Onde agora de Tróia triunfante  
Não vê mais que a memória o navegante.

«Lá onde mais debaixo está do Pólo  
Os Montes Hiperbóreos aparecem  
E aqueles onde sempre sopra Eolo,  
E co nome dos sopros se ennobrecem  
Aqui tão pouca força têm de Apolo  
Os raios que no mundo resplandecem,  
que a neve está contino pelos montes,  
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

«Aqui dos Citas grande quantidade  
Vivem, que antigamente grande guerra  
Tiveram, sobre a humana antiguidade,  
Cos que tinham então a Egípcia terra;  
Mas quem tão fora estava da verdade  
(Já que o juízo humano tanto erra),  
Pera que do mais certo se informara,  
Ao campo Damasceno o perguntara.

«Agora nestas partes se nomeia  
A Lápia fria, a inculta Noruega,  
Escandinávia Ilha, que se arreia  
Das vitórias que Itália não lhe nega.  
Aqui, enquanto as águas não refreia  
O congelado Inverno, se navega  
Um braço do Sarmático Oceano  
Pelo Brús[s]io, Suécio e frio Dano.

«Entre este Mar e o Tánais vive estranha  
Gente, Rutenos, Moscos e Livónios,  
Sármatas outro tempo; e na montanha  
Hircínia os Marcomanos são Polónios.  
Sujeitos ao Império de Alemanha  
São Saxones, Boémios e Panónios  
E outras várias nações, que o Reno frio  
Lava, e o Danúbio, Amásis e Álbis rio.

«Entre o remoto Istro e o claro Estreito  
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
Estão os Traces de robusto peito,  
Do fero Marte pátria tão querida,  
Onde, co Hemo, o Ródope sujeito  
Ao Otomano está, que sometida  
Bizâncio tem a seu serviço indino:  
- Boa injúria do grande Costantino!

«Logo de Macedónia estão as gentes,  
A quem lava do Áxio a água fria;  
E vós também, ó terras excelentes  
Nos costumes, engenhos e ousadia,  
Que criastes os peitos eloquentes  
E os juízos de alta fantasia,  
Com quem tu, clara Grécia, o Céu penetras,  
E não menos por armas, que por letras.

«Logo os Dálmatas vivem; e no seio  
Onde Antenor já muros levantou,  
A soberba Veneza está no meio  
Das águas, - que tão baixa começou.  
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio  
De esforço, nações várias sujeitou;  
Braço forte, de gente sublimada  
Não menos nos engenhos que na espada.

«Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos muros naturais por outra parte;  
Pelo meio o divide o Apenino,  
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;  
Mas, depois que o Porteiro tem divino,  
Perdendo o esforço veio e bélica arte;  
Pobre está já de antiga potestade.  
Tanto Deus se contenta de humildade!

«Gália ali se verá, que nomeada  
Cos Cesáreos triunfos foi no mundo;  
Que do Séquana e Ródano é regada  
E do Garuna frio e Reno fundo.  
Logo os montes da Ninfa sepultada,  
Pirene, se alevantam, que, segundo  
Antiguidades contam, quando arderam,  
Rios de ouro e de prata então correram.

«Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo senhorio e glória estranha  
Muitas voltas tem dado a fatal roda;  
Mas nunca poderá, com força ou manha,

A Fortuna inquieta por-lhe noda  
Que lha não tire o esforço e ousadia  
Dos belicosos peitos que em si cria.

«Com Tingitânia entesta; e ali parece  
Que quer fechar o Mar Mediterraneo  
Onde o sabido Estreito se ennobrece  
Co extremo trabalho do Tebano.  
Com nações diferentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano;  
Todas de tal nobreza e tal valor  
Que qualquer delas cuida que é melhor.

«Tem o Tarragonês, que se fez claro  
Sujeitando Parténope inquieta;  
O Navarro, as Astúrias, que reparo  
Já foram contra a gente Mahometa;  
Tem o Galego cauto e o grande e raro  
Castelhano, a quem fez o seu Planeta  
Restituidor de Espanha e senhor dela;  
Bétis, Lião, Granada, com Castela.

«Eis aqui, quási cume da cabeça  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a terra se acaba e o mar começa  
E onde Febo repousa no Oceano.  
Este quis o Céu justo que floresta  
Nas armas contra o torpe Mauritano,  
Deitando-o de si fora; e lá na ardente  
África estar quieto o não consente.

«Esta é a ditosa pátria minha amada,  
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa já acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo.  
Esta foi Lusitânia, derivada  
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E nela antão os íncolas primeiros.

«Desta o pastor nasceu que no seu nome  
Se vê que de homem forte os feitos teve;  
Cuja fama ninguém virá que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreve.  
Esta, o Velho que os filhos próprios come,  
Por decreto do Céu, ligeiro e leve,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Criando-a Reino ilustre; e foi destarte:

«Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,

Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que, por armas sanguinas, força e manha,  
A muitos fez perder a vida e a terra.  
Voando deste Rei a fama estranha  
Do Herculano Calpe à Cáspia Serra,  
Muitos, pera na guerra esclarecer-se,  
Vinham a ele e à morte oferecer-se.

«E com um amor intrínseco acendidos  
Da Fé, mais que das honras populares,  
Eram de várias terras conduzidos,  
Deixando a pátria amada e próprios lares.  
Depois que em feitos altos e subidos  
Se mostraram nas armas singulares,  
Quis o famoso Afonso que obras tais  
Levassem prémio dino e dões iguais.

«Destes Anrique (dizem que segundo  
Filho de um Rei de Hungria experimentado)  
Portugal houve em sorte, que no mundo  
Então não era ilustre nem prezado;  
E, pera mais sinal de amor profundo,  
Quis o Rei Castelhana que casado  
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;  
E com ela das terras tomou posse.

«Este, depois que contra os descendentes  
Da escrava Agar vitórias grandes teve,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deve,  
Em prémio destes feitos excelentes  
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,  
Um filho que ilustrasse o nome ufano  
Do belicoso Reino Lusitano.

«Já tinha vindo Anrique da conquista  
Da cidade Hierosólina sagrada,  
E do Jordão a areia tinha vista,  
Que viu de Deus a carne em si lavada  
(Que, não tendo Godfredo a quem resista,  
Depois de ter Judeia sojugada,  
Muitos que nestas guerras o ajudaram  
Pera seus senhorios se tornaram);

«Quando, chegado ao fim de sua idade,  
O forte e famoso Húngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O espirito deu a Quem lho tinha dado.  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pai deixava seu traslado,

Que do mundo os mais fortes igualava:  
Que de tal pai tal filho se esperava.

«Mas o velho rumor - não sei se errado,  
Que em tanta antiguidade não há certeza -  
Conta que a mãe, tomando todo o estado,  
Do segundo himeneu não se despreza.  
O filho órfão deixava deserdado,  
Dizendo que nas terras a grandeza  
Do senhorio todo só sua era,  
Porque, pera casar, seu pai lhas dera.

«Mas o Príncipe Afonso (que destarte  
Se chamava, do avô tomando o nome),  
Vendo-se em suas terras não ter parte,  
Que a mãe com seu marido as manda e come,  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome:  
Revolvidas as causas no conceito,  
Ao propósito firme segue o efeito.

«De Guimarães o campo se tingia  
Co sangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor e a terra.  
Co ele posta em campo já se via;  
E não vê a soberba o muito que erra  
Contra Deus, contra o maternal amor;  
Mas nela o sensual era maior.

«Ó Progne crua, ó mágica Medeia!  
Se em vossos próprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhai que inda Teresa peca mais!  
Incontinência má, cobiça feia,  
São as causas deste erro principais:  
Cila, por ùa mata o velho pai;  
Esta, por ambas, contra o filho vai.

«Mas já o Príncipe claro o vencimento  
Do padraсто e da inica mãe levava;  
Já lhe obedece a terra, num momento,  
Que primeiro contra ele pelejava;  
Porém, vencido de ira o entendimento,  
A mãe em ferros ásperos atava;  
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.  
Tanta veneração aos pais se deve!

«Eis se ajunta o soberbo Castelhana  
Pera vingar a injúria de Teresa,

Contra o, tão raro em gente, Lusitano,  
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angélica defesa,  
Não só contra tal fúria se sustenta,  
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

«Não passa muito tempo, quando o forte  
Príncipe em Guimarães está cercado  
De infinito poder, que desta sorte  
Foi refazer-se o imigo magoado;  
Mas, com se oferecer à dura morte  
O fiel Egas amo, foi livrado;  
Que, de outra arte, pudera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.

«Mas o leal vassalo, conhecendo  
Que seu senhor não tinha resistência,  
Se vai ao Castelhana, prometendo  
Que ele faria dar-lhe obediência.  
Levanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa e consciência  
De Egas Moniz; mas não consente o peito  
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

«Chegado tinha o prazo prometido,  
Em que o Rei Castelhana já aguardava  
Que o Príncipe, a seu mando sometido.  
Lhe desse a obediência que esperava.  
Vendo Egas que ficava fementido,  
O que dele Castela não cuidava,  
Determina de dar a doce vida  
A troco da palavra mal cumprida.

«E com seus filhos e mulher se parte  
A alevantar co eles a fiança,  
Descalços e despídos, de tal arte  
Que mais move a piedade que a vingança.  
- «Se pretendes, Rei alto, de vingar-te  
De minha temerária confiança  
(Dizia) eis aqui venho oferecido  
A te pagar co a vida o prometido

«Vês aqui trago as vidas inocentes  
Dos filhos sem pecado e da consorte;  
Se a peitos generosos e excelentes  
Dos fracos satisfaz a fera morte,  
Vês aqui as mãos e a língua delinquentes:  
Nelas sós exprimenta toda sorte  
De tormentos, de mortes, pelo estilo



De Sínis e do touro de Perilo.»

«Qual diante do algoz o condenado,  
Que já na vida a morte tem bebido,  
Põe no cepo a garganta e já entregado  
Espera pelo golpe tão temido:  
Tal diante do Príncipe indinado  
Egas estava, a tudo oferecido.  
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
Mais pôde, enfim, que a ira, a piedade.

«Ó grão fidelidade Portuguesa  
De vassalo, que a tanto se obrigava!  
Que mais o Persa fez naquela empresa  
Onde rosto e narizes se cortava?  
Do que ao grande Dario tanto pesa,  
Que mil vezes dizendo suspirava  
Que mais o seu Zopiro são prezara  
Que vinte Babilónias que tomara.

«Mas já o Príncipe Afonso aparelhava  
O Lusitano exército ditoso,  
Contra o Mouro que as terras habitava  
De além do claro Tejo deleitoso;  
Já no campo de Ourique se assentava  
O arraial soberbo e belicoso,  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Posto que em força e gente tão pequeno,

«Em nenhũa outra cousa confiado,  
senão no sumo Deus que o Céu regia,  
Que tão pouco era o povo bautizado,  
Que, pera um só, cem Mouros haveria.  
Julga qualquer juízo sossegado  
Por mais temeridade que ousadia  
Cometer um tamanho ajuntamento,  
Que pera um cavaleiro houvesse cento.

«Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
Dos quais o principal Ismar se chama;  
Todos exprimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.  
Seguem guerreiras damas seus amigos,  
Imitando a fermosa e forte Dama  
De quem tanto os Troianos se ajudaram,  
E as que o Termodonte já gostaram.

«A matutina luz, serena e fria,  
As Estrelas do Pólo já apartava,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,

Amostrando-se a Afonso, o animava.  
Ele, adorando Quem lhe aparecia,  
Na Fé todo inflamado assi gritava:  
- «Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis,  
E não a mi, que creio o que podeis!»

«Com tal milagre os ânimos da gente  
Portuguesa inflamados, levantavam  
Por seu Rei natural este excelente  
Príncipe, que do peito tanto amavam;  
E diante do exército potente  
Dos imigos, gritando, o céu tocavam,  
Dizendo em alta voz: - «Real, real,  
Por Afonso, alto Rei de Portugal!»

«Qual cos gritos e vozes incitado,  
Pela montanha, o rábido moloso  
Contra o touro remete, que fiado  
Na força está do corno temeroso;  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçoso,  
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,  
Do bravo a força horrenda se quebranta:

«Tal do Rei novo o estômago acendido  
Por Deus e polo povo juntamente,  
O Bárbaro comete, apercebido  
Co animoso exército rompente.  
Levantam nisto os Perros o alarido  
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,  
As lanças e arcos tomam, tubas soam,  
Instrumentos de guerra tudo atroam!

«Bem como quando a flama, que ateadada  
Foi nos áridos campos (assoprando  
O sibilante Bóreas), animada  
Co vento, o seco mato vai queimando;  
A pastoral companha, que deitada  
Co doce sono estava, despertando  
Ao estridor do fogo que se ateia,  
Recolhe o fato e foge pera a aldeia:

«Destarte o Mouro, atónito e Torvado,  
Toma sem tento as armas mui depressa;  
Não foge, mas espera confiado,  
E o ginete belígero arremessa.  
O Português o encontra denodado,  
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;  
Uns caem meios mortos e outros vão  
A ajuda convocando do Alcorão.

«Ali se vêm encontros temerosos,  
Pera se desfazer ùa alta serra,  
E os animais correndo furiosos  
Que Neptuno amostrou, ferindo a terra;  
Golpes se dão medonhos e forçosos;  
Por toda a parte andava acesa a guerra;  
Mas o de Luso arnês, couraça e malha,  
Rompe, corta desfaz abola e talha.

«Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Pálida a cor, o gesto amortecido.  
Já perde o campo o exército nefando;  
Correm rios do sangue desparzido,  
Com que também do campo a cor se perde,  
Tornado carmesi, de branco e verde.

«Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os troféus e presa rica;  
Desbaratado e roto o Mauro Hispano  
Três dias o grão Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta vitória certifica,  
Cinco escudos azuis esclarecidos,  
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

«E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros por que Deus fora vendido,  
Escrevendo a memória, em vária tinta,  
Daquele de Quem foi favorecido.  
Em cada um dos cinco, cinco pinta,  
Porque assi fica o número cumprido,  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

«Passado já algum tempo que passada  
Era esta grão vitória, o Rei subido  
A tomar vai Leiria, que tomada  
Fora, mui pouco havia, do vencido.  
Com esta a forte Arronches sojugada  
Foi juntamente; e o sempre ennobrecido  
Scabelicastro, cujo campo ameno  
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

«A estas nobres vilas sometidas  
Ajunta também Mafra, em pouco espaço,  
E, nas serras da Lúa conhecidas,

Sojuga a fria Sintra o duro braço;  
Sintra, onde as Naiades, escondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço  
Onde Amor as enreda brandamente,  
Nas águas acendendo fogo ardente.

«E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Fácilmente das outras és princesa,  
Que edificada foste do facundo  
Por cujo engano foi Dardânia acesa;  
Tu a quem obedece o Mar profundo  
Obedecestes à força Portuguesa,  
Ajudada também da forte armada  
Que das Boreais partes foi mandada.

«Lá do Germânico Álbis e do Reno  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o povo Sarraceno  
Muitos com tenção santa eram partidos.  
Entrando a boca já do Tejo ameno,  
Co arraial do grande Afonso unidos,  
Cuja alta fama antão subia aos céus,  
Foi posto cerco aos muros Ulisseus.

«Cinco vezes a Lúa se escondera  
E outras tantas mostrara cheio o rosto,  
Quando a cidade, entrada, se rendera  
Ao duro cerco que lhe estava posto  
Foi a batalha tão sanguina e fera  
Quanto obrigava o firme pros[s]uposto  
De vencedores ásperos e ousados  
E de vencidos já desesperados.

«Destarte, enfim, tomada se rendeu  
Aquela que, nos tempos já passados,  
À grande força nunca obedeceu  
Dos frios povos Cíticos ousados,  
Cujos poder a tanto se estendeu  
Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados;  
E, enfim, co Bétis tanto alguns puderam  
Que à terra, de Vandália nome deram.

«Que cidade tão forte porventura  
Haverá que resista, se Lisboa  
Não pôde resistir à força dura  
Da gente cuja fama tanto voa?  
Já lhe obedece toda a Estremadura,  
Óbidos, Alanquer, por onde soa  
O tom das frescas águas entre as pedras,  
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

«E vós também, ó terras Transtaganas,  
Afamadas co dom da flava Ceres,  
Obedeceis às forças mais que humanas,  
Entregando-lhe os muros e os poderes;  
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,  
Se sustentar a fértil terra queres:  
Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,  
E Alcáçare do Sal estão rendidas.

«Eis a nobre cidade, certo assento  
Do rebelde Sertório antigamente,  
Onde ora as águas nítidas de argento  
Vêm sustentar de longo a terra e a gente  
Pelos arcos reais, que, cento e cento,  
Nos ares se alevantam nobremente,  
Obedeceu por meio e ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

«Já na cidade Beja vai tomar  
Vingança de Trancoso destruída  
Afonso, que não sabe sossegar,  
Por estender co a fama a curta vida.  
Não se lhe pode muito sustentar  
A cidade; mas, sendo já rendida,  
Em toda a cousa viva a gente irada  
Provando os fios vai da dura espada.

«Com estas sojugada foi Palmela  
E a piscosa Sesimbra e, juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrela,  
Desbarata um exército potente  
(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela),  
Que a socorrê-la vinha diligente  
Pela fralda da serra, descuidado  
Do temeroso encontro inopinado.

«O Rei de Badajoz era, alto Mouro,  
Com quatro mil cavalos furiosos,  
Inúmeros peões, de armas e de ouro  
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos;  
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro,  
Cos ciúmes da vaca, arreceosos,  
Sentindo gente, o bruto e cego amante  
Salteia o descuidado caminhante:

«Destarte Afonso, súbito mostrado,  
Na gente dá, que passa bem segura;  
Fere, mata, derriba, denodado;  
Foge o Rei Mouro e só da vida cura;

Dum pânico terror todo assombrado,  
Só de segui-lo o exército procura;  
Sendo estes que fizeram tanto abalo  
Nô mais que só sessenta de cavalo.

«Logo segue a vitória, sem tardança,  
O grão Rei incansável, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja usança  
Era andar sempre terras conquistando.  
Cercar vai Badajoz e logo alcança  
O fim de seu desejo, pelejando  
Com tanto esforço e arte e valentia,  
Que a fez fazer às outras companhia.

«Mas o alto Deus, que pera longe guarda  
O castigo daquele que o merece,  
Ou pera que se emende, às vezes tarda,  
Ou por segredos que homem não conhece  
Se até qui sempre o forte Rei resguarda  
Dos perigos a que ele se oferece,  
Agora lhe não deixa ter defesa  
Da maldição da mãe que estava presa:

«Que, estando na cidade que cercara,  
Cercado nela foi dos Lioneses,  
Porque a conquista dela lhe tomara,  
De Lião sendo, e não dos Portugueses.  
A pertinácia aqui lhe custa cara,  
Assi como acontece muitas vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso  
À batalha, onde foi vencido e preso.

«Ó famoso Pompeio, não te pene  
De teus feitos ilustres a ruína,  
Nem ver que a justa Némesis ordene  
Ter teu sogro de ti vitória dina,  
Posto que o frio Fásis ou Siene,  
Que pera nenhum cabo a sombra inclina,  
O Bootes gelado e a linha ardente  
Temessem o teu nome geralmente.

«Posto que a rica Arábia e que os feroces  
Heníocos e Colcos, cuja fama  
O Véu dourado estende, e os Capadoces  
E Judeia, que um Deus adora e ama,  
E que os moles Sofenos e os atroces  
Cilícios, com a Arménia, que derrama  
As águas dos dous rios cuja fonte  
Está noutro mais alto e santo monte,

«E posto, enfim, que desd'o mar de Atlante  
Até o Cítico Tauro, monte erguido,  
Já vencedor te vissem, não te espante  
Se o campo Emátio só te viu vencido;  
Porque Afonso verás, soberbo e ovante,  
Tudo render e ser depois rendido.  
Assi o quis o Conselho alto, celeste,  
Que vença o sogro a ti e o genro a este!

«Tornado o Rei sublime, finalmente,  
Do divino Juízo castigado;  
Depois que em Santarém soberbamente,  
Em vão, dos Sarracenos foi cercado,  
E depois que do mártire Vicente  
O santíssimo corpo venerado  
Do Sacro Promontório conhecido  
À cidade Ulisseia foi trazido;

«Por que levasse avante seu desejo,  
Ao forte filho manda o lasso velho  
Que às terras se passasse d'Alentejo,  
Com gente e co belígero aparelho.  
Sancho, d'esforço e d'ânimo sobejo,  
Avante passa e faz correr vermelho  
O rio que Sevilha vai regando,  
Co sangue Mauro, bárbaro e nefando.

«E, com esta vitória cobiçoso,  
Já não descansa o moço, até que veja  
Outro estrago como este, temeroso,  
No Bárbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o Príncipe ditoso  
Sem ver o fim daquilo que deseja.  
Assi estragado, o Mouro na vingança  
De tantas perdas põe sua esperança.

«Já se ajuntam do monte a quem Medusa  
O corpo fez perder que teve o Céu;  
Já vêm do promontório de Ampelusa  
E do Tinge, que assento foi de Anteu.  
O morador de Abila não se escusa,  
Que também com suas armas se moveu,  
Ao som da Mauritana e ronca tuba,  
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

«Entrava, com toda esta companhia,  
O Miralmomini em Portugal;  
Treze Reis mouros leva de valia,  
Entre os quais tem o ceptro Imperial.  
E assi, fazendo quanto mal podia,

O que em partes podia fazer mal,  
Dom Sancho vai cercar em Santarém;  
Porém não lhe sucede muito bem.

«Dá-lhe combates ásperos, fazendo  
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso;  
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,  
Mina secreta, aríete forçoso;  
Porque o filho de Afonso, não perdendo  
Nada do esforço e acordo generoso,  
Tudo provê com ânimo e prudência,  
Que em toda a parte há esforço e resistência.

«Mas o velho, a quem tinham já obrigado  
Os trabalhosos anos ao sossego,  
Estando na cidade cujo prado  
Enverdecem as águas do Mondego,  
Sabendo como o filho está cercado,  
Em Santarém, do Mauro povo cego,  
Se parte diligente da cidade;  
Que não perde a presteza co a idade.

«E co a famosa gente, à guerra usada,  
Vai socorrer o filho; e assi ajuntados,  
A Portuguesa fúria costumada  
Em breve os Mouros tem desbaratados.  
A campina, que toda está coalhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cavalos, jaezes, presa rica,  
De seus senhores mortos cheia fica.

«Logo todo o restante se partiu  
De Lusitânia, postos em fugida;  
O Miralmomini só não fugiu,  
Porque, antes de fugir, lhe fuge a vida.  
A Quem lhe esta vitória permitiu  
Dão louvores e graças sem medida;  
Que, em casos tão estranhos, claramente  
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

«De tamanhas vitórias triunfava  
O velho Afonso, Príncipe subido,  
Quando quem tudo enfim vencendo andava,  
Da larga e muita idade foi vencido.  
A pálida doença lhe tocava,  
Com fria mão, o corpo enfraquecido;  
E pagaram seus anos, deste jeito,  
À triste Libitina seu direito.

«Os altos promontórios o choraram,



E dos rios as águas saúdosas  
Os semeados campos alagaram,  
Com lágrimas correndo piadosas;  
Mas tanto pelo mundo se alargaram,  
Com fama suas obras valerosas,  
Que sempre no seu reino chamarão  
«Afonso! Afonso!» os ecos; mas em vão.

«Sancho, forte mancebo, que ficara  
Imitando seu pai na valentia,  
E que em sua vida já se exprimentara  
Quando o Bétis de sangue se tingia  
E o bárbaro poder desbaratara  
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,  
E mais quando os que Beja em vão cercaram  
Os golpes de seu braço em si provaram;

«Despois que foi por Rei alevantado,  
Havendo poucos anos que reinava,  
A cidade de Silves tem cercado,  
Cujos campos o Bárbaro lavrava.  
Foi das valentes gentes ajudado  
Da Germânica armada que passava,  
De armas fortes e gente apercebida,  
A recobrar Judeia já perdida.

«Passavam a ajudar na santa empresa  
O roxo Federico, que moveu  
O poderoso exército, em defesa  
Da cidade onde Cristo padeceu,  
Quando Guido, co a gente em sede acesa,  
Ao grande Saladino se rendeu,  
No lugar onde aos Mouros sobejavam  
As águas que os de Guido desejavam.

«Mas a fermosa armada, que viera  
Por contraste de vento àquela parte,  
Sancho quis ajudar na guerra fera,  
Já que em serviço vai do santo Marte.  
Assi como a seu pai acontecera  
Quando tomou Lisboa, da mesma arte  
Do Germano ajudado, Silves toma  
E o bravo morador destrui e doma.

«E se tantos troféus do Mahometa  
Alevantando vai, também do forte  
Lionês não consente estar quieta  
A terra, usada aos casos de Mavorte,  
Até que na cerviz seu jugo meta  
Da soberba Tuí, que a mesma sorte

Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,  
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

«Mas, entre tantas palmas salteado  
Da temerosa morte, fica herdeiro  
Um filho seu, de todos estimado,  
Que foi segundo Afonso e Rei terceiro.  
No tempo deste, aos Mauros foi tomado  
Alcáçare do Sal, por derradeiro;  
Porque dantes os Mouros o tomaram,  
Mas agora estruídos o pagaram.

Morto depois Afonso, lhe sucede  
Sancho segundo, manso e descuidado;  
Que tanto em seus descuidos se desmede  
Que de outrem quem mandava era mandado.  
De governar o Reino, que outro pede,  
Por causa dos privados foi privado,  
Porque, como por eles se regia,  
Em todos os seus vícios consentia.

«Não era Sancho, não, tão desonesto  
Como Nero, que um moço recebia  
Por mulher e, depois, horrendo incesto  
Com a mãe Agripina cometia;  
Nem tão cruel às gentes e molesto  
Que a cidade queimasse onde vivia;  
Nem tão mau como foi Heliogabalo,  
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

«Nem era o povo seu tiranizado,  
Como Sicília foi de seus tiranos;  
Nem tinha, como Fálaris, achado  
Género de tormentos inumanos;  
Mas o Reino, de altivo e costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A Rei não obedece nem consente  
Que não for mais que todos excelente.

«Por esta causa, o Reino governou  
O Conde Bolonhês, depois alçado  
Por Rei, quando da vida se apartou  
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.  
Este, que Afonso o Bravo se chamou,  
Depois de ter o Reino segurado,  
Em dilatá-lo cuida, que em terreno  
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

«Da terra dos Algarves, que lhe fora  
Em casamento dada, grande parte

Recupera co braço, e deita fora  
O Mouro, mal querido já de Marte.  
Este de todo fez livre e senhora  
Lusitânia, com força e bélica arte,  
E acabou de oprimir a nação forte,  
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

«Eis despois vem Dinis, que bem parece  
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,  
Com quem a fama grande se escurece  
Da liberalidade Alexandrina.  
Co este o Reino próspero florece  
(Alcançada já a paz áurea divina)  
Em constituições, leis e costumes,  
Na terra já tranquila claros lumes.

«Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva;  
E de Helicon as Musas fez passar-se  
A pisar de Mondego a fértil erva.  
Quanto pode de Atenas desejar-se  
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.  
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,  
Do báculo e do sempre verde louro.

«Nobres vilas de novo edificou,  
Fortalezas, castelos mui seguros,  
E quási o Reino todo reformou  
Com edificios grandes e altos muros;  
Mas despois que a dura Átropos cortou  
O fio de seus dias já maduros,  
Ficou-lhe o filho pouco obediente,  
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

«Este sempre as soberbas Castelhanas  
Co peito desprezou firme e sereno,  
Porque não é das forças Lusitanas  
Temer poder maior, por mais pequeno;  
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,  
A possuir o Hespérico terreno,  
Entraram pelas terras de Castela,  
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

«Nunca com Semirâmis gente tanta  
Veio os campos Idáspicos enchendo,  
Nem Átila, que Itália toda espanta,  
Chamando-se de Deus açoute horrendo,  
Gótica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno bárbaro, estupendo,  
Co poder excessivo de Granada,

Foi nos campos Tartés[s]ios ajuntada.

«E, vendo o Rei sublime Castelhana  
A força inexpugnável, grande e forte,  
Temendo mais o fim do povo Hispano,  
Já perdido ùa vez, que a própria morte,  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano  
Lhe mandava a caríssima consorte,  
Mulher de quem a manda e filha amada  
Daquele a cujo Reino foi mandada.

«Entrava a fermosíssima Maria  
Polos paternais paços sublimados,  
Lindo o gesto, mas fora de alegria,  
E os seus olhos em lágrimas banhados;  
Os cabelos angélicos trazia  
Pelos ebúrneos ombros espalhados.  
Diante do pai ledo, que a agasalha,  
Estas palavras tais, chorando, espalha:

- «Quantos povos a terra produziu  
De Africa toda, gente fera e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduziu  
Pera vir possuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não se viu  
Despois que o salso mar a terra banha  
Trazem ferocidade e furor tanto  
Que a vivos medo e a mortos faz espanto!

«Aquele que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Co pequeno poder, oferecido  
Ao duro golpe está da Maura espada;  
E, se não for contigo socorrido,  
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;  
Viúva e triste e posta em vida escura,  
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

«Portanto, ó Rei, de quem com puro medo  
O corrente Muluca se congela,  
Rompe toda a tardança, acude cedo  
À miseranda gente de Castela.  
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,  
De pai o verdadeiro amor assela,  
Acude e corre, pai, que, se não corres,  
Pode ser que não aches quem socorres.»

«Não de outra sorte a tímida Maria  
Falando está que a triste Vénus, quando  
A Júpiter, seu pai, favor pedia

Pera Eneias, seu filho, navegando;  
Que a tanta piedade o comovia  
Que, caído das mãos o raio infando,  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

«Mas já cos esquadrões da gente armada  
Os Eborenses campos vão coalhados;  
Lustra co Sol o arnês, a lança, a espada;  
Vão rinchando os cavalos jaezados;  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações, à paz acostumados,  
Vai às fulgentes armas incitando,  
Polas concavidades retumbando

«Entre todos no meio se sublima,  
Das insígnias Reais acompanhado,  
O valeroso Afonso, que por cima  
De todos leva o colo alevantado,  
E sòmente co gesto esforça e anima  
A qualquer coração amedrontado.  
Assi entra nas terras de Castela  
Com a filha gentil, Rainha dela.

«Juntos os dous Afonsos, finalmente  
Nos campos de Tarifa estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Pera quem são pequenas campo e monte.  
Não há peito tão alto e tão potente  
Que de desconfiança não se afronte,  
Enquanto não conheça e claro veja  
Que co braço dos seus Cristo peleja.

«Estão de Agar os netos quási rindo  
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,  
As terras como suas repartindo,  
Antemão, entre o exército Agareno,  
Que, com título falso, possuindo  
Está o famoso nome Sarraceno.  
Assi também, com falsa conta e nua,  
À nobre terra alheia chamam sua.

«Qual o membrudo e bárbaro Gigante,  
Do Rei Saul, com causa tão temido,  
Vendo o Pastor inerme estar diante,  
Só de pedras e esforço apercebido,  
Com palavras soberbas, o arrogante,  
Despreza o fraco moço mal vestido,  
Que, rodeando a funda, o desengana  
(Quanto mais pode a Fé que a força humana!)

«Destarte o Mouro pérfido despreza  
O poder dos Cristãos, e não entende  
Que está ajudado da alta Fortaleza  
A quem o Inferno horrífico se rende.  
Co ela o Castelhana, e com destreza,  
De Marrocos o Rei comete e ofende;  
O Português, que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao Reino de Granada.

«Eis as lanças e espadas retiniam  
Por cima dos arneses - bravo estrago! -;  
Chamam (segundo as Leis que ali seguiam),  
Uns Mafamede e os outros Santiago.  
Os feridos com grita o céu feriam,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros, meios mortos, se afogavam,  
Quando do ferro as vidas escapavam.

«Com esforço tamanho estrui e mata  
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.  
De alcançar tal vitória tão barata  
Índa não bem contente o forte braço,  
Vai ajudar ao bravo Castelhana,  
Que pelejando está co Mauritano.

«Já se ia o Sol ardente recolhendo  
Pera a casa de Tétis, e inclinado  
Pera o Ponente, o véspero trazendo,  
Estava o claro dia memorado,  
Quando o poder do Mauro, grande e horrendo,  
Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade que a memória  
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

«Não matou a quarta parte o forte Mário  
Dos que morreram neste vencimento,  
Quando as águas co sangue do adversário  
Fez beber ao exército sedento;  
Nem o Peno, asperíssimo contrário  
Do Romano poder, de nascimento,  
Quando tantos matou da ilustre Roma,  
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

«E se tu tantas almas só pudeste  
Mandar ao Reino escuro de Cocito,  
Quando a santa Cidade desfizeste  
Do povo pertinaz no antigo rito,

Permissão e vingança foi celeste,  
E não força de braço, ó nobre Tito,  
Que assi dos Vates foi profetizado  
E depois por JESU certificado.

«Passada esta tão prospera vitória,  
Tornado Afonso à Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta glória  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, e dino da memória  
Que do sepulcro os homens desenterra.  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi Rainha.

«Tu só, tu, poro Amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

«Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledó e cego,  
Que a Fortuna não deixa durar muito,  
Nos saüdosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

«Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus fermosos se apartavam;  
De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam;  
E quanto, enfim, cuidava e quanto via  
Eram tudo memórias de alegria.

«De outras belas senhoras e Princesas  
Os desejados tálamos enjeita,  
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas,  
O velho pai sesudo, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria,

«Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso.  
Que furor consentiu que a espada fina  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra ùa fraca dama delicada?

«Traziam-a os horríficos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade;  
Mas o povo, com falsas e ferozes  
Razões, à morte crua o persuade.  
Ela, com tristes e piedosas vozes,  
Saídas só da mágoa e saúde  
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,  
Que mais que a própria morte a magoava,

«Pera o céu cristalino alevantando,  
Com lágrimas, os olhos piedosos  
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos);  
E despois nos mininos atentando,  
Que tão queridos tinha e tão mimosos,  
Cuja orfindade como mãe temia,  
Pera o avô cruel assi dizia:

«Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que somente  
Nas rapinas aéreas têm o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão piadoso sentimento  
Como co a mãe de Nino já mostraram,  
E cos irmãos que Roma edificaram:

«Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar ùa donzela,  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la),  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

«E se, vencendo a Maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar vida com clemência  
A quem pera perdê-la não fez erro.  
Mas, se to assi merece esta inocência,



Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,  
Onde em lágrimas viva eternamente.

«Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre liões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.  
Ali, co amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem mouro, criarei  
Estas relíquias suas, que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste.»

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas o pertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra ùa dama, ó peitos carniceros,  
Feros vos amostrais - e cavaleiros?

«Qual contra a linda moça Policena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Aquiles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha;  
Mas ela, os olhos com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha)  
Na mísera mãe postos, que endoudece,  
Ao duro sacrifício se oferece:

«Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, férvidos e irosos  
No futuro castigo não cuidadosos.

«Bem puderas, ó Sol, da vista destes,  
Teus raios apartar aquele dia,  
Como da seva mesa de Tiestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia!  
Vós, ó côncavos vales, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

«Assi como a bonina, que cortada

Antes do tempo foi, cândida e bela,  
Sendo das mãos lacivas maltratada  
Da minina que a trouxe na capela,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está, morta, a pálida donzela,  
Secas do rosto as rosas e perdida  
A branca e viva cor, co a doce vida.

«As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram.  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês, que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água e o nome Amores!

«Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas;  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,  
Que ambos, imigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram, duro e injusto,  
Que com Lépidio e António fez Augusto.

«Este, castigador foi rigoroso  
De latrocínios, mortes e adultérios;  
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,  
Eram os seus mais certos refrigerios.  
As cidades guardando, justiçaoso,  
De todos os soberbos vitupérios,  
Mais ladrões, castigando, à morte deu,  
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

«Do justo e duro Pedro nasce o brando  
(Vede da natureza o desconcerto!),  
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,  
Que todo o Reino pôs em muito aperto;  
Que, vindo o Castelhana devastando  
Às terras sem defesa, esteve perto  
De destruir-se o Reino totalmente;  
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

«Ou foi castigo claro do pecado  
De tirar Lianor a seu marido  
E casar-se com ela, de enlevado  
Num falso parecer mal entendido,  
Ou foi que o coração, sujeito e dado  
Ao vício vil, de quem se viu rendido,

Mole se fez e fraco; e bem parece  
Que um baxo amor os fortes enfraquece.

«Do pecado tiveram sempre a pena  
Muitos, que Deus o quis e permitiu:  
Os que foram roubar a bela Helena,  
E com Ápio também Tarquino o viu.  
Pois por quem David Santo se condena?  
Ou quem o Tribo ilustre destruiu  
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina  
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

«E pois, se os peitos fortes enfraquece  
Um inconcesso amor desatinado,  
Bem no filho de Almena se parece  
Quando em Ônfale andava transformado.  
De Marco António a fama se escurece  
Com ser tanto a Cleópatra afeiçoado.  
Tu também, Peno próspero, o sentiste  
Despois que ùa moça vil na Apúlia viste.

«Mas quem pode livrar-se, porventura,  
Dos laços que Amor arma brandamente  
Entre as rosas e a neve humana pura,  
O ouro e o alabastro transparente?  
Quem, de ùa peregrina fermosura,  
De um vulto de Medusa propriamente,  
Que o coração converte, que tem preso,  
Em pedra, não, mas em desejo aceso?

«Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,  
ùa suave e angélica excelência,  
Que em si está sempre as almas transformando,  
Que tivesse contra ela resistência?  
Desculpado por certo está Fernando,  
Pera quem tem de amor experiência;  
Mas antes, tendo livre a fantasia,  
Por muito mais culpado o julgaria.

#### **Canto IV**

DESPOIS de procelosa tempestade,  
Nocturna sombra e sibilante vento,

Traz a manhã serena claridade,  
Esperança de porto e salvamento;  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Removendo o temor ao pensamento:

Assi no Reino forte aconteceu  
Despois que o Rei Fernando faleceu.

«Porque, se muito os nossos desejaram  
Quem os danos e ofensas vá vingando  
Naqueles que tão bem se aproveitaram  
Do descuido remisso de Fernando,  
Despois de pouco tempo o alcançaram,  
Joane, sempre ilustre, alevantando  
Por Rei, como de Pedro único herdeiro  
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

«Ser isto ordenação dos Céus divina  
Por sinais muito claros se mostrou~  
Quando em Évora a voz de ùa minina,  
Ante tempo falando, o nomeou.  
E, como causa, enfim, que o Céu destina,  
No berço o corpo e a voz alevantou:  
- «Portugal, Portugal (alçando a mão,  
Disse) polo Rei novo, Dom João!»

«Alteradas então do Reino as gentes  
Co ódio que ocupado os peitos tinha,  
Absolutas cruezas e evidentes  
Faz do povo o furor, por onde vinha;  
Matando vão amigos e parentes  
Do adúltero Conde e da Rainha,  
Com quem sua incontinência desonesta  
Mais (despois de viúva) manifesta.

«Mas ele, enfim, com causa desonrado,  
Diante dela a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado,  
Que tudo o fogo erguido queima e corre:  
Quem, como Astianás, precipitado,  
Sem lhe valerem ordens, de alta torre;  
A quem ordens, nem aras, nem respeito;  
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

«Podem-se pôr em longo esquecimento  
As cruezas mortais que Roma viu,  
Feitas do feroz Mário e do cruento  
Cila, quando o contrário lhe fugiu.  
Por isso Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobriu,  
Faz contra Lusitânia vir Castela,  
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

«Beatriz era a filha, que casada  
Co Castelhana está que o Reino pede,

Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castela alevantada,  
Dizendo que esta filha ao pai sucede,  
Suas forças ajunta, pera as guerras,  
De várias regiões e várias terras.

«Vêm de toda a província que de um Brigo  
(Se foi) já teve o nome derivado;  
Das terras que Fernando e que Rodrigo  
Ganharam do tirano e Mauro estado.  
Não estimam das armas o perigo  
Os que cortando vão co duro arado  
Os campos Lioneses, cuja gente  
Cos Mouros foi nas armas excelente.

«Os Vândalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntavam  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Guadalquivir as águas lavam.  
A nobre Ilha também se apercebia  
Que antigamente os Tírios habitavam,  
Trazendo por insígnias verdadeiras  
As Hercúleas colunas nas bandeiras.

«Também vêm lá do Reino de Toledo,  
Cidade nobre e antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno vai, suave e ledó,  
Que das serras de Conca vem manando.  
A vós outros também não tolhe o medo  
Ó sórdidos Galegos, duro bando,  
Que, pera resistirdes, vos armastes,  
Àqueles cujos golpes já provastes.

«Também movem da guerra as negras fúrias  
A gente Bizcainha, que carece  
De polidas razões, e que as injúrias  
Muito mal dos estranhos compadece.  
A terra de Guipúscoa e das Astúrias,  
Que com minas de ferro se ennobrece,  
Armou dele os soberbos moradores,  
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

«Joane, a quem do peito o esforço crece,  
Como a Sansão Hebreio da guedelha,  
Posto que tudo pouco lhe parece,  
Cos poucos do seu Reino se aparelha;  
E, não porque conselho lhe falece,  
Cos principais senhores se aconselha,  
Mas só por ver das gentes as sentenças,

Que sempre houve entre muitos diferenças.

«Não falta com razões quem desconcerte  
Da opinião de todos, na vontade;  
Em quem o esforço antigo se converte  
Em desusada e má deslealdade,  
Podendo o temor mais, gelado, inerte,  
Que a própria e natural fidelidade.  
Negam o Rei e a Pátria e, se convém,  
Negarão (como Pedro) o Deus que têm.

«Mas nunca foi que este erro se sentisse  
No forte Dom Nuno Álvaro; mas antes,  
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,  
Reprovando as vontades inconstantes,  
Àquelas duvidosas gentes disse,  
Com palavras mais duras que elegantes,  
A mão na espada, irado e não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

- «Como? Da gente ilustre Portuguesa  
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?  
Como? Desta província, que princesa  
Foi das gentes na guerra em toda parte,  
Há-de sair quem negue ter defesa?  
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte  
De Português, e por nenhum respeito  
O próprio Reino queira ver sujeito?

«Como? Não sois vós inda os descendentes  
Daqueles que, debaixo da bandeira  
Do grande Henriques, feros e valentes,  
Vencestes esta gente tão guerreira,  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Puseram em fugida, de maneira  
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram  
Presos, afora a presa que tiveram?

«Com quem foram contínuo sopeados  
Estes, de quem o estais agora vós,  
Por Dinis e seu filho sublimados,  
Senão cos vossos fortes pais e avôs?  
Pois se, com seus descuidos ou pecados,  
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,  
Torne-vos vossas forças o Rei novo,  
Se é certo que co Rei se muda o povo.

«Rei tendes tal que, se o valor tiverdes  
Igual ao Rei que agora alevantastes,  
Desbaratareis tudo o que quiserdes,

Quanto mais a quem já desbaratastes.  
E se com isto, enfim, vos não moverdes  
Do penetrante medo que tomastes,  
Atai as mãos a vosso vão receio,  
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

«Eu só, com meus vassalos e com esta  
(E dizendo isto arranca meia espada),  
Defenderei da força dura e infesta  
A terra nunca de outrem sojugada.  
Em virtude do Rei, da pátria mesta,  
Da lealdade já por vós negada,  
Vencerei não só estes adversários,  
Mas quantos a meu Rei forem contrários!»

«Bem como entre os mancebos recolhidos  
Em Canúcio, relíquias sós de Canas,  
Já pera se entregar quási movidos  
À fortuna das forças Africanas,  
Cornélio moço os faz que, compelidos  
Da sua espada, jurem que as Romanas  
Armas não deixarão, enquanto a vida  
Os não deixar ou nelas for perdida:

«Destarte a gente força e esforça Nuno,  
Que, com lhe ouvir as últimas razões,  
Removem o temor frio, importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações.  
Nos animais cavalgam de Neptuno,  
Brandindo e volteando arremessões;  
Vão correndo e gritando, a boca aberta:  
- «Viva o famoso Rei que nos liberta!»

«Das gentes populares, uns aprovam  
A guerra com que a pátria se sustinha;  
Uns as armas alimpam e renovam,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:  
Capacetes estofam, peitos provam,  
Arma-se cada um como convinha;  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras e tenções de seus amores.

«Com toda esta lustrosa companhia  
Joane forte sai da fresca Abrantes,  
Abrantes, que também da fonte fria  
Do Tejo logra as águas abundantes.  
Os primeiros armígeros regia  
Quem pera reger era os mui possantes  
Orientais exércitos sem conto  
Com que passava Xerxes o Helesponto;

«Dom Nuno Alveres digo: verdadeiro  
Açoute de soberbos Castelhanos,  
Como já o fero Huno o foi primeiro  
Pera Franceses, pera Italianos.  
Outro também, famoso cavaleiro,  
Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
Apto pera mandá-los e regê-los,  
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

«E da outra ala, que a esta corresponde,  
Antão Vasques de Almada é capitão,  
Que depois foi de Abranches nobre Conde;  
Das gentes vai regendo a sestra mão.  
Logo na retaguarda não se esconde  
Das Quinas e Castelos o pendão,  
Com Joane, Rei forte em toda parte,  
Que escurecendo o preço vai de Marte.

«Estavam pelos muros, temerosas  
E de um alegre medo quási frias,  
:Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,  
Prometendo jejuns e romarias.  
Já chegam as esquadras belicosas  
Defronte das imigas companhias,  
Que com grita grandíssima os recebem;  
E todas grande dúvida concebem.

«Respondem as trombetas mensageiras,  
Pífaros sibilantes e atambores;  
Alférezes volteiam as bandeiras,  
Que variadas são de muitas cores.  
Era no seco tempo que nas eiras  
Ceres o fruto deixa aos lavradores;  
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto;  
Baco das uvas tira o doce mosto.

«Deu sinal a trombeta Castelhana,  
Horrendo, fero, ingente e temeroso;  
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana  
Atrás tornou as ondas de medroso.  
Ouvio[-o] o Douro e a terra Transtagana;  
Correu ao mar o Tejo duvidoso;  
E as mães, que o som terrível escuitaram,  
Aos peitos os filhinhos apertaram.

«Quantos rostos ali se vêm sem cor,  
Que ao coração acode o sangue amigo!  
Que, nos perigos grandes, o temor  
É maior muitas vezes que o perigo.



E se o não é, parece-o; que o furor  
De ofender ou vencer o duro imigo  
Faz não sentir que é perda grande e rara  
Dos membros corporais, da vida cara.

«Começa-se a travar a incerta guerra:  
De ambas partes se move a primeira ala;  
Uns leva a defesa da própria terra,  
Outros as esperanças de ganhá-la.  
Logo o grande Pereira, em quem se encerra  
Todo o valor, primeiro se assinala:  
Derriba e encontra e a terra enfim semeia,  
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

«Já pelo espesso ar os estridentes  
Farpões, setas e vários tiros voam;  
Debaxo dos pés duros dos ardentes  
Cavalos treme a terra, os vales soam.  
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes  
Quedas co as duras armas tudo atroam.  
Recrecem os imigos sobre a pouca  
Gente do fero Nuno, que os apouca.

«Eis ali seus irmãos contra ele vão  
(Caso feio e cruel!); mas não se espanta,  
Que menos é querer matar o irmão,  
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta.  
Destes arrenegados muitos são  
No primeiro esquadrão, que se adianta  
Contra irmãos e parentes (caso estranho),  
Quais nas guerras civis de Júlio [ e ] Magno

«O tu, Sertório, ó nobre Coriolano,  
Catilina, e vós outros dos antigos  
Que contra vossas pátrias com profano  
Coração vos fizestes inimigos:  
E se lá no reino escuro de Sumano  
Receberdes gravíssimos castigos,  
Dizei-lhe que também dos Portugueses  
Alguns treedores houve algũas vezes.

«Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a eles vão!  
Está ali Nuno, qual pelos outeiros  
De Ceita está o fortíssimo lião  
Que cercado se vê dos cavaleiros  
Que os campos vão correr de Tutuão:  
Perseguem-no com as lanças, e ele, iroso,  
Torvado um pouco está, mas não medroso;

«Com torva vista os vê, mas a natura  
Ferina e a ira não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem.  
Tal está o cavaleiro, que a verdura  
Tinge co sangue alheio; ali perecem  
Alguns dos seus, que o ânimo valente  
Perde a virtude contra tanta gente.

«Sentiu Joane a afronta que passava  
Nuno, que, como sábio capitão,  
Tudo corria e via e a todos dava,  
Com presença e palavras, coração.  
Qual parida lioa, fera e brava,  
Que os filhos, que no ninho sós estão,  
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,  
O pastor de Massília lhos furtara,

«Corre raivoso e freme e com bramidos  
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:  
Tal Joane, com outros escolhidos  
Dos seus, correndo acode à primeira ala:  
- «O fortes companheiros, ó subidos  
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,  
Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade está na nossa lança!

«Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,  
Que entre as lanças e setas e os arneses  
Dos inimigos corro e vou primeiro;  
Pelejai, verdadeiros Portugueses! »  
Isto disse o magnânimo guerreiro  
E, sopesando a lança quatro vezes,  
Com força tira; e deste único tiro  
Muitos lançaram o último suspiro.

«Porque eis os seus, acesos novamente  
Dua nobre vergonha e honroso fogo,  
Sobre qual mais, com ânimo valente,  
Perigos vencerá do Márcio jogo,  
Porfiam; tinge o ferro o fogo ardente;  
Rompem malhas primeiro e peitos logo.  
Assi recebem junto e dão feridas,  
Como a quem já não dói perder as vidas.

«A muitos mandam ver o Estígio lago,  
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.  
O Mestre morre ali de Santiago,  
Que fortíssimamente pelejava;  
Morre também, fazendo grande estrago,

Outro Mestre cruel de Calatrava.  
Os Pereiras também, arrenegados,  
Morrem, arrenegando o Céu e os Fados.

«Muitos também do vulgo vil, sem nome,  
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,  
Onde o trifauce Cão perpétua fome  
Tem das almas que passam deste mundo.  
E por que mais aqui se amanse e dome  
A soberba do imigo furibundo,  
A sublime bandeira Castelhana  
Foi derribada òs pés da Lusitana.

«Aqui a fera batalha se encrucece  
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;  
A multidão da gente que perece  
Tem as flores da própria cor mudadas.  
Já as costas dão e as vidas; já falece  
O furor e sobejam as lançadas;  
Já de Castela o Rei desbaratado  
Se vê e de seu propósito mudado.

«O campo vai deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida.  
Seguem-no os que ficaram, e o temor  
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.  
Encobrem no profundo peito a dor  
Da morte, da fazenda despendida,  
Da mágoa, da desonra e triste nojo  
De ver outrem triunfar de seu despojo.

«Alguns vão maldizendo e blasfemando  
Do primeiro que guerra fez no mundo;  
Outros a sede dura vão culpando  
Do peito cobiçoso e sitibundo,  
Que, por tomar o alheio, o miserando  
Povo aventura às penas do Profundo,  
Deixando tantas mães, tantas esposas,  
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

«O vencedor Joane esteve os dias  
Costumados no campo, em grande glória;  
Com ofertas, depois, e romarias,  
As graças deu a Quem lhe deu vitória.  
Mas Nuno, que não quer por outras vias  
Entre as gentes deixar de si memória  
Senão por armas sempre soberanas,  
Pera as terras se passa Transtaganas.

«Ajuda-o seu destino de maneira

Que fez igual o efeito ao pensamento,  
Porque a terra dos Vândalos, fronteira,  
Lhe concede o despojo e o vencimento.  
Já de Sevilha a Bética bandeira,  
E de vários senhores, num momento  
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,  
Obrigados da força Portuguesa.

«Destas e outras vitórias longamente  
Eram os Castelhanos oprimidos,  
Quando a paz, desejada já da gente,  
Deram os vencedores aos vencidos,  
Depois que quis o Padre omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
As duas Ilustríssimas Inglesas,  
Gentis, formosas, ínclitas princesas.

«Não sofre o peito forte, usado à guerra,  
Não ter imigo já a quem faça dano;  
E assi, não tendo a quem vencer na terra,  
Vai cometer as ondas do Oceano  
Este é o primeiro Rei que se desterra  
Da pátria, por fazer que o Africano  
Conheça, pelas armas, quanto excede  
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

«Eis mil nadantes aves, pelo argento  
Da furiosa Tétis inquieta,  
Abrindo as pandas asas vão ao vento,  
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.  
O monte Abila e o nobre fundamento  
De Ceita toma, e o torpe Mahometa  
Deita fora, e segura toda Espanha  
Da Juliana, má e desleal manha.

«Não consentiu a morte tantos anos  
Que de Herói tão ditoso se lograsse  
Portugal, mas os coros soberanos  
Do Céu supremo quis que povoasse.  
Mas, pera defesa dos Lusitanos,  
Deixou Quem o levou, quem governasse  
E aumentasse a terra mais que dantes:  
Ínclita geração, altos Infantes.

«Não foi do Rei Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na suma alteza,  
Que assi vai alternando o tempo iroso  
O bem co mal, o gosto co a tristeza.  
Quem viu sempre um estado deleitoso?  
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?

Pois inda neste Reino e neste Rei  
Não usou ela tanto desta lei?

«Viu ser cativo o santo irmão Fernando  
(Que a tão altas empresas aspirava),  
Que, por salvar o povo miserando  
Cercado, ao Sarraceno se entregava.  
Só por amor da pátria está passando  
A vida, de senhora feita escrava,  
Por não se dar por ele a forte Ceita.  
Mais o público bem que o seu respeita.

«Codro, por que o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida;  
Régulo, por que a pátria não perdesse,  
Quis mais a liberdade ver perdida.  
Este, por que se Espanha não temesse,  
A cativo eterno se convida!  
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,  
Nem os Décios leais, fizeram tanto.

«Mas Afonso, do Reino único herdeiro,  
Nome em armas ditoso em nossa Hespéria.  
Que a soberba do Bárbaro fronteiro  
Tornou em baixa e humílima miséria,  
Fora por certo invicto cavaleiro,  
Se não quisera ir ver a terra Ibéria.  
Mas Africa dirá ser impossível  
Poder ninguém vencer o Rei terrível.

«Este pôde colher as maçãs de ouro  
Que somente o Tiríntio colher pôde.  
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro  
A cerviz inda agora não sacode.  
Na frente a palma leva e o verde louro  
Das vitórias do Bárbaro, que acode  
A defender Alcácer, forte vila,  
Tângere populoso e a dura Arzila.

«Porém elas, enfim, por força entradas  
Os muros abaxaram de diamante  
Às Portuguesas forças, costumadas  
A derribarem quanto acham diante.  
Maravilhas em armas, estremadas  
E de escritura dinas elegante,  
Fizeram cavaleiros nesta empresa,  
Mais afinando a fama Portuguesa.

«Porém depois, tocado de ambição  
E glória de mandar, amara e bela,

Vai cometer Fernando de Aragão,  
Sobre o potente Reino de Castela.  
Ajunta-se a inimiga multidão  
Das soberbas e várias gentes dela,  
Desde Cáliz ao alto Perineu,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

«Não quis ficar nos Reinos ocioso  
O mancebo Joane, e logo ordena  
De ir ajudar o pai ambicioso,  
Que então lhe foi ajuda não pequena.  
Saiu-se, enfim, do trance perigoso,  
Com fronte não torvada, mas serena.  
Desbaratado o pai sanguinolento,  
Mas ficou duvidoso o vencimento;

«Porque o filho, sublime e soberano,  
Gentil, forte, animoso cavaleiro,  
Nos contrários fazendo imenso dano,  
Todo um dia ficou no campo inteiro.  
Destarte foi vencido Octaviano,  
E António vencedor, seu companheiro,  
Quando daqueles que César mataram  
Nos Filípicos campos se vingaram.

«Porém, depois que a escura noite eterna  
Afonso apousentou no Céu sereno,  
O Príncipe que o Reino então governa  
Foi Joane segundo e Rei trezeno.  
Este, por haver fama sempiterna,  
Mais do que tentar pode homem terreno  
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora  
Os términos, que eu vou buscando agora.

«Manda seus mensageiros, que passaram  
Espanha, França, Itália celebrada,  
E lá no ilustre porto se embarcaram  
Onde já foi Parténope enterrada:  
Nápoles, onde os Fados se mostraram,  
Fazendo-a a várias gentes subjugada,  
Pola ilustrar, no fim de tantos anos,  
Co senhorio de ínclitos Hispanos.

«Polo mar alto Sículo navegam;  
Vão-se às praias de Rodes arenosas;  
E dali às ribeiras altas chegam  
Que com morte de Magno são famosas;  
Vão a Mênfis, e às terras que se regam  
Das enchentes Nilóticas undosas;  
Sobem à Etiópia, sobre Egipto,

Que de Cristo lá guarda o santo rito.

«Passam também as ondas Eritreias,  
Que o povo de Israel sem nau passou;  
Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,  
Que o filho de Ismael co nome ornou.  
As costas odoríferas Sabeias,  
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou,  
Cercam, com toda a Arábia descoberta,  
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

«Entram no Estreito Pérsico, onde dura  
Da confusa Babel inda a memória;  
Ali co Tigre o Eufrates se mistura,  
Que as fontes onde nascem têm por glória.  
Dali vão em demanda da água pura  
(Que causa inda será de larga história)  
Do Indo, pelas ondas do Oceano,  
Onde não se atreveu passar Trajano.

«Viram gentes incógnitas e estranhas  
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,  
Vendo vários costumes, várias manhas,  
Que cada região produz e cria.  
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,  
Tornar-se fácilmente não podia.  
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,  
Que à desejada pátria não tornaram.

«Parece que guardava o claro Céu  
A Manuel e seus merecimentos  
Esta empresa tão árdua, que o moveu  
A subidos e ilustres movimentos;  
Manuel, que a Joane sucedeu  
No Reino e nos altivos pensamentos,  
Logo como tomou do Reino cargo,  
Tomou mais a conquista do mar largo.

«O qual, como do nobre pensamento  
Daquela obrigação que lhe ficara  
De seus antepassados, cujo intento  
Foi sempre acrecentar a terra cara,  
Não deixasse de ser um só momento  
Conquistado, no tempo que a luz clara  
Foge, e as estrelas nítidas que saem  
A repouso convidam quando caem,

«Estando já. deitado no áureo leito,  
Onde imaginações mais certas são,  
Revolvendo contino no conceito

De seu ofício e sangue a obrigação,  
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,  
Sem lhe desocupar o coração;  
Porque, tanto que lasso se adormece,  
Morfeu em várias formas lhe aparece.

«Aqui se lhe apresenta que subia  
Tão alto que tocava à prima Esfera,  
Donde diante vários mundos via,  
Nações de muita gente, estranha e fera.  
E lá bem junto donde nasce o dia,  
Depois que os olhos longos estendera,  
Viu de antigos, longincos e altos montes  
Nacerem duas claras e altas fontes.

«Aves agrestes, feras e alimárias  
Pelo monte selvático habitavam;  
Mil árvores silvestres e ervas várias  
O passo e o trato às gentes atalhavam.  
Estas duras montanhas, adversárias  
De mais conversação, por si mostravam  
Que, dêz que Adão pecou aos nossos anos,  
Não as romperam nunca pés humanos.

«Das águas se lhe antolha que saíam,  
Par'ele os largos passos inclinando,  
Dous homens, que mui velhos pareciam,  
De aspeito, inda que agreste, venerando.  
Das pontas dos cabelos lhe saíam  
Gotas, que o corpo todo vão banhando;  
A cor da pele, baça e denegrada;  
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

«D'ambos de dous a fronte coroada  
Ramos não conhecidos e ervas tinha.  
Um deles a presença traz cansada,  
Como quem de mais longe ali caminha;  
E assi a água, com ímpeto alterada,  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa  
Vai buscar os abraços de Aretusa.

«Este, que era o mais grave na pessoa,  
Destarte pera o Rei de longe brada:  
- «Ó tu, a cujos reinos e coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nós outros, cuja fama tanto voa,  
Cuja cerviz bem nunca foi domada,  
Te avisamos que é tempo que já mandes  
A receber de nós tributos grandes.



«Eu sou o ilustre Ganges, que na terra  
Celeste tenho o berço verdadeiro;  
Estoutro é o Indo, Rei que, nesta serra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro.  
Custar-t'-emos contudo dura guerra;  
Mas, insistindo tu, por derradeiro,  
Com não vistas vitórias, sem receio  
A quantas gentes vês porás o freio.»

«Não disse mais o Rio ilustre e santo,  
Mas ambos desaparecem num momento.  
Acorda Emanuel cum novo espanto  
E grande alteração de pensamento.  
Estendeu nisto Febo o claro manto  
Pelo escuro Hemispério somnolento;  
Veio a manhã no céu pintando as cores  
De pudibunda rosa e roxas flores.

«Chama o Rei os senhores a conselho  
E propõe-lhe as figuras da visão;  
As palavras lhe diz do santo velho,  
Que a todos foram grande admiração.  
Determinam o náutico aparelho,  
Pera que, com sublime coração,  
Vá a gente que mandar cortando os mares  
A buscar novos climas, novos ares.

«Eu, que bem mal cuidava que em efeito  
Se pusesse o que o peito me pedia,  
Que sempre grandes coisas deste jeito,  
Pres[s]ago, o coração me prometia,  
Não sei por que razão, por que respeito,  
Ou por que bom sinal que em mi se via,  
Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave  
Deste cometimento grande e grave.

«E com rogo e palavras amorosas,  
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,  
Me disse: - «As cousas árduas e lustrosas  
Se alcançam com trabalho e com fadiga;  
Faz as pessoas altas e famosas  
A vida que se perde e que periga,  
Que, quando ao medo infame não se rende,  
Então, se menos dura, mais se estende.

«Eu vos tenho entre todos escolhido  
Pera ùa empresa, qual a vós se deve,  
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,  
O que eu sei que por mi vos será leve.»

«Não sofri mais, mas logo: - «Ó Rei subido,  
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,  
É tão pouco por vós que mais me pena  
Ser esta vida cousa tão pequena.

«Imaginaí tamanhas aventuras  
Quais Euristeu a Alcides inventava:  
O lião Cleonéu, Harpias duras,  
O porco de Erimanto, a Hidra brava,  
Decer, enfim, às sombras vãs e escuras  
Onde os campos de Dite a Estige lava;  
Porque a maior perigo, a mor afronta,  
Por vós, ó Rei, o espírito e carne é pronta.»

«Com mercês sumptuosas me agradece  
E com razões me louva esta vontade;  
Que a virtude louvada vive e crece  
E o louvor altos casos persuade.  
A acompanhar-me logo se oferece,  
Obrigado d'amor e d'amizade,  
Não menos cobiçoso de honra e fama,  
O caro meu irmão Paulo da Gama.

«Mais se me ajunta Nicolau Coelho,  
De trabalhos mui grande sofredor.  
Ambos são de valia e de conselho,  
D'experiência em armas e furor.  
Já de manceba gente me aparelho,  
Em que crece o desejo do valor;  
Todos de grande esforço; e assi parece  
Quem a tamanhas cousas se oferece.

«Foram de Emanuel remunerados,  
Por que com mais amor se apercebessem,  
E com palavras altas animados  
Pera quantos trabalhos sucedessem.  
Assi foram os Mínias ajuntados,  
Pera que o Véu dourado combatessem,  
Na fatídica nau, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxínio, aventureira.

«E já no porto da ínclita Ulisseia,  
Cum alvoroço nobre e cum desejo  
(Onde o licor mistura e branca areia  
Co salgado Neptuno o doce Tejo)  
As naus prestes estão; e não refreia  
Temor nenhum o juvenil despejo,  
Porque a gente marítima e a de Marte  
Estão pera seguir-me a toda a parte.

«Pelas praias vestidos os soldados  
De várias cores vêm e várias artes,  
E não menos de esforço aparelhados  
Pera buscar do mundo novas partes.  
Nas fortes naus os ventos sossegados  
Ondeiam os aéreos estandartes;  
Elas prometem, vendo os mares largos,  
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.

«Depois de aparelhados, desta sorte,  
De quanto tal viagem pede e manda,  
Aparelhámos a alma pera a morte,  
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.  
Pera o sumo Poder, que a etérea Corte  
Sustenta só co a vista veneranda,  
Implorámos favor que nos guiasse  
E que nossos começos aspirasse.

«Partimo-nos assi do santo templo  
Que nas praias do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.  
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo  
Como fui destas praias apartado,  
Cheio dentro de dúvida e receio,  
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

«A gente da cidade, aquele dia,  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente) concorria,  
Saüdosos na vista e descontentes  
E nós, co a virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solene, a Deus orando,  
Pera os batéis viemos caminhando.

«Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam,  
As mulheres cum choro piadoso  
Os homens com suspiros que arrancavam.  
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrecentavam  
A desesperação e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

«Qual vai dizendo: - «Ó filho, a quem eu tinha  
Só pera refrigério e doce emparo  
Desta cansada já velhice minha,  
Que em choro acabará, penoso e amaro

Porque me deixas, mísera e mesquinha?  
Porque de mi te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento  
Onde sejas de pexes mantimento?»

«Qual em cabelo: - «Ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Porque is aventurar ao mar airoso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como, por um caminho duvidoso,  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento,  
Quereis que com as velas leve o vento?»

«Nestas e outras palavras que diziam,  
De amor e de piadosa humanidade,  
Os velhos e os mininos os seguiam,  
Em quem menos esforço põe a idade.  
Os montes de mais perto respondiam,  
Quási movidos de alta piedade;  
A branca areia as lágrimas banhavam,  
Que em multidão com elas se igualavam.

«Nós outros, sem a vista alevantarmos  
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do propósito firme começado,  
Determinei de assi nos embarcarmos,  
Sem o despedimento costumado,  
Que, posto que é de amor usança boa,  
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

«Mas um velho, d'aspeito venerando,  
Que ficava nas praias, entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Três vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
Cum saber só d'experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito:

- «Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atixa  
Cũa aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!

«Dura inquietação d'alma e da vida  
Fonte de desemparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinas e de impérios!  
hamam-te ilustre, chamam-te subida,  
Sendo dina de infames vitupérios;  
Chamam-te Fama e Glória soberana,  
Nomes com quem se o povo néscio engana!

«A que novos desastres determinas  
De levar estes Reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas,  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promessas de reinos e de minas  
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? Que histórias?  
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

«Mas, ó tu, geração daquele insano  
Cujo pecado e desobediência  
Não somente do Reino soberano  
Te pôs neste desterro e triste ausência,  
Mas inda doutro estado mais que humano,  
Da quieta e da simpres inocência,  
Idade d'ouro, tanto te privou,  
Que na de ferro e d'armas te deitou:

«Já que nesta gostosa vaidade  
Tanto enlevas a leve fantasia,  
Já que à bruta crueza e feridade  
Puseste nome, esforço e valentia,  
Já que prezas em tanta quantidade :  
O desprezo da vida, que devia  
De ser sempre estimada, pois que já  
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:

«Não tens junto contigo o Ismaelita,  
Com quem sempre terás guerras sobejas?  
Não segue ele do Árábio a lei maldita,  
Se tu pola de Cristo só pelejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras e riqueza mais desejas?  
Não é ele por armas esforçado,  
Se queres por vitórias ser louvado?

«Deixas criar às portas o inimigo,  
Por ires buscar outro de tão longe,  
Por quem se despovoe o Reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;  
Buscas o incerto e incógnito perigo

Por que a Fama te exalte e te lisonje  
Chamando-te senhor, com larga cópia,  
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

«Oh, maldito o primeiro que, no mundo,  
Nas ondas vela pôs em seco lenho!  
Dino da eterna pena do Profundo,  
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!  
Nunca juízo algum, alto e profundo,  
Nem cítara sonora ou vivo engenho  
Te dê por isso fama nem memória,  
Mas contigo se acabe o nome e glória!

«Trouxe o filho de Jápeto do Céu  
O fogo que ajuntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas acendeu,  
Em mortes, em desonras (grande engano!).  
Quanto melhor nos fora, Prometeu,  
E quanto pera o mundo menos dano,  
Que a tua estátua ilustre não tivera  
Fogo de altos desejos, que a movera!

«Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pai, nem o ar vazio  
O grande arquitecto co filho, dando  
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.  
Nenhum cometimento alto e nefando  
Por fogo, ferro, água, calma e frio,  
Deixa intentado a humana geração.  
Mísera sorte! Estranha condição!»

## **Canto V**

ESTAS sentenças tais o velho honrado  
Vociferando estava, quando abrimos

As asas ao sereno e sossegado  
Vento, e do porto amado nos partimos.  
E, como é já no mar costume usado,  
A vela desfraldando, o céu ferimos,  
Dizendo:- «Boa viagem!»; logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento.

«Entrava neste tempo o eterno lume  
No animal Nemeio truculento;  
E o Mundo, que co tempo se consume,  
Na sexta idade andava, enfermo e lento.  
Nela vê, como tinha por costume,

Cursos do Sol catorze vezes cento,  
Com mais noventa e sete, em que corria,  
Quando no mar a armada se estendia.

«Já a vista, pouco e pouco, se desterra  
Daqueles pátrios montes, que ficavam;  
Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;  
Ficava-nos também na amada terra  
O coração, que as mágoas lá deixavam;  
E, já depois que toda se escondeu,  
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

«Assi fomos abrindo aqueles mares,  
Que geração algũa não abriu,  
As novas Ilhas vendo e os novos ares  
Que o generoso Henrique descobriu;  
De Mauritânia os montes e lugares,  
Terra que Anteu num tempo possuiu,  
Deixando à mão esquerda, que à direita  
Não há certeza doutra, mas suspeita.

«Passámos a grande Ilha da Madeira,  
Que do muito arvoredado assi se chama;  
Das que nós povoámos a primeira,  
Mais célebre por nome que por fama.  
Mas, nem por ser do mundo a derradeira,  
Se lhe aventajam quantas Vénus ama;  
Antes, sendo esta sua, se esquecerá  
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.

«Deixámos de Massília a estéril costa,  
Onde seu gado os Azenegues pastam,  
Gente que as frescas águas nunca gosta,  
Nem as ervas do campo bem lhe abastam;  
A terra a nenhum fruto, enfim, disposta,  
Onde as aves no ventre o ferro gastam,  
Padecendo de tudo extrema inófia,  
Que aparta a Barbaria de Etiópia.

«Passámos o limite aonde chega  
O Sol, que pera o Norte os carros guia;  
Onde jazem os povos a quem nega  
O filho de Climene a cor do dia.  
Aqui gentes estranhas lava e rega  
Do negro Sanagá a corrente fria,  
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,  
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

«Passadas tendo já as Canárias ilhas,

Que tiveram por nome Fortunadas,  
Entrámos, navegando, polas filhas  
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas;  
Terras por onde novas maravilhas  
Andaram vendo já nossas armadas.  
Ali tomámos porto com bom vento,  
Por tomarmos da terra mantimento.

«Àquela ilha aportámos que tomou  
O nome do guerreiro Santiago,  
Santo que os Espanhóis tanto ajudou  
fazerem nos Mouros bravo estrago.  
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,  
Tornámos a cortar o imenso lago  
Do salgado Oceano, e assi deixámos  
A terra onde o fresco doce achámos.

«Por aqui rodeando a larga parte  
De África, que ficava ao Oriente  
(A província Jalofo, que reparte  
Por diversas nações a negra gente;  
A mui grande Mandinga, por cuja arte  
Logramos o metal rico e luzente,  
Que do curvo Gambeia as águas bebe,  
As quais o largo Atlântico recebe),

«As Dórcadas passámos, povoadas  
Das Irmãs que outro tempo ali viviam,  
Que, de vista total sendo privadas,  
Todas três dum só olho se serviam.  
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas  
Neptuno lá nas águas acendiam,  
Tornada já de todas a mais feia,  
De bívoras encheste a ardente areia.

«Sempre, enfim, pera o Austro a aguda proa,  
No grandíssimo gôlfão nos metemos,  
Deixando a Serra aspérrima Lioa,  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos.  
O grande rio, onde batendo soa  
O mar nas praias notas, que ali temos,  
Ficou, co a Ilha ilustre, que tomou  
O nome dum que o lado a Deus tocou.

«Ali o mui grande reino está de Congo,  
Por nós já convertido à fé de Cristo,  
Por onde o Zaire passa, Claro e longo,  
Rio pelo antigos nunca visto.  
Por este largo mar, enfim, me alongo  
Do conhecido Pólo de Calisto,



Tendo o término ardente já passado  
Onde o meio do Mundo é limitado.

«Já descoberto tínhamos diante,  
Lá no novo Hemispério, nova estrela,  
Não vista de outra gente, que, ignorante,  
Alguns tempos esteve incerta dela.  
Vimos a parte menos rutilante  
E, por falta de estrelas, menos bela,  
Do Pólo fixo, onde inda se não sabe  
Que outra terra comece ou mar acabe.

«Assi, passando aquelas regiões  
Por onde duas vezes passa Apolo,  
Dous Invernos fazendo e dous Verões,  
Enquanto corre dum ao outro Pólo,  
Por calmas, por tormentas e opressões,  
Que sempre faz no mar o irado Eolo,  
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,  
Banharem-se nas águas de Neptuno.

«Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpados que o ar em fogo acendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.

«Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que têm por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,  
Julgando as cousas só pola aparência,  
E que os que têm juízos mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por ciência  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgam por falsos ou mal entendidos.

«Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,  
Ver as nuvens, do mar com largo cano,  
Sorver as altas águas do Oceano.

«Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava): levantar-se

No ar um vaporzinho e sutil fumo  
E, do vento trazido, rodear-se;  
De aqui levado um cano ao Pólo sumo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos fàcilmente não podia;  
Da matéria das nuvens parecia.

«Ia-se pouco e pouco acrescentando  
E mais que um largo masto se engrossava;  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de água em si chupava;  
Estava-se co as ondas ondeando;  
Em cima dele ua nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada,  
Co cargo grande d'água em si tomada.

«Qual roxa sangues[s]uga se veria  
Nos beiços da alimária (que, imprudente,  
Bebendo a recolheu na fonte fria)  
Fartar co sangue alheio a sede ardente;  
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,  
Ali se enche e se alarga grandemente:  
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta  
A si e a nuvem negra que sustenta.

«Mas, depois que de todo se fartou,  
O pé que tem no mar a si recolhe  
E pelo céu, chovendo, enfim voou,  
Por que co a água a jacente água molhe;  
Às ondas torna as ondas que tomou,  
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.  
Vejam agora os sábios na escritura  
Que segredos são estes de Natura!

«Se os antigos Filósofos, que andaram  
Tantas terras, por ver segredos delas,  
As maravilhas que eu passei, passaram,  
A tão diversos ventos dando as velas,  
Que grandes escrituras que deixaram!  
Que influência de sinos e de estrelas!  
Que estranhezas, que grandes qualidades!  
E tudo, sem mentir, puras verdades.

«Mas já o Planeta que no Céu primeiro  
Habita, cinco vezes, apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro,  
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,  
Quando da etérea gávea, um marinheiro,  
Pronto co a vista: «Terra! Terra!» brada.

Salta no bordo alvoroçada a gente,  
Cos olhos no horizonte do Oriente.

«A maneira de nuvens se começam  
A descobrir os montes que enxergamos;  
As âncoras pesadas se adereçam;  
As velas, já chegados, amainamos.  
E, pera que mais certas se conheçam  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pelo novo instrumento do Astrolábio,  
Invenção de sutil juízo e sábio,

«Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejosa,  
Da terra que outro povo não pisou.  
Porém eu, cos pilotos, na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do Sol a altura  
E compassar a universal pintura.

«Achámos ter de todo já passado  
Do Semicapro Pexe a grande meta,  
Estando entre ele e o círculo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta.  
Eis, de meus companheiros rodeado,  
Vejo um estranho vir, de pele preta,  
Que tomaram per força, enquanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

«Torvado vem na vista, como aquele  
Que não se vira nunca em tal extremo;  
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,  
Selvagem mais que o bruto Polifemo.  
Começo-lhe a mostrar da rica pele  
De Colcos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria:  
A nada disto o bruto se movia.

«Mando mostrar-lhe peças mais somenos:  
Contas de cristalino transparente,  
Alguns soantes cascavéis pequenos,  
Um barrete vermelho, cor contente;  
Vi logo, por sinais e por acenos,  
Que com isto se alegra grandemente.  
Mando-o soltar com tudo e assi caminha  
Pera a povoação, que perto tinha.

«Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,  
Todos nus e da cor da escura treva,

Decendo pelos ásperos outeiros,  
As peças vêm buscar que estoutro leva.  
Domésticos já tanto e companheiros se nos  
mostram, que fazem que se atreva  
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato  
E partir-se co eles pelo mato.

«É Veloso no braço confiado  
E, de arrogante, crê que vai seguro;  
Mas, sendo um grande espaço já passado,  
Em que algum bom sinal saber procuro,  
Estando, a vista alçada, co cuidado  
No aventureiro, eis pelo monte duro  
Aparece e, segundo ao mar caminha,  
Mais apressado do que fora, vinha.

«O batel de Coelho foi depressa  
Polo tomar; mas, antes que chegasse,  
Um Etíope ousado se arremessa  
A ele, por que não se lhe escapasse;  
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa  
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;  
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,  
Se mostra um bando negro, descoberto.

«Da espessa nuvem setas e pedradas  
Chovem sobre nós outros, sem medida;  
E não foram ao vento em vão deitadas,  
Que esta perna trouxe eu dali ferida.  
Mas nós, como pessoas magoadas,  
A reposta lhe demos tão tecida  
Que em mais que nos barretes se suspeita  
Que a cor vermelha levam desta feita.

«E, sendo já Veloso em salvamento,  
Logo nos recolhemos pera a armada,  
Vendo a malícia feia e rudo intento  
Da gente bestial, bruta e malvada,  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Pudemos ter da Índia desejada  
Que estarmos inda muito longe dela.  
E assi tornei a dar ao vento a vela.

«Disse então a Veloso um companheiro  
(Começando-se todos a sorrir):  
- «Oulá, Veloso amigo! Aquele outeiro  
É melhor de decer que de subir!»  
- «Si, é (responde o ousado aventureiro);  
Mas, quando eu pera cá vi tantos vir  
Daqueles cães, depressa um pouco vim,

Por me lembrar que estáveis cá sem mim.»

«Contou então que, tanto que passaram  
Aquele monte os negros de quem falo,  
Avante mais passar o não deixaram,  
Querendo, se não torna, ali matá-lo;  
E tornando-se, logo se emboscaram,  
Por que, saindo nós pera tomá-lo,  
Nos pudessem mandar ao reino escuro,  
Por nos roubarem mais a seu seguro.

«Porém já cinco Sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca d'outrem navegados,  
Pròsperamente os ventos assoprando,  
Quando ùa noute, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Ùa nuvem que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.

«Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo, o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo.  
- «Ó Potestade (disse) sublimada:  
Que ameaço divino ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?»

«Não acabava, quando ùa figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

«Tão grande era de membros que bem posso  
Certificar-te que este era o segundo  
De Rodes estranhíssimo Colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo.  
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo.  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,  
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

«E disse: - «Ó gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,

E por trabalhos vãos nunca repousas,  
Pois os vedados términos quebrantas  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho;

«Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do húmido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de imortal merecimento,  
Ouve os danos de mi que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar e pola terra  
Que inda hás-de sojugar com dura guerra.

«Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas;  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insofridas,  
Eu farei de improviso tal castigo  
Que seja mor o dano que o perigo!

«Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu suma vingança;  
E não se acabará só nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,  
Se é verdade o que meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte!

«E do primeiro Ilustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Céus,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Por juízos incógnitos de Deus.  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prósperos troféus;  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruída Quíloa com Mombaça.

«Outro também virá, de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a fermosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que, duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos.

«Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os Cafres, ásperos e avaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e perclaros  
À calma, ao frio, ao ar, verão despídos,  
Despois de ter pisada, longamente,  
Cos delicados pés a areia ardente.

«E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes míseros ficarem  
Na férvida, implacábil espessura.  
Ali, despois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados, as almas soltarão  
Da fermosa e misérrima prisão.»

«Mais ia por diante o monstro horrendo,  
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,  
Lhe disse eu: - «Quem és tu? Que esse estupendo  
Corpo, certo me tem maravilhado!»  
A boca e os olhos negros retorcendo  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeu, com voz pesada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pesara:

«Eu sou aquele oculto e grande Cabo  
A quem chamais vós outros Tormentório,  
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,  
Plinio e quantos passaram fui notório.  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontório,  
Que pera o Pólo Antártico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto ofende.

«Fui dos filhos aspérrimos da Terra,  
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano;  
Não que pusesse serra sobre serra,  
Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

«Amores da alta esposa de Peleu  
Me fizeram tomar tamanha empresa;  
Todas as Deusas desprezei do Céu,  
Só por amar das águas a Princesa.

Um dia a vi, co as filhas de Nereu,  
Sair nua na praia e logo presa  
A vontade senti de tal maneira  
Que inda não sinto cousa que mais queira.

«Como fosse impossível alcançá-la,  
Pola grandeza feia de meu gesto,  
Determinei por armas de tomá-la  
E a Dóris este caso manifesto.  
De medo a Deusa então por mi lhe fala;  
Mas ela, cum fermoso riso honesto,  
Respondeu: - «Qual será o amor bastante  
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?»

«Contudo, por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira  
Com que, com minha honra, escuse o dano.»  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu, que cair não pude neste engano  
(Que é grande dos amantes a cegueira),  
Encheram-me, com grandes abundanças,  
O peito de desejos e esperanças.

«Já néscio, já da guerra desistindo,  
üa noite, de Dóris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Tétis, única, despida.  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços pera aquela que era vida  
Deste corpo, e começo os olhos belos  
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

«Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei cum duro monte  
De áspero mato e de espessura brava.  
Estando cum penedo fronte a fronte,  
Qu'eu polo rosto angélico apertava,  
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
E, junto dum penedo, outro penedo!

«Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?  
Daqui me parto, irado e quási insano  
Da mágoa e da desonra ali passada,  
A buscar outro mundo, onde não visse  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.



«Eram já neste tempo meus Irmãos  
Vencidos e em miséria extrema postos,  
E, por mais segurar-se os Deuses vão,  
Alguns a vários montes sotopostos.  
E, como contra o Céu não valem mãos,  
Eu, que chorando andava meus desgostos,  
Comecei a sentir do Fado imigo,  
Por meus atrevimentos, o castigo:

Converte-se-me a carne em terra dura;  
Em penedos os ossos se fizeram;  
Estes membros que vês, e esta figura,  
Por estas longas águas se estenderam.  
Enfim, minha grandíssima estatura  
Neste remoto Cabo converteram  
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,  
Me anda Tétis cercando destas águas.»

«Assi contava; e, cum medonho choro,  
Súbito d'ante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

«Já Flégon e Piróis vinham tirando,  
Cos outros dous, o carro radiante,  
Quando a terra alta se nos foi mostrando  
Em que foi convertido o grão Gigante.  
Ao longo desta costa, começando  
Já de cortar as ondas do Levante,  
Por ela abaixo um pouco navegámos,  
Onde segunda vez terra tomámos.

«A gente que esta terra possuía,  
Posto que todos Etiopes eram,  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros que tão mal nos receberam.  
Com bailos e com festas de alegria  
Pela praia arenosa a nós vieram,  
As mulheres consigo e o manso gado  
Que apacentavam, gordo e bem criado.

«As mulheres, queimadas, vêm em cima  
Dos vagarosos bois, ali sentadas,  
Animais que eles têm em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas.  
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,

Na sua língua cantam, concertadas  
Co doce som das rústicas avenas,  
Imitando de Títiro as Camenas.

«Estes, como na vista prazenteiros  
Fossem, humanamente nos trataram,  
Trazendo-nos galinhas e carneiros  
A troco doutras peças que levaram;  
Mas como nunca, enfim, meus companheiros  
Palavra sua algũa lhe alcançaram  
Que desse algum sinal do que buscamos,  
As velas dando, as âncoras levamos.

«Já aqui tínhamos dado um grão rodeio  
À costa negra de Africa, e tornava  
A proa a demandar o ardente meio  
Do Céu, e o Pólo Antártico ficava.  
Aquele ilhéu deixámos onde veio  
Outra armada primeira, que buscava  
O Tormentório Cabo e, descoberto,  
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

«Daqui fomos cortando muitos dias,  
Entre tormentas tristes e bonanças,  
No largo mar fazendo novas vias,  
Só conduzidos de árduas esperanças.  
Co mar um tempo andámos em porfias,  
Que, como tudo nele são mudanças,  
Corrente nele achámos tão possante,  
Que passar não deixava por diante:

«Era maior a força em demasia,  
Segundo pera trás nos obrigava,  
Do mar, que contra nós ali corria,  
Que por nós a do vento que assoprava.  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar (parece) tanto estava,  
Os assopros esforça iradamente,  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

«Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que três Reis das partes do Oriente  
Foram buscar um Rei, de pouco nado,  
No qual Rei outros três há juntamente;  
Neste dia outro porto foi tomado  
Por nós, da mesma já contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por ele nos metemos.

«Desta gente refresco algum tomámos

E do rio fresca água; mas contudo  
Nenhum sinal aqui da Índia achámos  
No povo, com nós outros cási mudo.  
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos.  
Sem sair nunca deste povo rudo,  
Sem vermos nunca nova nem sinal  
Da desejada parte Oriental.

«Ora imagina agora quão coitados  
Andaríamos todos, quão perdidos  
De fomes, de tormentas quebrantados,  
Por climas e por mares não sabidos,  
E do esperar comprido tão cansados  
Quanto a desesperar já compelidos,  
Por céus não naturais, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade!

«Corrupto já e danado o mantimento,  
Danoso e mau ao fraco corpo humano  
E, além disso, nenhum contentamento,  
Que sequer da esperança fosse engano.  
Crês tu que, se este nosso ajuntamento  
De soldados não fora Lusitano,  
Que durara ele tanto obediente,  
Porventura, a seu Rei e a seu regente?

«Crês tu que já não foram levantados  
Contra seu Capitão, se os resistira,  
Fazendo-se piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, por certo, estão provados,  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquela Portuguesa alta excelência  
De lealdade firme e obediência.

«Deixando o porto, enfim, do doce rio  
E tornando a cortar a água salgada,  
Fizemos desta costa algum desvio,  
Deitando pera o pego toda a armada;  
Porque, ventando Noto, manso e frio,  
Não nos apanhasse a água da enseada  
Que a costa faz ali, daquela banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

«Esta passada, logo o leve leme  
Encomendado ao sacro Nicolau,  
Pera onde o mar na costa brada e geme,  
A proa inclina d'ua e doutra nau;  
Quando, indo o coração que espera e teme  
E que tanto fiou dum fraco pau,

Do que esperava já desesperado,  
Foi d'ua novidade alvoroçado.

«E foi que, estando já da costa perto,  
Onde as praias e vales bem se viam,  
Num rio, que ali sai ao mar aberto,  
Batéis à vela entravam e saíam.  
Alegria mui grande foi, por certo,  
Acharmos já pessoas que sabiam  
Navegar, porque entre elas esperámos  
De achar novas algüas, como achámos.

«Etiopes são todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicavam;  
Palavra algüa Arábia se conhece  
Entre a linguagem sua que falavam;  
E com pano delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertavam;  
Com outro, que de tinta azul se tingem,  
Cada um as vergonhosas partes cinge.

«Pela Arábica língua que mal falam  
E que Fernão Martins mui bem entende,  
Dizem que, por naus que em grandeza igualam  
As nossas, o seu mar se corta e fende;  
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam  
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,  
E do Sul pera o Sol, terra onde havia  
Gente, assi como nós, da cor do dia.

«Mui grandemente aqui nos alegrámos  
Co a gente, e com as novas muito mais.  
Pelos sinais que neste rio achámos  
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.  
Um padrão nesta terra alevantámos,  
Que, pera assinalar lugares tais,  
Trazia alguns; o nome tem do belo  
Guiador de Tobias a Gabelo.

«Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,  
Nojosa criação das águas fundas,  
Alimpámos as naus, que dos caminhos  
Longos do mar vêm sórdidas e imundas.  
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,  
Com mostras aprazíveis e jocundas,  
Houvemos sempre o usado mantimento,  
Limpos de todo o falso pensamento.

«Mas não foi, da esperança grande e imensa  
Que nesta terra havemos, limpa e pura

A alegria; mas logo a recompensa  
A Ramnúsia com nova desventura.  
Assi no Céu sereno se dispensa;  
Co esta condição, pesada e dura,  
Nacemos: o pesar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

«E foi que, de doença crua e feia,  
A mais que eu nunca vi, desemparraram  
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia  
Os ossos pera sempre sepultaram.  
Quem haverá que, sem o ver, o creia,  
Que tão disformemente ali lhe incharam  
As gengivas na boca, que crecia  
A carne e juntamente apodrecia?

«Apodrecia cum fétido e bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.  
Não tínhamos ali médico astuto,  
Cirurgião sutil menos se achava;  
Mas qualquer, neste officio pouco instruto,  
Pela carne já podre assi cortava  
Como se fora morta, e bem convinha,  
Pois que morto ficava quem a tinha.

«Enfim que nesta incógnita espessura  
Deixámos pera sempre os companheiros  
Que em tal caminho e em tanta desventura  
Foram sempre connosco aventureiros.  
Quão fácil é ao corpo a sepultura!  
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros  
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

«Assi que deste porto nos partimos  
Com maior esperança e mor tristeza,  
E pela costa abaixo o mar abrimos,  
Buscando algum sinal de mais firmeza.  
Na dura Moçambique, enfim, surgimos,  
De cuja falsidade e má vileza  
Já serás sabedor, e dos enganós  
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

«Até que aqui, no teu seguro porto,  
Cuja brandura e doce tratamento  
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,  
Nos trouxe a piedade do alto Assento.  
Aqui repouso, aqui doce conforto,  
Nova quietação do pensamento,  
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,

Te contei tudo quanto me pediste.

«Julgas agora, Rei, se houve no mundo  
Gentes que tais caminhos cometessem?  
Crês tu que tanto Eneias e o facundo  
Ulisses pelo mundo se estendessem?  
Ousou algum a ver do mar profundo,  
Por mais versos que dele se escrevessem,  
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,  
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?»

«Esse que bebeu tanto da água Aónia,  
Sobre quem têm contenda peregrina,  
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,  
Atenas, Ios, Argo e Salamina;  
Essoutro que esclarece toda Ausónia,  
A cuja voz, altíssima e divina,  
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece  
Mas o Tibre co som se ensoberbece:

«Cantem, louvem e escrevam sempre extremos  
Desses seus Semideuses e encareçam,  
Fingindo magas Circes, Polifemos,  
Sirenas que co canto os adormeçam;  
Dê-m-lhe mais navegar à vela e remos  
Os Cícones e a terra onde se esqueçam  
Os companheiros, em gostando o loto;  
Dê-m-lhe perder nas águas o piloto;

«Ventos soltos lhe finjam e imaginem  
Dos odres, e Calipsos namoradas;  
Harpías que o manjar lhe contaminem;  
Decer às sombras nuas já passadas:  
Que, por muito e por muito que se afinem  
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,  
A verdade que eu conto, nua e pura,  
Vence toda grandíloca escritura!»

Da boca do fecundo Capitão  
Pendendo estavam todos, embebidos,  
Quando deu fim à longa narração  
Dos altos feitos, grandes e subidos.  
Louva o Rei o sublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;  
Da gente louva a antiga fortaleza,  
A lealdade d'ânimo e nobreza.

Vai recontando o povo, que se admira,  
O caso cada qual que mais notou;

Nenhum deles da gente os olhos tira  
Que tão longos caminhos rodeou.  
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira  
Que o irmão de Lampécia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Tétios braços;  
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

Quão doce é o louvor e a justa glória  
Dos próprios feitos, quando são soados!  
Qualquer nobre trabalha que em memória  
Vença ou iguale os grandes já passados.  
As envejas da ilustre e alheia história  
Fazem mil vezes feitos sublimados.  
Quem valerosas obras exercita,  
Louvor alheio muito o esperta e incita.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Aquiles, Alexandro, na peleja,  
Quanto de quem o canta os numerosos  
Versos: isso só louva, isso deseja.  
Os troféus de Milcíades, famosos,  
Temístocles despertam só de enveja;  
E diz que nada tanto o deleitava.  
Como a voz que seus feitos celebrava.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
Que essas navegações que o mundo canta  
Não merecem tamanha glória e fama  
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.  
Si; mas aquele Herói que estima e ama  
Com dões, mercês, favores e honra tanta  
A lira Mantuana, faz que soe  
Eneias, e a Romana glória voe.

Dá a terra Lusitana Cipiões, Césares,  
Alexandros, e dá Augustos;  
Mas não lhe dá contudo aqueles dões  
Cuja falta os faz duros e robustos.  
Octávio, entre as maiores opressões,  
Compunha versos doutos e venustos  
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,  
Quando a deixava António por Glafira).

Vai César sojugando toda França  
E as armas não lhe impedem a ciência;  
Mas, nua mão a pena e noutra a lança,  
Igualava de Cícero a eloquência.  
O que de Cipião se sabe e alcança  
É nas comédias grande experiência.  
Lia Alexandro a Homero de maneira

Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

Enfim, não houve forte Capitão  
Que não fosse também douto e ciente,  
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,  
Senão da Portuguesa tão somente.  
Sem vergonha o não digo: que a razão  
De algum não ser por versos excelente  
É não se ver prezado o verso e rima,  
Porque quem não sabe arte, não na estima.

Por isso, e não por falta de natura,  
Não há também Virgílios nem Homeros;  
Nem haverá, se este costume dura,  
Pios Eneias nem Aquiles feros.  
Mas o pior de tudo é que a ventura  
Tão ásperos os fez e tão austeros,  
Tão rudos e de engenho tão remisso,  
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

Às Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da pátria, que as obriga  
A dar aos seus, na lira, nome e fama  
De toda a ilustre e bélica fadiga;  
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,  
Calíope não tem por tão amiga  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As telas d'ouro fino e que o cantassem.

Porque o amor fraterno e puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, é somente o pros[s]uposto  
Das Tágides gentis, e seu respeito.  
Porém não deixe, enfim, de ter disposto  
Ninguém a grandes obras sempre o peito:  
Que, por esta ou por outra qualquer via,  
Não perderá seu preço e sua valia.

#### **Canto IV**

NÃO sabia em que modo festejasse  
O Rei Pagão os fortes navegantes,

Pera que as amizades alcançasse  
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes.  
Pesa-lhe que tão longe o apouentasse  
Das Europeias terras abundantes  
A ventura, que não no fez vizinho  
Donde Hércules ao mar abriu o caminho.



Com jogos, danças e outras alegrias,  
A segundo a polícia Melindana,  
Com usadas e ledas pescarias,  
Com que a Lageia António alegre e engana,  
Este famoso Rei, todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares desusados,  
Com frutas, aves, carnes e pescados.

Mas vendo o Capitão que se detinha  
Já mais do que devia, e o fresco vento  
O convida que parta e tome asinha  
Os pilotos da terra e mantimento,  
Não se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito pera cortar do salso argento.  
Já do Pagão benigno se despede,  
Que a todos amizade longa pede.

Pede-lhe mais que aquele porto seja  
Sempre com suas frotas visitado,  
Que nenhum outro bem maior deseje  
Que dar a tais barões seu reino e estado;  
E que, enquanto seu corpo o espirito reja,  
Estará de contino aparelhado  
A pôr a vida e reino totalmente  
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

Outras palavras tais lhe respondia  
O Capitão, e logo, as velas dando,  
Pera as terras da Aurora se partia,  
Que tanto tempo há já que vai buscando.  
No piloto que leva não havia  
Falsidade, mas antes vai mostrando  
A navegação certa; e assi caminha  
Já mais seguro do que dantes vinha.

As ondas navegavam do Oriente,  
Já nos mares da Índia, e enxergavam  
Os tálamos do Sol, que nace ardente;  
Já quási seus desejos se acabavam;  
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente  
As venturas que então se aparelhavam  
À gente Lusitana, delas dina,  
Arde, morre, blasfema e desatina.

Via estar todo o Céu determinado  
De fazer de Lisboa nova Roma;  
Não no pode estorvar, que destinado  
Está doutro Poder que tudo doma.

Do Olimpo dece enfim, desesperado;  
Novo remédio em terra busca e toma:  
Entra no húmido reino e vai-se à corte  
Daquele a quem o mar caiu em sorte.

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
Lá donde as ondas saem furibundas  
Quando às iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora e moram as jocundas  
Nereidas e outros Deuses do mar, onde  
As águas campo deixam às cidades  
Que habitam estas húmidas Deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto  
As areias ali de prata fina;  
Torres altas se vêem, no campo aberto,  
Da transparente massa cristalina;  
Quanto se chegam mais os olhos perto  
Tanto menos a vista determina  
Se é cristal o que vê, se diamante,  
Que assi se mostra claro e radiante.

As portas d'ouro fino, e marchetadas  
Do rico aljôfar que nas conchas nace,  
De escultura fermosa estão lavradas,  
Na qual do irado Baco a vista pace;  
E vê primeiro, em cores variadas,  
Do velho Caos a tão confusa face;  
Vêm-se os quatro Elementos trasladados,  
Em diversos officios ocupados.

Ali, sublime, o Fogo estava em cima,  
Que em nenhũa matéria se sustinha;  
Daqui as cousas vivas sempre anima,  
Depois que Prometeu furtado o tinha.  
Logo após ele, leve se sublima  
O invisível Ar, que mais asinha  
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,  
Algum deixa no mundo estar vazio.

Estava a Terra em montes, revestida  
De verdes ervas e árvores floridas,  
Dando pasto diverso e dando vida  
Às alimárias nela produzidas.  
A clara forma ali estava esculpida  
Das Águas, entre a terra desparzidas,  
De pescados criando vários modos,  
Com seu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte, esculpida estava a guerra  
Que tiveram os Deuses cos Gigantes;  
Está Tifeu debaixo da alta serra  
De Etna, que as flamas lança crepitantes.  
Esculpido se vê, ferindo a Terra,  
Neptuno, quando as gentes, ignorantes,  
Dele o cavalo houveram, e a primeira  
De Minerva pacífica oliveira.

Pouca tardança faz Lieu irado  
Na vista destas cousas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que, avisado  
Da vinda sua, o estava já aguardando,  
Às portas o recebe, acompanhado  
Das Ninfas, que se estão maravilhando  
De ver que, cometendo tal caminho,  
Entre no reino d'água o Rei do vinho

- «Ó Neptuno (lhe disse) não te espantes  
De Baco nos teus reinos receberes,  
Porque também cos grandes e possantes  
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.  
Manda chamar os Deuses do mar, antes  
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres;  
Verão da desventura grandes modos:  
Ouçam todos o mal que toca a todos.»

Julgando já Neptuno que seria  
Estranho caso aquele, logo manda  
Tritão, que chame os Deuses da água fria  
Que o mar habitam d'ua e doutra banda.  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do Rei e de Salácia veneranda,  
Era mancebo grande, negro e feio,  
Trombeta de seu pai e seu correio.

Os cabelos da barba e os que decem  
Da cabeça nos ombros, todos eram  
Uns limos prenhes d'água, e bem parecem  
Que nunca brando pêntem conheceram.  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros mexilhões, que ali se geram.  
Na cabeça, por gorra, tinha posta  
Ûa mui grande casca de lagosta.

O corpo nu, e os membros genitais,  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porém de pequenos animais  
Do mar todos cobertos, cento e cento:

Camarões e cangrejos e outros mais,  
Que recebem de Febe crescimento;  
Ostras e birbigões, do musco sujos,  
Às costas co a casca os caramujos.

Na mão a grande concha retorcida  
Que trazia, com força já tocava;  
A voz grande, canora, foi ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava.  
Já toda a companhia, apercebida,  
Dos Deuses pera os paços caminhava  
Do Deus que fez os muros de Dardânia,  
Destruídos depois da Grega insânia.

Vinha o padre Oceano, acompanhado  
Dos filhos e das filhas que gerara;  
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,  
Que todo o mar de Ninfas povoara.  
O profeta Proteu, deixando o gado  
Marítimo pacer pela água amara,  
Ali veio também, mas já sabia  
O que o padre Lieu no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,  
Grave e leda no gesto, e tão fermosa  
Que se amansava o mar, de maravilha.  
Vestida ùa camisa preciosa  
Trazia, de delgada beatilha,  
Que o corpo cristalino deixa ver-se,  
Que tanto bem não é pera esconder-se.

Anfitrite, fermosa como as flores,  
Neste caso não quis que falecesse;  
O delfim traz consigo que aos amores  
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.  
Cos olhos, que de tudo são senhores,  
Qualquer parecerá que o Sol vencesse  
Ambas vêm pela mão, igual partido,  
Pois ambas são esposas dum marido.

Aquela que, das fúrias de Atamante  
Fugindo, veio a ter divino estado,  
Consigo traz o filho belo infante,  
No número dos Deuses relatado;  
Pela praia brincando vem, diante,  
Com as lindas conchinhas, que o salgado  
Mar sempre cria; e às vezes pela areia  
No colo o toma a bela Panopeia.

E o Deus que foi num tempo corpo humano  
E por virtude da erva poderosa,  
Foi convertido em peixe, e deste dano  
Lhe resultou Deidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio engano  
Que Circes tinha usado co a fermosa  
Scila, que ele ama, desta sendo amado,  
Que a mais obriga amor mal empregado.

Já finalmente todos assentados  
Na grande sala, nobre e divinal,  
As Deusas em riquíssimos estrados,  
Os Deuses em cadeiras de cristal,  
Foram todos do Padre agasalhados,  
Que co Tebano tinha assento igual;  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nace e Arábia em cheiro passa.

Estando sossegado já o tumulto  
Dos Deuses e de seus recebimentos,  
Começa a descobrir do peito oculto  
A causa o Tioneu de seus tormentos;  
Um pouco carregando-se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
Só por dar aos de Luso triste morte  
Co ferro alheio, fala desta sorte:

- «Príncipe, que de juro senhoreias,  
Dum Pólo ao outro Pólo, o mar irado,  
Tu, que as gentes da Terra toda enfreias,  
Que não passem o termo limitado;  
E tu, padre Oceano, que rodeias  
O Mundo universal e o tens cercado,  
E com justo decreto assi permites  
Que dentro vivam só de seus limites;

«E vós, Deuses do Mar, que não sofreis  
Injúria algũa em vosso reino grande,  
Que com castigo igual vos não vingueis  
De quem quer que por ele corra e ande:  
Que descuido foi este em que viveis?  
Quem pode ser que tanto vos abrande  
Os peitos, com razão endurecidos  
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

«Vistes que, com grandíssima ousadia,  
Foram já cometer o Céu supremo;  
Vistes aquela insana fantasia  
De tentarem o mar com vela e remo;  
Vistes, e ainda vemos cada dia,

Soberbas e insolências tais, que temo  
Que do Mar e do Céu, em poucos anos,  
Venham Deuses a ser, e nós, humanos.

«Vedes agora a fraca geração  
Que dum vassalo meu o nome toma,  
Com soberbo e altivo coração  
A vós e a mi e o mundo todo doma.  
Vedes, o vosso mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma;  
Vedes, o vosso reino devassando,  
Os vossos estatutos vão quebrando.

«Eu vi que contra os Míneas, que primeiro  
No vosso reino este caminho abriram  
Bóreas, injuriado, e o companheiro  
Áquilo e os outros todos resistiram.  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injúria assi sentiram,  
Vós, a quem mais compete esta vingança,  
Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

«E não consinto, Deuses, que cuideis  
Que por amor de vós do Céu deci,  
Nem da mágoa da injúria que sofreis,  
Mas da que se me faz também a mi;  
Que aquelas grandes honras que sabeis  
Que no mundo ganhei, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

«Que o grão Senhor e Fados, que destinam,  
Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
Famas, mores que nunca, determinam  
De dar a estes barões no mar profundo.  
Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam  
O mal também a Deuses; que, a segundo  
Se vê, ninguém já tem menos valia  
Que quem com mais razão valer devia.

«E por isso do Olimpo já fugi,  
Buscando algum remédio a meus pesares,  
Por ver o preço que no Céu perdi, e por  
dita acharei nos vossos mares.»  
Mais quis dizer, e não passou daqui,  
Porque as lágrimas já, correndo a pares,  
Lhe saltaram dos olhos, com que logo  
Se acendem as Deidades d'água em fogo.

A ira com que súbito alterado

O coração dos Deuses foi num ponto,  
Não sofreu mais conselho bem cuidado  
Nem dilação nem outro algum desconto:  
Ao grande Eolo mandam já recado,  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,  
Que não haja no mar mais navegantes!

Bem quisera primeiro ali Proteu  
Dizer, neste negócio, o que sentia;  
E, segundo o que a todos pareceu,  
Era algũa profunda profecia.  
Porém tanto o tumulto se moveu,  
Súbito, na divina companhia,  
Que Tétis, indinada, lhe bradou:  
- «Neptuno sabe bem o que mandou!»

Já lá o soberbo Hipótades soltava  
Do cárcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palavras animava  
Contra os varões audaces e animosos.  
Súbito, o céu sereno se obumbrava,  
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,  
Começam novas forças a ir tomando,  
Torres, montes e casas derribando.

Enquanto este conselho se fazia  
No fundo aquoso, a leda, lassa frota  
Com vento sossegado prosseguia,  
Pelo tranquilo mar, a longa rota.  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eóo Hemispério está remota;  
Os do quarto da prima se deitavam,  
Pera o segundo os outros despertavam.

Vencidos vêm do sono e mal despertos;  
Bocijando, a miúdo se encostavam  
Pelas antenas, todos mal cobertos ontra os  
agudos ares que assopravam;  
Os olhos contra seu querer abertos;  
Mas estregando, os membros estiravam.  
Remédios contra o sono buscar querem,  
Histórias contam, casos mil referem.

- «Com que melhor podemos (um dizia)  
Este tempo passar, que é tão pesado,  
Senão com algum conto de alegria,  
Com que nos deixe o sono carregado?»  
Responde Leonardo, que trazia  
Pensamentos de firme namorado:

- «Que contos poderemos ter melhores,  
Pera passar o tempo, que de amores?»

- «Não é (disse Veloso) cousa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
Não sofre amores nem delicadeza;  
Antes de guerra, férvida e robusta  
A nossa história seja, pois dureza  
Nossa vida há-de ser, segundo entendo,  
Que o trabalho por vir mo está dizendo.»

Consentem nisto todos, e encomendam  
A Veloso que conte isto que aprova.  
- «Contarei (disse) sem que me aprendam  
De contar cousa fabulosa ou nova;  
E por que os que me ouvirem daqui reprendam,  
A fazer feitos grandes de alta prova,  
Dos nascidos direi na nossa terra,  
E estes sejam os Doze de Inglaterra.

«No tempo que do Reino a rédea leve,  
João, filho de Pedro, moderava,  
Depois que sossegado e livre o teve  
Do vizinho poder, que o molestava,  
Lá na grande Inglaterra, que da neve  
Boreal sempre abunda, semeava  
A fera Erínis dura e má cizânia,  
Que lustre fosse a nossa Lusitânia.

«Entre as damas gentis da corte Inglesa  
E nobres cortesãos, acaso um dia  
Se levantou discórdia, em ira acesa  
(Ou foi opinião, ou foi porfia).  
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem que provarão que honras e famas  
Em tais damas não há pera ser damas;

«E que se houver alguém, com lança e espada,  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que eles, em campo raso ou estacada,  
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.  
A feminil fraqueza, pouco usada,  
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua  
De forças naturais convenientes,  
Socorro pede a amigos e parentes.

«Mas, como fossem grandes e possantes



No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes, nem fêrvidos amantes,  
A sustentar as damas, como devem.  
Com lágrimas fermosas, e bastantes  
A fazer que em socorro os Deuses levem  
De todo o Céu, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

«Era este Ingrês potente e militar  
Cos Portugueses já contra Castela,  
Onde as forças magnânimas provara  
Dos companheiros, e benigna estrela.  
Não menos nesta terra exprimentara  
Namorados afeitos, quando nela  
A filha viu, que tanto o peito doma  
Do forte Rei que por mulher a toma.

«Este, que socorrer-lhe não queria  
Por não causar discórdias intestinas,  
Lhe diz: - «Quando o direito pretendia  
Do Reino lá das terras Iberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas,  
Que eles sós poderiam, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro;

«E se, agravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhe mandarei embaixadores,  
Que, por cartas discretas e polidas,  
De vosso agravo os façam sabedores;  
Também, por vossa parte, encarecidas  
Com palavras d~ afagos e d, amores  
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio  
Que ali tereis socorro e forte esteio. »

«Destarte as aconselha o Duque experto  
E logo lhe nomeia doze fortes;  
E por que cada dama um tenha certo,  
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,  
Que elas só doze são; e descoberto  
Qual a qual tem caído das consortes,  
Cad'~ ua escreve ao seu, por vários modos,  
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

«Já chega a Portugal o mensageiro,  
Toda a corte alvoroça a novidade;  
Quisera o Rei sublime ser primeiro,  
Mas não lho sofre a régia Majestade.  
Qualquer dos cortesãos aventureiro  
Deseja ser, com fêrvida vontade,

E só fica por bem-aventurado  
Quem já vem pelo Duque nomeado.

«Lá na leal cidade donde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do governo.  
Apercebem-se os doze, em tempo breve,  
D'armas e roupas de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras e primores,  
Cavalos, e concertos de mil cores.

«Já do seu Rei tomado têm licença,  
Pera partir do Douro celebrado,  
Aqueles que escolhidos por sentença  
Foram do Duque Inglês experimentado.  
Não há na companhia diferença  
De cavaleiro, destro ou esforçado;  
Mas um só, que Magriço se dizia,  
Destarte fala à forte companhia:

- «Fortíssimos consócios, eu desejo  
Há muito já de andar terras estranhas,  
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,  
Várias gentes e leis e várias manhas.  
Agora que aparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as cousas são tamanhos)  
Quero, se me deixais, ir só por terra,  
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

«E quando caso for que eu, impedido  
Por Quem das cousas é última linha,  
Não for convosco ao prazo instituído,  
Pouca falta vos faz a falta minha:  
Todos por mi fareis o que é devido.  
Mas, se a verdade o espirito me adivinha,  
Rios, montes, Fortuna ou sua enveja  
Não farão que eu convosco lá não seja.»

«Assi diz e, abraçados os amigos  
E tomada licença, enfim se parte.  
Passa Lião, Castela, vendo antigos  
Lugares que ganhara o pátrio Marte;  
Navarra, cos altíssimos perigos  
Do Perineu, que Espanha e Gália parte.  
Vistas, enfim, de França as cousas grandes,  
No grande empório foi parar de Frandes.

«Ali chegado, ou fosse caso ou manha,  
Sem passar se deteve muitos dias.

Mas dos onze a ilustríssima companha  
Cortam do Mar do Norte as ondas frias;  
Chegados de Inglaterra à costa de estranha,  
Pera de Londres já fazem todos vias;  
Do Duque são com festas agasalhados  
E das damas servidos e animados.

«Chega-se o prazo e dia assinalado  
De entrar em campo já cos doze Ingleses,  
Que pelo Rei já tinham segurado;  
Armam-se d'elmos, grevas e de arneses.  
Já as damas têm por si, fulgente e armado,  
O Mavorte feroz dos Portugueses;  
Vestem-se elas de cores e de sedas,  
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

«Mas aquela a quem fora em sorte dado  
Magriço, que não vinha, com tristeza  
Se veste, por não ter quem nomeado  
Seja seu cavaleiro nesta empresa;  
Bem que os onze apregoam que acabado  
Será o negócio assi na corte Inglesa,  
Que as damas vencedoras se conheçam,  
Posto que dous e três dos seus faleçam.

«Já num sublime e púbrico teatro  
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte:  
Estavam três e três e quatro e quatro,  
Bem como a cada qual coubera em sorte;  
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,  
De força, esforço e d'ânimo mais forte,  
Outros doze sair, como os Ingleses,  
No campo. contra os onze Portugueses.

«Mastigam os cavalos, escumando,  
Os áureos freios, com feroz sembrante;  
Estava o Sol nas armas rutilando,  
Como em cristal ou rígido diamante;  
Mas enxerga-se, num e noutro bando,  
Partido desigual e dissonante  
Dos onze contra os doze; quando a gente  
Começa a alvoroçar-se geralmente.

«Viram todos o rosto aonde havia  
A causa principal do reboliço:  
Eis entra um cavaleiro, que trazia  
Armas, cavalo, ao bélico serviço;  
Ao Rei e às damas fala e logo se ia  
Pera os onze, que este era o grão Magriço;  
Abraça os companheiros, como amigos ,

A quem não falta, certo nos perigos.

«A dama, como ouviu que este era aquele  
Que vinha a defender seu nome e fama,  
Se alegre e veste ali do animal de Hele,  
Que a gente bruta mais que virtude ama.  
Já dão sinal, e o som da tuba impele  
Os belicosos ânimos, que inflama;  
Picam d'esporas, largam rédeas logo,  
Abaxam lanças, fere a terra fogo;

«Dos cavalos o estrépito parece  
Que faz que o chão debaixo todo treme;  
O coração no peito que estremece  
De quem os olha, se alvoroça e teme.  
Qual do cavalo voa, que não dece;  
Qual, co cavalo em terra dando, geme;  
Qual vermelhas as armas faz de brancas;  
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

«Algum dali tomou perpétuo sono  
E fez da vida ao fim breve intervalo;  
Correndo, algum cavalo vai sem dono,  
E noutra parte o dono sem cavalo.  
Cai a soberba Inglesa de seu trono,  
Que dous ou três já fora vão do valo.  
Os que de espada vêm fazer batalha,  
Mais acham já que arnês, escudo e malha.

«Gastar palavras em contar extremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
É desses gastadores, que sabemos,  
Maus do tempo, com fábulas sonhadas.  
Basta, por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas e afamadas,  
Cos nossos fica a palma da vitória  
E as damas vencedoras e com glória.

«Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas e alegria;  
Cozinheiros ocupa e caçadores,  
Das damas e fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora e cada dia,  
Enquanto se detêm em Inglaterra,  
Até tornar à doce e cara terra.

«Mas dizem que, contudo, o grão Magriço,  
Desejoso de ver as cousas grandes,  
Lá se deixou ficar, onde um serviço

Notável à Condessa fez de Frandes;  
E, como quem não era já noviço  
Em todo trance onde tu, Marte, mandes,  
Um Francês mata em campo, que o destino  
Lá teve de Torcato e de Corvino.

«Outro também dos doze em Alemanha  
Se lança e teve um fero desafio  
Cum Germano enganoso, que, com manha  
Não devida, o quis pôr no extremo fio.»  
Contando assi Veloso, já a companha  
Lhe pede que não faça tal desvio  
Do caso de Magriço e vencimento,  
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

Mas neste passo, assi prontos estando,  
Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
O apito toca: acordam, despertando,  
Os marinheiros d'ua e doutra banda.  
E, porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gáveas tomar manda.  
- «Alerta (disse) estai, que o vento crece  
Daquela nuvem negra que aparece! »

Não eram os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande e súbita procela.  
- «Amaina (disse o mestre a grandes brados),  
Amaina (disse), amaina a grande vela!»  
Não esperam os ventos indinados  
Que amainassem, mas, juntos dando nela,  
Em pedaços a fazem cum ruído  
Que o Mundo pareceu ser destruído!

O céu fere com gritos nisto a gente,  
Cum súbito temor e desacordo;  
Que, no romper da vela, a nau pendente  
Toma grão suma d'água pelo bordo.  
- «Alija (disse o mestre rijamente),  
Alija tudo ao mar, não falte acordo!  
Vão outros dar à bomba, não cessando;  
À bomba, que nos imos alagando!»

Correm logo os soldados animosos  
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,  
Os balanços que os mares temerosos  
Deram à nau, num bordo os derribaram.  
Três marinheiros, duros e forçosos,  
A menear o leme não bastaram;  
Talhas lhe punham, d'ua e doutra parte,  
Sem aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos eram tais que não puderam  
Mostrar mais força d'ímpeto cruel,  
Se pera derribar então vieram fortíssima  
Torre de Babel, os altíssimos mares, que cresceram,  
A pequena grandura dum batel  
Mostra a possante nau, que move espanto,  
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,  
Quebrado leva o masto pelo meio,  
Quási toda alagada; a gente chama  
Aquele que a salvar o mundo veio.  
Não menos gritos vão ao ar derrama  
Toda a nau de Coelho, com receio,  
Conquanto teve o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que desse o vento.

Agora sobre as nuvens os subiam  
As ondas de Neptuno furibundo;  
Agora a ver parece que deciam  
As íntimas entranhas do Profundo.  
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam  
Arruinar a máquina do Mundo;  
A noite negra e feia se alumia  
Cos raios em que o Pólo todo ardia!

As Alciónias aves triste canto  
Junto da costa brava levantaram,  
Lembrando-se de seu passado pranto,  
Que as furiosas águas lhe causaram.  
Os delfins namorados, entretanto,  
Lá nas covas marítimas entraram,  
Fugindo à tempestade e ventos duros,  
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca tão vivos raios fabricou  
Contra a fera soberba dos Gigantes  
O grão ferreiro sórdido que obrou  
Do enteado as armas radiantes;  
Nem tanto o grão Tonante arremessou  
Relâmpados ao mundo, fulminantes,  
No grão dilúvio donde sós viveram  
Os dous que em gente as pedras converteram.

Quantos montes, então, que derribaram  
As ondas que batiam denodadas!  
Quantas árvores velhas arrancaram  
Do vento bravo as fúrias indinadas!

As forçosas raízes não cuidaram  
Que nunca pera o céu fossem viradas  
Nem as fundas areias que pudessem  
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

Vendo Vasco da Gama que tão perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,  
Ora com nova fúria ao Céu subia,  
Confuso de temor, da vida incerto,  
Onde nenhum remédio lhe valia,  
Chama aquele remédio santo e forte  
Que o impossível pode, desta sorte:

- «Divina Guarda, angélica, celeste,  
Que os céus, o mar e terra senhoreias:  
Tu, que a todo Israel refúgio deste  
Por metade das águas Eritreias;  
Tu, que livraste Paulo e defendeste  
Das Sirtes arenosas e ondas feias,  
E, guardaste, cos filhos, o segundo  
Povoador do alagado e vácuo mundo:

«Se tenho novos medos perigosos  
Doutra Cila e Caribdis já passados,  
Outras Sirtes e baxos arenosos,  
Outros Acroceráunios infamados;  
No fim de tantos casos trabalhosos,  
Porque somos de Ti desempatados,  
Se este nosso trabalho não te ofende,  
Mas antes teu serviço só pretende?

«Oh ditosos aqueles que puderam  
Entre as agudas lanças Africanas  
Morrer, enquanto fortes sustiveram  
A santa Fé nas terras Mauritanas;  
De quem feitos ilustres se souberam,  
De quem ficam memórias soberanas,  
De quem se ganha a vida com perdê-la,  
Doce fazendo a morte as honras dela!»

Assi dizendo, os ventos, que lutam  
Como touros indómitos, bramando,  
Mais e mais a tormenta acrecentavam,  
Pela miúda enxárcia assoviando.  
Relâmpados medonhos não cessavam,  
Feros trovões, que vêm representando  
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,  
Consigo os Elementos terem guerra.

Mas já a amorosa Estrela cintilava  
Diante do Sol claro, no horizonte,  
Mensageira do dia, e visitava  
A terra e o largo mar, com leda fronte.  
A Deusa que nos Céus a governava,  
De quem foge o ensífero Oriente,  
Tanto que o mar e a cara armada vira,  
Tocada junto foi de medo e de ira.

- «Estas obras de Baco são, por certo  
(Disse), mas não será que avante leve  
Tão danada tenção, que descoberto  
Me será sempre o mal a que se atreve.»  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gastando espaço breve,  
Enquanto manda as Ninfas amorosas  
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

Grinaldas manda pôr de várias cores  
Sobre cabelos louros a porfia.  
Quem não dirá que nascem roxas flores  
Sobre ouro natural, que Amor enfia?  
Abrandar determina, por amores,  
Dos ventos a nojosa companhia,  
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,  
Que mais fermosas vinham que as estrelas.

Assi foi; porque, tanto que chegaram  
À vista delas, logo lhe falecem  
As forças com que dantes pelejaram,  
E já como rendidos lhe obedecem;  
Os pés e mãos parece que lhe ataram  
Os cabelos que os raios escurecem.  
A Bóreas, que do peito mais queria,  
Assi disse a belíssima Oritia:

- «Não creias, fero Bóreas, que te creio  
Que me tiveste nunca amor constante,  
Que brandura é de amor mais certo arreio  
E não convém furor a firme amante.  
Se já não pões a tanta insânia freio,  
Não esperes de mi, daqui em diante,  
Que possa mais amar-te, mas temer-te;  
Que amor, contigo, em medo se converte.»

Assi mesmo a fermosa Galateia  
Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
Que dias há que em vê-la se recreia,  
E bem crê que com ele tudo acabe.  
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,



Que o coração no peito lhe não cabe;  
De contente de ver que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

Desta maneira as outras amansavam  
Subitamente os outros amadores;  
E logo à linda Vénus se entregavam,  
Amansadas as iras e os furores.  
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,  
Sempiterno favor em seus amores,  
Nas belas mãos tomando-lhe homenagem  
De lhe serem leais esta viagem.

Já a manhã clara dava nos outeiros  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gávea os marinheiros  
Enxergaram terra alta, pela proa.  
Já fora de tormenta e dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa.  
Disse alegre o piloto Melindano:  
- «Terra é de Calecu, se não me engano.

«Esta é, por certo, a terra que buscais  
Da verdadeira Índia, que aparece;  
E se do mundo mais não desejais,  
Vosso trabalho longo aqui fenece.»  
Sofrer aqui não pôde o Gama mais,  
De ledó em ver que a terra se conhece;  
Os giolhos no chão, as mãos ao Céu,  
A mercê grande a Deus agradeceu.

As graças a Deus dava, e razão tinha,  
Que não somente a terra lhe mostrava  
Que, com tanto temor, buscando vinha,  
Por quem tanto trabalho experimentava,  
Mas via-se livrado, tão asinha,  
Da morte, que no mar lhe aparelhava  
O vento duro, férvido e medonho,  
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meio destes hórridos perigos,  
Destes trabalhos graves e temores,  
Alcançam os que são de fama amigos  
As honras imortais e graus maiores;  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores;  
Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Moscóvia zibelinos;

Não cos manjares novos e esquisitos,

Não cos passeios moles e ouciosos,  
Não cos vários deleites e infinitos,  
Que afeminam os peitos generosos;  
Não cos nunca vencidos apetitos,  
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não sofre a nenhum que o passo mude  
Pera algũa obra heróica de virtude;

Mas com buscar, co seu forçoso braço,  
As honras que ele chame próprias suas;  
Vigiando e vestindo o forjado aço,  
Sofrendo tempestades e ondas cruas,  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,  
Engolindo o corrupto mantimento  
Temperado com um árduo sofrimento;

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledó, inteiro,  
Pera o pelouro ardente que assovia  
E leva a perna ou braço ao companheiro.  
Destarte o peito um calo honroso cria,  
Desprezador das honras e dinheiro,  
Das honras e dinheiro que a ventura  
Forjou, e não virtude justa e dura.

Destarte se esclarece o entendimento,  
Que experiências fazem repousado,  
E fica vendo, como de alto assento,  
O baxo trato humano embaraçado.  
Este, onde tiver força o regimento  
Direito e não de afeitos ocupado,  
Subirá (como deve) a ilustre mando,  
Contra vontade sua, e não rogando.

## **Canto VII**

JÁ se viam chegados junto à terra  
Que desejada já de tantos fora,

Que entre as correntes Indicas se encerra  
E o Ganges, que no Céu terreno mora.  
Ora sus, gente forte, que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora:  
Já sois chegados, já tendes diante  
A terra de riquezas abundante!

A vós, ó geração de Luso, digo,  
Que tão pequena parte sois no mundo,  
Não digo inda no mundo, mas no amigo  
Cural de Quem governa o Céu rotundo;  
Vós, a quem não somente algum perigo  
Estorva conquistar o povo imundo,  
Mas nem cobiça ou pouca obediência  
Da Madre que nos Céus está em essência;

Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,  
Que o fraco poder vosso não pesais;  
Vós, que, à custa de vossas várias mortes,  
A lei da vida eterna dilatais:  
Assi do Céu deitadas são as sortes  
Que vós, por muito poucos que sejais,  
Muito façais na santa Cristandade.  
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

Vede'los Alemães, soberbo gado,  
Que por tão largos campos se apacenta;  
Do sucessor de Pedro rebelado,  
Novo pastor e nova seita inventa;  
Vede'lo em feias guerras ocupado,  
Que inda co cego error se não contenta,  
Não contra o superbíssimo Otomano,  
Mas por sair do jugo soberano.

Vede'lo duro Inglês, que se nomeia  
Rei da velha e santíssima Cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhoreia  
(Quem viu honra tão longe da verdade?),  
Entre as Boreais neves se recreia,  
Nova maneira faz de Cristandade:  
Pera os de Cristo tem a espada nua,  
Não por tomar a terra que era sua.

Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei  
A cidade Hierosólima terrestre,  
Enquanto ele não guarda a santa Lei  
Da cidade Hierosólima celeste.  
Pois de ti, Galo indino, que direi?  
Que o nome «Cristianíssimo» quiseste,  
Não pera defendê-lo nem guardá-lo,  
Mas pera ser contra ele e derribá-lo!

Achas que tens direito em senhorios  
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,  
E não contra o Cinífio e Nilo rios,  
Inimigos do antigo nome santo?  
Ali se hão-de provar da espada os fios

Em quem quer reprovar da Igreja o canto.  
De Carlos, de Luís, o nome e a terra  
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Pois que direi daqueles que em delícias,  
Que o vil ócio no mundo traz consigo,  
Gastam as vidas, logram as divícias,  
Esquecidos do seu valor antigo?  
Nascem da tirania inimicícias,  
Que o povo forte tem, de si inimigo.  
Contigo, Itália, falo, já sumersa  
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

Ó míseros Cristãos, pola ventura  
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,  
Que uns aos outros se dão à morte dura,  
Sendo todos de um ventre produzidos?  
Não vedes a divina Sepultura  
Possuída de Cães, que, sempre unidos,  
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,  
Fazendo-se famosos pela guerra?

Vedes que têm por uso e por decreto,  
Do qual são tão inteiros observantes,  
Ajuntarem o exército inquieto  
Contra os povos que são de Cristo amantes;  
Entre vós nunca deixa a fera Aletto  
De samear cizânias repugnantes.  
Olhai se estais seguros de perigos,  
Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

Se cobiça de grandes senhorios  
Vos faz ir conquistar terras alheias,  
Não vedes que Pactolo e Hermo rios  
Ambos volvem auríferas areias?  
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;  
África esconde em si luzentes veias;  
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,  
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

Aquelas invenções, feras e novas,  
De instrumentos mortais da artelharia  
Já devem de fazer as duras provas  
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.  
Fazei que torne lá às silvestres covas  
Dos Cáspios montes e da Cítia fria  
A Turca geração, que multiplica  
Na polícia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,  
Bradando vos estão que o povo bruto  
Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
Preceptos do Alcorão (duro tributo!).  
Em castigar os feitos inumanos  
Vos gloriái de peito forte e astuto,  
E não queirais louvores arrogantes  
De serdes contra os vossos mui possantes.

Mas, entanto que cegos e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltarão Cristãos atrevimentos  
Nesta pequena casa Lusitana:  
De Africa tem marítimos assentos;  
É na Ásia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara;  
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

E vejamos, entanto, que acontece  
Àqueles tão famosos navegantes,  
Despois que a branda Vénus enfraquece  
O furor vão dos ventos repugnantes;  
Despois que a larga terra lhe aparece,  
Fim de suas perfias tão constantes,  
Onde vem samear de Cristo a lei  
E dar novo costume e novo Rei.

Tanto que à nova terra se chegaram,  
Leves embarcações de pescadores  
Acharam, que o caminho lhe mostraram  
De Calecu, onde eram moradores.  
Pera lá logo as proas se inclicaram,  
Porque esta era a cidade, das milhores  
Do Malabar, melhor, onde vivia  
O Rei que a terra toda possuía.

Além do Indo jaz e aquém do Gange  
Um terreno mui grande e assaz famoso  
Que pela parte Austral o mar abrange  
E pera o Norte o Emódio cavernoso.  
Jugo de Reis diversos o constringe  
A várias leis: alguns o vicioso  
Mahoma, alguns os Ídolos adoram,  
Alguns os animais que entre eles moram.

Lá bem no grande monte que, cortando  
Tão larga terra, toda Ásia discorre,  
Que nomes tão diversos vai tomando  
Segundo as regiões por onde corre,  
As fontes saem donde vêm manando

Os rios cuja grão corrente morre  
No mar Índico, e cercam todo o peso  
Do terreno, fazendo-o quersoneso.

Entre um e o outro rio, em grande espaço  
Sai da larga terra ùa longa ponta,  
Quási piramidal, que, no regaço  
Do mar, com Ceilão ínsula confronta;  
E junto donde nasce o largo braço  
Gangético, o rumor antigo conta  
Que os vizinhos, da terra moradores,  
Do cheiro se mantêm das finas flores.

Mas agora, de nomes e de usança  
Novos e vários são os habitantes:  
Os Deliis, os Patanes, que em possança  
De terra e gente, são mais abundantes;  
Decanis, Oriás, que a esperança  
Têm de sua salvação nas ressonantes  
Águas do Gange; e a terra de Bengala,  
Fértil de sorte que outra não lhe iguala;

O Reino de Cambaia belicoso  
(Dizem que foi de Poro, Rei potente);  
O Reino de Narsinga, poderoso  
Mais de ouro e pedras que de forte gente.  
Aqui se enxerga, lá do mar undoso,  
Um monte alto, que corre longamente,  
Servindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canará vive seguro.

Da terra os naturais lhe chamam Gate,  
Do pé do qual, pequena quantidade,  
Se estende ùa fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade.  
Aqui de outras cidades, sem debate,  
Calecu tem a ilustre dignidade  
De cabeça de Império, rica e bela;  
Samorim se intitula o senhor dela.

Chegada a frota ao rico senhorio,  
Um Português, mandado, logo parte  
A fazer sabedor o Rei gentio  
Da vinda sua a tão remota parte.  
Entrando o mensageiro pelo rio  
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,  
A cor, o gesto estranho, o traje novo,  
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

Entre a gente que a vê-lo concorria,

Se chega um Mahometa, que nascido  
Fora na região da Berberia,  
Lá onde fora Anteu obedecido.  
(Ou, pela vezinhança, já teria  
O Reino Lusitano conhecido,  
Ou foi já assinalado de seu ferro;  
Fortuna o trouxe a tão longo desterro).

Em vendo o mensageiro, com jocundo  
Rosto, como quem sabe a língua Hispana,  
Lhe disse: - « Quem te trouxe a estoutro mundo,  
Tão longe da tua pátria Lusitana?»  
- «Abrindo (lhe responde) o mar profundo  
Por onde nunca veio gente humana;  
Vimos buscar do Indo a grão corrente,  
Por onde a Lei divina se acrecente.»

Espantado ficou da grão viagem  
O Mouro, que Monçaide se chamava,  
Ouvindo as opressões que na passagem  
Do mar o Lusitano lhe contava.  
Mas vendo, enfim, que a força da mensagem  
Só pera o Rei da terra relevava,  
Lhe diz que estava fora da cidade,  
Mas de caminho pouca quantidade;

E que, entanto que a nova lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria,  
Na sua pobre casa repousasse  
E do manjar da terra comeria;  
E depois que se um pouco recreasse,  
Co ele pera a armada tornaria,  
Que alegria não pode ser tamanha  
Que achar gente vizinha em terra estranha.

O Português aceita de vontade  
O que o ledo Monçaide lhe oferece;  
Como se longa fora já a amizade,  
Co ele come e bebe e lhe obedece.  
Ambos se tornam logo da cidade  
Pera a frota, que o Mouro bem conhece.  
Sobem à capitaina, e toda a gente  
Monçaide recebeu benignamente.

O Capitão o abraça, em cabo ledo,  
Ouvindo clara a língua de Castela;  
Junto de si o assenta e, pronto e quedo,  
Pela terra pergunta e cousas dela.  
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredado,  
Só por ouvir o amante da donzela

Eurídice, tocando a lira de ouro,  
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

Ele começa: - «Ó gente, que a Natura  
Vizinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tão grande ou que ventura  
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?  
Não é sem causa, não, oculta e escura,  
Vir do longinco Tejo e ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lenho arados,  
A Reinos tão remotos e apartados.

«Deus, por certo, vos traz, porque pretende  
Algun serviço seu por vós obrado;  
Por isso só vos guia e vos defende  
Dos inimigos, do mar, do vento irado.  
Sabei que estais na Índia, onde se estende  
Diverso povo, rico e prosperado  
De ouro luzente e fina pedraria  
Cheiro suave, ardente especiaria.

«Esta província, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama;  
Do culto antigo os Ídolos adora,  
Que cá por estas partes se derrama;  
De diversos Reis é, mas dum só fora  
Noutro tempo, segundo a antiga fama:  
Saramá Perimal foi derradeiro  
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

«Porém, como a esta terra então viessem  
De lá do seio Arábico outras gentes  
Que o culto Mahomético trouxessem,  
No qual me instituíram meus parentes,  
Sucedeu que, pregando, convertessem  
O Perimal; de sábios e eloquentes,  
Fazem-lhe a Lei tomar com fervor tanto  
Que pros[s]upôs de nela morrer santo.

«Naus arma e nelas mete, curioso,  
Mercadoria que ofereça, rica,  
Pera ir nelas a ser religioso  
Onde o Profeta jaz que a Lei publica.  
Antes que parta, o Reino poderoso  
Cos seus reparte, porque não lhe fica  
Herdeiro próprio; faz os mais aceites  
Ricos, de pobres; livres, de sujeitos.

«A um Cochim e a outro Cananor,  
A qual Chale, a qual a Ilha da Pimenta,



A qual Coulão, a qual dá Cranganor,  
E os mais, a quem o mais serve e contenta.  
Um só moço, a quem tinha muito amor,  
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:  
Pera este Calecu sòmente fica,  
Cidade já por trato nobre e rica.

«Esta lhe dá, co título excelente  
De Emperador, que sobre os outros mande.  
Isto feito, se parte diligente  
Pera onde em santa vida acabe e ande.  
E daqui fica o nome de potente  
Çamori, mais que todos dino e grande,  
Ao moço e descendentes, donde vem  
Este que agora o Império manda e tem.

«A Lei da gente toda, rica e pobre,  
De fábulas composta se imagina.  
Andam nus e somente um pano cobre  
As partes que a cobrir Natura ensina.  
Dous modos há de gente, porque a nobre  
Naires chamados são, e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
A lei não misturar a casta antiga;

«Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,  
De outro não podem receber consorte;  
Nem os filhos terão outro exercício  
Senão o de seus passados, até morte.  
Pera os Naires é, certo, grande vício  
Destes serem tocados; de tal sorte  
Que, quando algum se toca porventura,  
Com cerimónias mil se alimpa e apura.

«Desta sorte o Judaico povo antigo  
Não tocava na gente de Samária.  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de usança vária.  
Os Naires sós são dados ao perigo  
Das armas; sós defendem da contrária  
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

«Brâmenes são os seus religiosos,  
Nome antigo e de grande preminência;  
Observam os preceitos tão famosos  
Dum que primeiro pôs nome à ciência;  
Não matam cousa viva e, temerosos,  
Das carnes têm grandíssima abstinência.

Somente no Venéreo ajuntamento  
Têm mais licença e menos regimento.

«Gerais são as mulheres, mas somente  
Pera os da geração de seus maridos  
(Ditosa condição, ditosa gente,  
Que não são de ciúmes ofendidos!)  
Estes e outros costumes variamente  
São pelos Malabares admitidos.  
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo  
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.»

Assi contava o Mouro; mas vagando  
Andava a fama já pela cidade  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rei saber mandava da verdade.  
Já vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo e idade,  
Os principais que o Rei buscar mandara  
O Capitão da armada que chegara.

Mas ele, que do Rei já tem licença  
Pera desembarcar, acompanhado  
Dos nobres Portugueses, sem detença  
Parte, de ricos panos adornado  
Das cores a fermosa diferença  
A vista alegre ao povo alvoroçado;  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

Na prata um regedor do Reino estava  
Que, na sua língua, «Catual» se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama.  
Já na terra, nos braços o levava  
E num portátil leito ùa rica cama  
Lhe oferece em que vá (costume usado),  
Que nos ombros dos homens é levado.

Destarte o Malabar, destarte o Luso,  
Caminham lá pera onde o Rei o espera;  
Os outros Portugueses vão ao uso  
Que infantaria segue, esquadra fera.  
O povo que concorre vai confuso  
De ver a gente estranha, e bem quisera  
Perguntar; mas, no tempo já passado,  
Na Torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama e o Catual iam falando  
Nas cousas que lhe o tempo oferecia;

Monçaide, entr'eles, vai interpretando  
As palavras que de ambos entendia.  
Assi pela cidade caminhando,  
Onde ùa rica fábrika se erguia  
De um sumptuoso templo já chegavam,  
Pelas portas do qual juntos entravam.

Ali estão das Deidades as figuras,  
Esculpidas em pau e em pedra fria,  
Vários de gestos, vários de pinturas,  
A segundo o Demónio lhe fingia;  
Vêm-se as abomináveis esculturas,  
Qual a Quimera em membros se varia;  
Os cristãos olhos, a ver Deus usados  
Em forma humana, estão maravilhados.

Um, na cabeça cornos esculpidos,  
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;  
Outro, num corpo rostos tinha unidos,  
Bem como o antigo Jano se pintava;  
Outro, com muitos braços divididos,  
A Briareu parece que imitava;  
Outro, fronte canina tem de fora,  
Qual Anúbis Menfítico se adora.

Aqui feita do bárbaro Gentio  
A supersticiosa adoração,  
Direitos vão, sem outro algum desvio,  
Pera onde estava o Rei do povo vão.  
Engrossando-se vai da gente o fio  
Cos que vêm ver o estranho Capitão.  
Estão pelos telhados e janelas  
Velhos e moços, donas e donzelas.

Já chegam perto, e não [com] passos lentos,  
Dos jardins odoríferos fermosos,  
Que em si escondem os régios apousentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos;  
Edificam-se os nobres seus assentos  
Por entre os arvoredos deleitosos:  
Assi vivem os Reis daquela gente,  
No campo e na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza  
Se enxerga da Dedálea facultade,  
Em figuras mostrando, por nobreza,  
Da Índia a mais remota antiguidade.  
Afiguradas vão com tal viveza  
As histórias daquela antiga idade,  
Que quem delas tiver notícia inteira,

Pela sombra conhece a verdadeira.

Estava um grande exército, que pisa  
A terra Oriental que o Idaspe lava;  
Rege-o um capitão de fronte lisa,  
Que com frondentes tirsos pelejava  
(Por ele edificada estava Nisa  
Nas ribeiras do rio que manava),  
Tão próprio que, se ali estiver Semele,  
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.

Mais avante, bebendo, seca o rio  
Mui grande multidão da Assíria gente,  
sujeita a feminino senhorio  
De ùa tão bela como incontinente.  
Ali tem, junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente  
Com quem teria o filho competência.  
Amor nefando, bruta incontinência!

Daqui mais apartadas, tremulavam  
As bandeiras de Grécia gloriosas  
(Terceira Monarquia), e sojugavam  
Até as águas Gangéticas undosas.  
Dum capitão mancebo se guiavam,  
De palmas rodeado valerosas,  
Que já não de Filipo, mas, sem falta  
De progénie de Júpiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memórias,  
Dizia o Catual ao Capitão:  
- «Tempo cedo virá que outras vitórias  
Estas que agora olhais abaterão;  
Aqui se escreverão novas histórias  
Por gentes estrangeiras que virão;  
Que os nossos sábios magos o alcançaram  
Quando o tempo futuro especularam.

«E diz-lhe mais a mágica ciência  
Que, pera se evitar força tamanho,  
Não valerá dos homens resistência,  
Que contra o Céu não val da gente manha;  
Mas também diz que a bélica excelência,  
Nas armas e na paz, da gente estranha  
Será tal, que será no mundo ouvido  
O vencedor por glória do vencido».

Assi falando, entravam já na sala  
Onde aquele potente Emperador

Nüa camilha jaz, que não se iguala  
De outra algüa no preço e no lavor.  
No recostado gesto se assinala  
Um venerando e próspero senhor;  
Um pano de ouro cinge, e na cabeça  
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto dele, um velho reverente,  
Cos gíolhos no chão, de quando em quando  
Lhe dava a verde folha da erva ardente,  
Que a seu costume estava ruminando.  
Um Brâmene, pessoa preminente,  
Pera o Gama vem com passo brando,  
Pera que ao grande Príncipe o apresente,  
Que diante lhe acena que se assente.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
Os seus mais afastados, pronto em vista  
Estava o Samori no trajo e jeito  
Da gente, nunca de antes dele vista.  
Lançando a grave voz do sábio peito,  
Que grande autoridade logo aquista  
Na opinião do Rei e do povo todo,  
O Capitão lhe fala deste modo:

- «Um grande Rei, de lá das partes onde  
O Céu volúbil, com perpétua roda,  
Da terra a luz solar co a Terra esconde,  
Tingindo, a que deixou, de escura noda,  
Ouvindo do rumor que lá responde  
O eco, como em ti da Índia toda  
O principado está e a majestade,  
Vínculo quer contigo de amizade.

«E por longos rodeios a ti manda  
Por te fazer saber que tudo aquilo  
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,  
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,  
E desd'a fria plaga de Gelandá  
Até bem donde o Sol não muda o estilo  
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,  
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.

«E se queres, com pactos e lianças  
De paz e de amizade, sacra e nua,  
Comércio consentir das abondanças  
Das fazendas da terra sua e tua,  
Por que creçam as rendas e abastanças  
(Por quem a gente mais trabalha e sua)

De vossos Reinos, será certamente  
De ti proveito, e dele glória ingente.

«E sendo assi que o nó desta amizade  
Entre vós firmemente permaneça,  
Estará pronto a toda adversidade  
Que por guerra a teu Reino se ofereça,  
Com gente, armas e naus, de qualidade  
Que por irmão te tenha e te conheça;  
E da vontade em ti sobr'isto posta  
Me dês a mi certíssima resposta.»

Tal embaxada dava o Capitão,  
A quem o Rei gentio respondia  
Que, em ver embaxadores de nação  
Tão remota, grão glória recebia;  
Mas neste caso a última tenção  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informando-se certo de quem era  
O Rei e a gente e terra que dissera;

E que, entanto, podia do trabalho  
Passado ir repousar; e em tempo breve  
Daria a seu despacho um justo talho,  
Com que a seu Rei repostas alegre leve.  
Já nisto punha a noite o usado atalho  
Às humanas canseiras, por que ceve  
De doce sono os membros trabalhados,  
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

Agasalhados foram juntamente  
O Gama e Portugueses no apouso  
Do nobre Regedor da Indica gente,  
Com festas e geral contentamento.  
O Catual, no cargo diligente  
De seu Rei, tinha já por regimento  
Saber da gente estranha donde vinha,  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os ígneos carros do fermoso  
Mancebo Délio viu, que a luz renova,  
Manda chamar Monçaide, desejoso  
De poder-se informar da gente nova.  
Já lhe pergunta, pronto e curioso,  
Se tem notícia inteira e certa prova  
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha  
Que é gente de sua pátria mui vizinha;

Que particularmente ali lhe desse

Informação mui larga, pois fazia  
Nisso serviço ao Rei, por que soubesse  
O que neste negócio se faria  
Monçaide torna: - «posto que eu quisesse  
Dizer-te disto mais, não saberia;  
Sòmente sei que é gente lá de Espanha,  
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

«Tem a lei dum Profeta que gerado  
Foi sem fazer na carne detrimento  
Da mãe, tal que por bafô está aprovado  
Do Deus que tem do Mundo o regimento.  
O que entre meus antigos é vulgado  
Deles, é que o valor sanguinolento  
Das armas no seu braço resplandece,  
O que em nossos passados se parece.

«Porque eles, com virtude sobre-humana,  
Os deitaram dos campos abundosos  
Do rico Tejo e fresca Guadiana,  
Com feitos memoráveis e famosos;  
E não contentes inda, e na Africana  
Parte, cortando os mares procelosos,  
Nos não querem deixar viver seguros,  
Tomando-nos cidades e altos muros.

«Não menos têm mostrado esforço e manha  
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,  
Ou das gentes belígeras de Espanha,  
Ou lá dalguns que do Pirene deçam.  
Assi que nunca, enfim, com lança estranha  
Se tem que por vencidos se conheçam;  
Nem se sabe inda, não, te afirmo e asselo  
Pera estes Anibais nenhum Marcelo.

«E s'esta informação não for inteira  
Tanto quanto convém, deles pretende  
Informar-te, que é gente verdadeira,  
A quem mais falsidade enoja e ofende;  
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira  
Do fundido metal que tudo rende  
E folgarás de veres a polícia  
Portuguesa, na paz e na milícia.»

Já com desejos o Idolátra ardia  
De ver isto que o Mouro lhe contava;  
Manda equipar batéis, que ir ver queria  
Os lenhos em que o Gama navegava.  
Ambos partem da praia, a quem seguia

A Naira geração, que o mar coalhava;  
À capitaina sobem, forte e bela,  
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

Purpúreos são os toldos, e as bandeiras  
Do rico fio são que o bicho gera;  
Nelas estão pintadas as guerreiras  
Obras que o forte braço já fizera;  
Batalhas têm campais aventureiras,  
Desafios cruéis, pintura fera,  
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nela os olhos apacenta.

Pelo que vê pergunta; mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se assente  
E que aquele deleite que tanto ama  
A seita Epicureia experimente.  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor que Noé mostrara à gente;  
Mas comer o Gentio não pretende,  
Que a seita que seguia lho defende.

A trombeta, que, em paz, no pensamento  
Imagem faz de guerra, rompe os ares;  
Co fogo o diabólico instrumento  
se faz ouvir no fundo lá dos mares.  
Tudo o Gentio nota; mas o intento  
Mostrava sempre ter nos singulares  
Feitos dos homens que, em retrato breve  
A muda poesia ali descreve.

Alça-se em pé, co ele o Gama junto,  
Coelho de outra parte e o Mauritano;  
Os olhos põe no bélico trasunto  
De um velho branco, aspeito venerando,  
Cujo nome não pode ser defunto  
Enquanto houver no mundo trato humano:  
No traje a Grega usança está perfeita;  
Um ramo, por insígnia, na direita.

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,  
Eu, que cometo, insano e temerário,  
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,  
Por caminho tão árduo, longo e vário!  
Vosso favor invoco, que navego  
Por alto mar, com vento tão contrário  
Que, se não me ajudais, hei grande medo  
Que o meu fraco batel se alague cedo.



Olhai que há tanto tempo que, cantando  
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,  
A Fortuna me traz peregrinando,  
Novos trabalhos vendo e novos danos:  
Agora o mar, agora experimentando  
Os perigos Mavórcios inumanos,  
Qual Cánace, que à morte se condena,  
Nüa mão sempre a espada e noutra a pena;

Agora, com pobreza avorrecida,  
Por hospícios alheios degradado;  
Agora, da esperança já adquirida,  
De novo mais que nunca derribado;  
Agora às costas escapando a vida,  
Que dum fio pendia tão delgado  
Que não menos milagre foi salvar-se  
Que pera o Rei Judaico acrescentar-se.

E ainda, Ninfas minhas, não bastava  
Que tamanhas misérias me cercassem,  
Senão que aqueles que eu cantando andava  
Tal prémio de meus versos me tornassem:  
A troco dos descansos que esperava,  
Das capelas de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca usados me inventaram,  
Com que em tão duro estado me deitaram.

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar, com tais favores,  
A quem os faz, cantando, gloriosos!  
Que exemplos a futuros escritores,  
Pera espertar engenhos curiosos,  
Pera porem as cousas em memória  
Que merecerem ter eterna glória!

Pois logo, em tantos males, é forçado  
Que só vosso favor me não faleça,  
Principalmente aqui, que sou chegado  
Onde feitos diversos engrandeça:  
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado  
Que não no empregue em quem o não mereça,  
Nem por lisonja louve algum subido,  
Sob pena de não ser agradecido.

Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse  
A quem ao bem comum e do seu Rei  
Antepuser seu próprio interesse,  
Imigo da divina e humana Lei.

Nenhum ambicioso que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarei,  
Só por poder com torpes exercícios  
Usar mais largamente de seus vícios;

Nenhum que use de seu poder bastante  
Pera servir a seu desejo feio,  
E que, por comprazer ao vulgo errante,  
Se muda em mais figuras que Proteio.  
Nem, Camenas, também cuideis que cante  
Quem, com hábito honesto e grave, veio,  
Por contentar o Rei, no ofício novo,  
A despir e roubar o pobre povo!

Nem quem acha que é justo e que é direito  
Guardar-se a lei do Rei severamente,  
E não acha que é justo e bom respeito  
Que se pague o suor da servil gente;  
Nem quem sempre, com pouco experto peito,  
Razões aprende, e cuida que é prudente,  
Pera taxar, com mão rapace e escassa,  
Os trabalhos alheios que não passa.

Aqueles sós direi que aventuraram  
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,  
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,  
Tão bem de suas obras merecida.  
Apolo e as Musas, que me acompanharam,  
Me dobrarão a fúria concedida,  
Enquanto eu tomo alento, descansado,  
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

## **Canto VIII**

Na primeira figura se detinha  
O Catual que vira estar pintada,

Que por divisa um ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa e penteada.  
Quem era e por que causa lhe convinha  
A divisa que tem na mão tomada?  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O Mauritano sábio lhe interpreta:

- «Estas figuras todas que aparecem,  
Bravos em vista e feros nos aspeitos,  
Mais bravos e mais feros se conhecem,  
Pela fama, nas obras e nos feitos.

Antigos são, mas inda resplandecem  
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos.  
Este que vês, é Luso, donde a Fama  
O nosso Reino «Lusitânia» chama.

«Foi filho e companheiro do Tebano  
Que tão diversas partes conquistou;  
Parece vindo ter ao ninho Hispano  
Seguindo as armas, que continuo usou.  
Do Douro, Guadiana o campo ufano,  
Já dito Elísio, tanto o contentou  
Que ali quis dar aos já cansados ossos  
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

«O ramo que lhe vês, pera divisa,  
O verde tirso foi, de Baco usado;  
O qual à nossa idade amostra e avisa  
Que foi seu companheiro e filho amado.  
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,  
Depois de ter tão longo mar arado,  
Onde muros perpétuos edifica,  
E templo a Palas, que em memória fica?

«Ulisses é, o que faz a santa casa  
À Deusa que lhe dá língua facunda;  
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,  
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»  
- «Quem será estoutro cá, que o campo arrasa  
De mortos, com presença furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratadas,  
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas!»

Assi o Gentio diz. Responde o Gama:  
- «Este que vês, pastor já foi de gado;  
Viriato sabemos que se chama,  
Destro na lança mais que no cajado;  
Injuriada tem de Roma a fama,  
Vencedor invencível, afamado.  
Não tem com ele, não, nem ter puderam,  
O primor que com Pirro já tiveram.

«Com força, não; com manha vergonhosa  
A vida lhe tiraram, que os espanta;  
Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,  
As vezes leis magnânimas quebranta.  
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,  
Degradado, connosco se alevanta;  
Escolheu bem com quem se alevantasse  
Pera que eternamente se ilustrasse.

Vês, connosco também vence as bandeiras  
Dessas aves de Júpiter validas;  
Que já naquele tempo as mais guerreiras  
Gentes de nós souberam ser vencidas.  
Olha tão sutis artes e maneiras  
Pera adquirir os povos, tão fingidas:  
A fatídica cerva que o avisa.  
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.

«Olha estoutra bandeira, e vê pintado  
O grão progenitor dos Reis primeiros:  
Nós Húngaro o fazemos, porém nado  
Crêm ser em Lotaríngia os estrangeiros.  
Depois de ter, cos Mouros, superado  
Galegos e Lioneses cavaleiros,  
À Casa Santa passa o santo Henrique,  
Por que o tronco dos Reis se santifique.»

- «Quem é, me dize, estoutro que me espanta  
(Pergunta o Malabar maravilhado),  
Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
Com tão pouca, tem roto e destroçado?  
Tantos muros aspérrimos quebranta,  
Tantas batalhas dá, nunca cansado,  
Tantas coroas tem, por tantas partes,  
A seus pés derribadas, e estandartes?»

- «Este é o primeiro Afonso (disse o Gama),  
Que todo Portugal aos Mouros toma;  
Por quem no Estígio lago jura a Fama  
De mais não celebrar nenhum de Roma.  
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,  
Nada deixando já pera os futuros.

«Se César, se Alexandre Rei, tiveram  
Tão pequeno poder, tão pouca gente,  
Contra tantos imigos quantos eram  
Os que desbaratava este excelente,  
Não creias que seus nomes se estenderam  
Com glórias imortais tão largamente;  
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,  
Vê que os de seus vassalos são notáveis.

«Este que vês olhar, com gesto irado,  
Pera o rompido aluno mal sofrido,  
Dizendo-lhe que o exército espalhado  
Recolha, e torne ao campo defendido;  
Torna o Moço, do velho acompanhado,

Que vencedor o torna de vencido:  
Egas Moniz se chama o forte velho,  
Pera leais vassalos claro espelho.

«Vê-lo cá vai cos filhos a entregar-se,  
A corda ao colo, nu de seda e pano,  
Porque não quis o Moço sujeitar-se,  
Como ele prometera, ao Castelhana.  
Fez com siso e promessas levantar-se  
O cerco, que já estava soberano.  
Os filhos e mulher obriga à pena:  
Pera que o senhor salve, a si condena.

«Não fez o Cônsul tanto que cercado  
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,  
Quando a passar por baxo foi forçado  
Do Samnítico jugo triunfante.  
Este, pelo seu povo injuriado,  
A si se entrega só, firme e constante;  
Estoutro a si e os filhos naturais  
E a consorte sem culpa, que dói mais.

«Vês este que, saindo da cilada,  
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?  
Já o Rei tem preso e a vila descercada;  
Ilustre feito, dino de Mavorte!  
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,  
No mar também aos Mouros dando a morte,  
Tomando-lhe as galés, levando a glória  
Da primeira marítima vitória:

É Dom Fuas Roupinho, que na terra  
E no mar resplandece juntamente,  
Co fogo que acendeu junto da serra  
De Ábila, nas galés da Maura gente.  
Olha como, em tão justa e santa guerra,  
De acabar pelejando está contente.  
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,  
Triunfando, nos Céus, com justa palma.

«Não vês um ajuntamento, de estrangeiro  
Trajo, sair da grande armada nova,  
Que ajuda a combater o Rei primeiro  
Lisboa, de si dando santa prova?  
Olha Heurique, famoso cavaleiro,  
A palma que lhe nasce junto à cova.  
Por eles mostra Deus milagre visto;  
Germanos são os Mártires de Cristo.

«Um Sacerdote vê, brandindo a espada

Contra Arronches, que toma, por vingança.  
De Leiria, que de antes foi tomada  
Por quem por Mafamede enresta a lança:  
É Teotónio Prior. Mas vê cercada  
Santarém, e verás a segurança  
Da figura nos muros que, primeira  
Subindo, ergueu das Quinas a bandeira.

Vê-lo cá, donde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandália em fera guerra;  
Os inimigos rompendo, o alferes mata  
E Hispálico pendão derriba em terra:  
Mem Moniz é, que em si o valor retrata  
Que o sepulcro do pai cos ossos corra.  
Dino destas bandeiras, pois sem falta  
A contrária derriba e a sua exalta.

«Olha aquele que dece pela lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Ande a cilada esconde, com que alcança  
A cidade, por manhas e ousadias.  
Ela por armas toma a semelhança  
Do cavaleiro que as cabeças frias  
Na mão levava (feito nunca feito!):  
Giraldo Sem Pavor é o forte peito.

«Não vês um Castelhana, que, agravado  
De Afonso nono, Rei, pelo ódio antigo  
Dos de Lara, cos Mouros é deitado,  
De Portugal fazendo-se inimigo?  
Abrantes vila toma, acompanhado  
Dos duros Infiéis que traz consigo;  
Mas vê que um Português com pouca gente  
O desbarata e o prende ousadamente.

. «Martim Lopes se chama o cavaleiro  
que destes levar pode a palma e o louro.  
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o bago de ouro.  
Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro  
Em não negar batalha ao bravo Mouro;  
Olha o sinal no Céu, que lhe aparece,  
Com que nos poucos seus o esforço crece

. «Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha  
Rotos, cos outros dous, e não de espaço;  
Rotos? Mas antes mortos: maravilha  
Feita de Deus, que não de humano braço.

Vês? Já a vila de Alcácer se humilha,  
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,  
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,  
Que a coroa de palma ali coroa.

«Olha um Mestre que dece de Castela,  
Português de nação, como conquista  
A terra dos Algarves, e já nela  
Não acha que por armas lhe resista.  
Com manha, esforço e com benigna estrela,  
Vilas, castelos, toma à escala vista.  
Vês Tavila tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores?

«Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha  
Silves, que ele ganhou com força ingente:  
É Dom Paio Correia, cuja manha  
E grande esforço faz enveja à gente.  
Mas não passes os três que em França e Espanha  
Se fazem conhecer perpétuamente  
Em desafios, justas e torneus,  
Nelas deixando públicos troféus.

«Vê-los co nome vêm de aventureiros  
A Castela, onde o preço sós levaram  
Dos jogos de Belona verdadeiros,  
Que com dano de alguns se exercitaram.  
Vê mortos os soberbos cavaleiros  
Que o principal dos três desafiaram,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,  
Que pode não temer a lei Leteia.

«Atenta num que a fama tanto estende  
Que de nenhum passado se contenta;  
Que a Pátria, que de um fraco fio pende,  
Sobre seus duros ombros a sustenta.  
Não no vês tinto de ira, que reprende  
A vil desconfiança, inerte e lenta,  
Do povo, e faz que tome o doce freio  
De Rei seu natural, e não de alheio?

«Olha: por seu conselho e ousadia,  
De Deus guiada só e de santa estrela,  
Só, pode o que impossível parecia:  
Vencer o povo ingente de Castela.  
Vês, por indústria, esforço e valentia,  
Outro estrago e vitória, clara e bela,  
Na gente, assi feroz como infinita,  
Que entre o Tarteso e Guadiana habita?

«Mas não vês quási já desbaratado  
O poder Lusitano, pela ausência  
Do Capitão devoto, que, apartado,  
Orando invoca a suma e trina Essência?  
Vê-lo com pressa já dos seus achado,  
Que lhe dizem que falta resistência  
Contra poder tamanho, e que viesse  
Por que consigo esforço aos fracos desse.

«Mas olha com que santa confiança,  
Que «inda não era tempo» respondia,  
Como quem tinha em Deus a segurança  
Da vitória que logo lhe daria.  
Assi Pompílio, ouvindo que a possança  
Dos imigos a terra lhe corria,  
A quem lhe a dura nova estava dando,  
«Pois eu (responde) estou sacrificando.»

«Se quem com tanto esforço em Deus se atreve  
Ouvir quiseres como se nomeia,  
«Português Cipião» chamar-se deve;  
Mas mais de «Dom Nuno Álvares» se arreia.  
Ditosa pátria que tal filho teve!  
Mas antes, pai! que, enquanto o Sol rodeia  
Este globo de Ceres e Neptuno,  
Sempre suspirará por tal aluno.

«Na mesma guerra vê que presas ganha  
Estoutro Capitão de pouca gente;  
Comendadores vence e o gado apanha  
Que levavam roubado ousadamente;  
Outra vez vê que a lança em sangue banha  
Destes, só por livrar, co amor ardente,  
O preso amigo, preso por leal:  
Pero Rodrigues é do Landroal.

«Olha este desleal e como paga  
O perjúrio que fez e vil engano;  
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga  
E faz vir a passar o último dano:  
De Xerez rouba o campo e quási alaga  
Co sangue de seus donos Castelhana.  
Mas olha Rui Pereira, que co rosto  
Faz escudo às galés, diante posto.

«Olha que dezessete Lusitanos,  
Neste outeiro subidos, se defendem  
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,  
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;  
Porém logo sentiram, com seus danos,



Que não só se defendem, mas ofendem.  
Dino feito de ser, no mundo, eterno,  
Grande no tempo antigo e no moderno!

«Sabe-se antigamente que trezentos  
Já contra mil Romanos pelejaram,  
No tempo que os viris atrevimentos  
De Viriato tanto se ilustraram,  
E deles alcançando vencimentos  
Memoráveis, de herança nos deixaram  
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;  
Que depois mil vezes amostramos.

«Olha cá dons Infantes, Pedro e Henrique,  
Progénie generosa de Joane;  
Aquele faz que fama ilustre fique  
Dele em Germânia, com que a morte engane;  
Este, que ela nos mares o pubrique  
Por seu descobridor, e desengane  
De Ceita a Maura tímida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidade.

«Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria.  
Vês, outro Conde está, que representa  
Em terra Marte, em forças e ousadia;  
De poder defender se não contenta  
Alcácere, da ingente companhia;  
Mas do seu Rei defende a cara vida,  
Pondo por muro a sua, ali perdida.

«Outros muitos verias, que os pintores  
Aqui também por certo pintariam;  
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:  
Honra, prémio, favor, que as artes criam.  
Culpa dos viciosos sucessores,  
Que degeneram, certo, e se desviam  
Do lustre e do valor dos seus passados,  
Em gostos e vaidades atolados.

«Aqueles pais ilustres que já deram  
Princípio à geração que deles pende,  
Pela virtude muito antão fizeram  
E por deixar a casa que descende.  
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,  
Se alta fama e rumor deles se estende,  
Escuros deixam sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corrutores!

«Outros também há grandes e abastados,

Sem nenhum tronco ilustre donde venham:  
Culpa de Reis, que às vezes a privados  
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.  
Estes os seus não querem ver pintados,  
Crendo que cores vãs lhe não convenham,  
E, como a seu contraíro natural,  
A pintura que fala querem mal.

«Não nego que há, contudo, descendentes  
Do generoso tronco e casa rica,  
Que, com costumes altos e excelentes,  
Sustentam a nobreza que lhe fica;  
E se a luz dos antigos seus parentes  
Neles mais o valor não clarifica,  
Não falta, ao menos, nem se faz escura;  
Mas destes acha poucos a pintura.»

Assi está declarando os grandes feitos  
O Gama, que ali mostra a vária tinta  
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos.  
Do singular artífice ali pinta.  
Os olhos tinha prontos e direitos  
O Catual na história bem distinta;  
Mil vezes perguntava e mil ouvia  
As gostosas batalhas que ali via.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,  
Porque a alâmpada grande se escondia  
Debaxo do Horizonte e, luminosa,  
Levara aos Antípodas o dia,  
Quando o Gentio e a gente generosa  
Dos Naires da nau forte se partia,  
A buscar o repouso que descansa  
Os lassos animais, na noite mansa.

Entretanto, os arúspices famosos  
Na falsa opinião, que em sacrifícios  
Antevêm sempre os casos duvidosos  
Por sinais diabólicos e indícios,  
Mandados do Rei próprio, estudiosos,  
Exercitavam a arte e seus ofícios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo, verdadeiro,  
De como a nova gente lhe seria  
Jugo perpétuo, eterno cativo,  
Destruição de gente e de valia.  
Vai-se espantado o atónito agoureiro  
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)

Os sinais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das vítimas que oulhara.

A isto mais se ajunta que um devoto  
Sacerdote da lei de Mafamede,  
Dos ódios concebidos não remoto  
Contra a divina Fé, que tudo excede,  
Em forma do Profeta falso e noto  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baco odioso em sonhos lhe aparece,  
Que de seus ódios inda se não dece.

E diz-lhe assi: - «Guardai-vos, gente minha,  
Do mal que se aparelha pelo imigo  
Que pelas águas húmidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo!»  
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,  
Espantado do sonho; mas consigo  
Cuida que não é mais que sonho usado;  
Torna a dormir, quieto e sossegado.

Torna Baco dizendo: - «Não conheces  
O grão legislador que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a que obedeces,  
Sem o qual fôreis muitos baptizados?  
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?  
Pois saberás que aqueles que chegados  
De novo são, serão mui grande dano  
Da Lei que eu dei ao néscio povo humano.

«Enquanto é fraca a força desta gente,  
ordena como em tudo se resista;  
Porque, quando o Sol sai, fácilmente  
Se pode nele pôr a aguda vista;  
Porém, depois que sobe claro e ardente.  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tão cega fica, quanto ficareis  
Se raízes criar lhe não tolheis.»

Isto dito, ele e o sono se despede  
Tremendo fica o atónito Agareno;  
Salta da cama, lume aos servos pede,  
Lavrando nele o férvido veneno.  
Tanto que a nova luz que ao Sol precede  
Mostrara rosto angélico e sereno,  
Convoca os principais da torpe seita,  
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

Diversos pareceres e contrários  
Ali se dão, segundo o que entendiam;

Astutas traições, enganos vários,  
Perfidias, inventavam e teciam;  
Mas, deixando conselhos temerários,  
Destruição da gente pretendiam,  
Por manhas mais sutis e ardis milhores,  
Com peitas adquirindo os regedores.

Com peitas, ouro e dádivas secretas  
Conciliam da terra os principais;  
E com razões notáveis e discretas  
Mostram ser perdição dos naturais,  
Dizendo que são gentes inquietas,  
Que, os mares percorrendo Ocidentais,  
Vivem só de piráticas rapinas,  
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

Oh, quanto deve o Rei que bem governa  
De olhar que os conselheiros ou privados  
De consciência e de virtude interna  
E de sincero amor sejam dotados!  
Porque, como estê posto na superna  
Cadeira, pode mal dos apartados  
Negócios ter notícia mais inteira  
Do que lhe der a língua conselheira.

Nem tão-pouco direi que tome tanto  
Em grosso a consciência limpa e certa,  
Que se enleve num pobre e humilde manto,  
Onde ambição acaso ande encoberta.  
E, quando um bom em tudo é justo e santo,  
E em negócios do mundo pouco acerta;  
Que mal co eles poderá ter conta  
A quieta inocência, em só Deus pronta.

Mas aqueles avaros Catuais  
Que o Gentílico povo governavam,  
Induzidos das gentes infernais,  
O Português despacho dilatavam.  
Mas o Gama, que não pretende mais,  
De tudo quanto os Mouros ordenavam,  
Que levar a seu Rei um sinal certo  
Do mundo que deixava descoberto,

Nisto trabalha só; que bem sabia  
Que depois, que levasse esta certeza,  
Armas e naus e gentes mandaria  
Manuel, que exercita a suma alteza,  
Com que a seu jugo e Lei someteria  
Das terras e do mar a redondeza;  
Que ele não era mais que um diligente

Descobridor das terras do Oriente.

Falar ao Rei gentio determina,  
Por que com seu despacho se tornasse,  
Que já sentia em tudo da malina  
Gente impedir-se quanto desejasse.  
O Rei, que da notícia falsa e indina  
São era de espantar se s'espantasse,  
Que tão crédulo era em seus agouros,  
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

Este temor lhe esfria o baixo peito.  
Por outra parte, a força da cobiça,  
A quem por natureza está sujeito,  
Um desejo imortal lhe acende e atíça:  
Que bem vê que grandíssimo proveito  
Fará, se, com verdade e com justiça,  
O contrato fizer, por longos anos,  
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre isto, nos conselhos que tomava,  
Achava mui contrários pareceres;  
Que naqueles com quem se aconselhava  
Executa o dinheiro seus poderes.  
O grande Capitão chamar mandava,  
A quem chegado disse:- «Se quiseres  
Confessar-me a verdade limpa e nua,  
Perdão alcançarás da culpa tua.

«Eu sou bem informado que a embaxada  
Que de teu Rei me deste, que é fingida;  
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,  
Mas vagabundo vás passando a vida.  
Que quem da Hespéria última alongada,  
Rei ou senhor de insânia desmedida,  
Há-de vir cometer, com naus e frotas,  
Tão incertas viagens e remotas?

«E se de grandes Reinos poderosos  
O teu Rei tem a Régia majestade,  
Que presentes me trazes valerosos,  
Sinais de tua incógnita verdade?  
Com peças e dões altos, sumptuosos,  
Se lia dos Reis altos a amizade;  
Que sinal nem penhor não é bastante  
As palavras dum vago navegante.

«Se porventura vindes desterrados,  
Como já foram homens d'alta sorte,  
Em meu Reino sereis agasalhados,

Que toda a terra é pátria pera o forte;  
Ou se piratas sois, ao mar usados,  
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,  
Que, por se sustentar, em toda idade  
Tudo faz a vital necessidade.»

Isto assi dito, o Gama, que já tinha  
Suspeitas das insídias que ordenava  
O Mahomético ódio, donde vinha  
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,  
Cua alta confiança, que convinha,  
Com que seguro crédito alcançava,  
Que Vénus Acidália lhe influía,  
Pais palavras do sábio peito abria:

- «Se os antigos delitos que a malícia  
Humana cometeu na prisca idade  
Não causaram que o vaso da nequícia,  
Açoute tão cruel da Cristandade,  
Viera pôr perpétua inimicícia  
Na geração de Adão, co a falsidade,  
Ó poderoso Rei, da torpe seita,  
Não conceberas tu tão má suspeita.

«Mas, porque nenhum grande bem se alcança  
Sem grandes opressões, e em todo o feito  
Segue o temor os passos da esperança,  
Que em suor vive sempre de seu peito,  
Me mostras tu tão pouca confiança  
Desta minha verdade, sem respeito  
Das razões em contrário que acharias  
Se não cresses a quem não crer devias.

«Porque, se eu de rapinas só vivesse,  
Undívago ou da pátria desterrado,  
Como crês que tão longe me viesse  
Buscar assento incógnito e apartado?  
Por que esperanças, ou por que interesse  
Viria exprimentando o mar irado,  
Os Antárticos frios e os ardores  
Que sofrem do Carneiro os moradores?

«Se com grandes presentes d'alta estima  
O crédito me pedes do que digo,  
Eu não vim mais que a achar o estranho clima  
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;  
Mas, se a Fortuna tanto me sublima,  
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,  
Então verás o dom soberbo e rico  
Com que minha tornada certifico.

«Se te parece inopinado feito  
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,  
O coração sublime, o régio peito,  
Nenhum caso possível tem por grande.  
Bem parece que o nobre e grão conceito  
Do Lusitano espírito demande  
Maior crédito e fé de mais alteza,  
Que creia dele tanta fortaleza

«Sabe que há muitos anos que os antigos  
Reis nossos firmemente propuseram  
De vencer os trabalhos e perigos  
Que sempre às grandes cousas se opuseram;  
E, descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretenderam  
De saber que fim tinham e onde estavam  
As derradeiras praias que lavavam.

«Conceito dino foi do ramo claro  
Do venturoso Rei que arrou primeiro  
O mar, por ir deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro;  
Este, por sua indústria e engenho raro,  
Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pôde a parte que faz clara  
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

«Crescendo cos sucessos bons primeiros  
No peito as ousadias, descobriram,  
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,  
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.  
De África os moradores derradeiros  
Austrais, que nunca as Sete Flamas viram,  
Foram vistos de nós, atrás deixando  
Quantos estão os Trópicos queimando.

«Assi, com firme peito e com tamanho  
Propósito vencemos a Fortuna,  
Até que nós no teu terreno estranho  
Viemos pôr a última coluna.  
Rompendo a força do líquido estanho,  
Da tempestade horrífica e importuna,  
A ti chegámos, de quem só queremos  
Sinal que ao nosso Rei de ti levemos.

«Esta é a verdade, Rei; que não faria  
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,  
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,  
Tão longo, tão fingido e vão proémio;

Mas antes descansar me deixaria  
No nunca descansado e fero grémio  
Da madre Tétis, qual pirata inico,  
Dos trabalhos alheios feito rico.

«Assi que, ó Rei, se minha grão verdade  
Tens por qual é, sincera e não dobrada,  
Ajunta-me ao despacho brevidade,  
Não me impidas o gosto da tornada;  
E, se inda te parece falsidade,  
Cuida bem na razão que está provada,  
Que com claro juízo pode ver-se,  
Que fácil é a verdade d'entender-se.»

A tento estava o Rei na segurança  
Com que provava o Gama o que dizia;  
Concebe dele certa confiança,  
Crédito firme, em quanto proferia;  
Pondera das palavras a abastança,  
Julga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuais corrutos, mal julgados.

Juntamente, a cobiça do proveito  
Que espera do contrato Lusitano  
O faz obedecer e ter respeito.  
Co Capitão, e não co Mauro engano.  
Enfim ao Gama manda que direito  
As naus se vá e, seguro dalgum dano,  
Possa a terra mandar qualquer fazenda  
Que pela especiaria troque e venda.

Que mande da fazenda, enfim, lhe manda  
Que nos Reinos Gangéticos faleça,  
S'algũa traz idónea lá da banda  
Donde a terra se acaba e o mar começa.  
Já da real presença veneranda  
Se parte o Capitão, pera onde peça  
Ao Catual que dele tinha cargo,  
Embarcação, que a sua está de largo.

Embarcação que o leve às naus lhe pede,  
Mas o mau Regedor, que novos laços  
Lhe maquinava, nada lhe concede,  
Interpondo tardanças e embaraços.  
Co ele parte ao cais, por que o arrede  
Longe quanto puder dos régios paços,  
Onde, sem que seu Rei tenha notícia  
Faça o que lhe ensinar sua malícia.



Lá bem longe lhe diz que lhe daria  
Embarcação bastante em que partisse,  
Ou que pera a luz crástina do dia  
Futuro, sua partida diferisse.  
Já com tantas tardanças entendia  
O Gama que o Gento consentisse  
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,  
O que dele até'li não entendera.

Era este Catual um dos que estavam  
Corrutos pela Maumetana gente,  
O principal por quem se governavam  
As cidades do Samorim potente.  
Dele sòmente os Mouros esperavam  
Efeito a seus enganos torpemente;  
Ele, que no concerto vil conspira,  
De suas esperanças não delira.

O Gama com instância lhe requer  
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;  
E que assi lho mandara, lhe refere,  
O nobre sucessor de Perimal.  
Por que razão lhe impede e lhe difere  
A fazenda trazer de Portugal?  
Pois aquilo que os Reis já têm mandado  
Não pode ser por outrem derogado.

Pouco obedece o Catual corruto  
A tais palavras; antes, revolvendo  
Na fantasia algum sutil e astuto  
Engano diabólico e estupendo,  
Ou como banhar possa o ferro bruto  
No sangue avorrecido, estava vendo,  
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,  
Por que nenhũa à pátria mais tornasse.

Que nenhum torne à pátria só pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos,  
Por que não saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.  
Não parte o Gama, enfim, que lho defende  
O Regedor dos Bárbaros profanos;  
Nem sem licença sua ir-se podia,  
Que as almadias todas lhe tolhia.

Aos brados e razões do Capitão  
Responde o Idolátra, que mandasse  
Chegar à terra as naus, que longe estão,  
Por que melhor dali fosse e tornasse.  
- «Sinal é de inimigo e de ladrão

Que lá tão longe a frota se alargasse,  
(Lhe diz), porque do certo e fido amigo  
É não temer do seu nenhum perigo.»

Nestas palavras o discreto Gama  
Enxerga bem que as naus deseja perto  
O Catual, por que com ferro e flama  
Lhas assalte, por ódio descoberto.  
Em vários pensamentos se derrama;  
Fantasiando está remédio certo  
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;  
Tudo temia, tudo, enfim, cuidava.

Qual o reflexo lume do polido  
Espelho de aço ou de cristal fermoso,  
Que, do raio solar sendo ferido,  
Vai ferir noutra parte, luminoso,  
E, sendo da ouciosa mão movido,  
Pela casa, do moço curioso,  
Anda pelas paredes e telhado  
Trémulo, aqui e ali, e dessorsegado:

Tal o vago juízo fluctuava  
Do Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por acaso o esperava  
Na praia cos batéis, como ordenara.  
Logo secretamente lhe mandava  
Que se tornasse à frota, que deixara,  
Não fosse salteado dos enganos  
Que esperava dos feros Maumetasos.

Tal há-de ser quem quer, co dom de Marte,  
Imitar os Ilustres e igualá-los:  
Voar co pensamento a toda parte,  
Adivinhar perigos e evitá-los,  
Com militar engenho e sutil arte,  
Entender os imigos e enganá-los,  
Crer tudo, enfim; que nunca louvarei  
O capitão que diga: «Não cuidei.»

Insiste o Malabar em tê-lo preso  
Se neo manda chegar a terra a armada;  
Ele, constante e de ira nobre aceso,  
Os ameaços seus não teme nada;  
Que antes quer sobre si tomar o peso  
De quanto mal a vil malícia ousada  
Lhe andar armando, que pôr em ventura  
A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquela noite esteve ali detido

E parte do outro dia, quando ordena  
De se tornar ao Rei; mas impedido  
Foi da guarda que tinha, não pequena.  
Comete-lhe o Gentio outro partido,  
Temendo de seu Rei castigo ou pena  
Se sabe esta malícia, a qual asinha  
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda  
Vendível que trazia, pera a terra,  
Pera que, devagar, se troque e venda;  
Que, quem não quer comércio, busca guerra.  
Posto que os maus propósitos entenda  
O Gama, que o danado peito encerra,  
Consente, porque sabe por verdade  
Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertam-se que o Negro mande dar  
Embarcações idóneas com que venha;  
Que os seus batéis não quer aventurar  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.  
Partem as almadias a buscar  
Mercadoria Hispana que convenha;  
Escreve a seu irmão que lhe mandasse  
A fazenda com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agasalhou o infame Catual;  
Co ela ficam Álvaro e Diogo,  
Que a pudessem vender pelo que val.  
Se mais que obrigação, que mando e rogo,  
No peito vil o prémio pode e val,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ela o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha  
Se o Capitão mais tempo detivesse.  
Ele, vendo que já lhe não convinha  
Tornar a terra, por que não pudesse  
Ser mais retido, sendo às naus chegado  
Nelas estar se deixa descansado.

Nas naus estar se deixa, vagaroso,  
Até ver o que o tempo lhe descobre;  
Que não se fia já do cobiçoso  
Regedor, corrompido e pouco nobre.  
Veja agora o juízo curioso  
Quanto no rico, assi como no pobre,

Pode o vil interesse e sede imiga  
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rei Treício,  
Só por ficar senhor do grão tesouro;  
Entra, pelo fortíssimo edifício,  
Com a filha de Acriso a chuva d'ouro;  
Pode tanto em Tarpeia avaro vício  
Que, a troco do metal luzente e louro,  
Entrega aos inimigos a alta torre,  
Do qual quási afogada em pago morre.

Este rende munidas fortalezas;  
Faz trédoros e falsos os amigos;  
Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
E entrega Capitães aos inimigos;  
Este corrompe virginais purezas,  
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;  
Este deprava às vezes as ciências,  
Os juízos cegando e as consciências.

Este interpreta mais que sutilmente  
Os textos; este faz e desfaz leis;  
Este causa os perjúrios entre a gente  
E mil vezes tiranos torna os Reis.  
Até os que só a Deus omnipotente  
Se dedicam, mil vezes ouvireis  
Que corrompe este encantador, e ilude;  
Mas não sem cor, contudo, de virtude!

## **Canto IX**

Tiveram longamente na cidade,  
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,

Que os Infiéis, por manha e falsidade,  
Fazem que não lha comprem mercados;  
Que todo seu propósito e vontade  
Era deter ali os descobridores  
Da Índia tanto tempo que viessem  
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

Lá no seio Eritreu, onde fundada  
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu  
(Do nome da irmã sua assi chamada,  
Que depois em Suez se converteu),  
Não longe o porto jaz da nomeada  
Cidade Meca, que se engrandeceu

Com a superstição falsa e profana  
Da religiosa água Maumetana.

Gidá se chama o porto aonde o trato  
De todo o Roxo Mar mais florescia,  
De que tinha proveito grande e grato  
O Soldão que esse Reino possuía.  
Daqui aos Malabares, por contrato  
Dos Infiéis, fermosa companhia  
De grandes naus, pelo Índico Oceano,  
Especiaria vem buscar cada ano.

Por estas naus os Mouros esperavam,  
Que, como fossem grandes e possantes,  
Aquelas que o comércio lhe tomavam,  
Com flamas abrasassem crepitantes.  
Neste socorro tanto confiavam  
Que já não querem mais dos navegantes  
Senão que tanto tempo ali tardassem  
Que da famosa Meca as naus chegassem.

Mas o Governador dos Céus e gentes,  
Que, pera quanto tem determinado,  
De longe os meios dá convenientes  
Por onde vem a efeito o fim fadado,  
Influiu piadosos acidentes  
De afeição em Monçaide, que guardado  
Estava pera dar ao Gama aviso  
E merecer por isso o Paraíso.

Este, de quem se os Mouros não guardavam  
Por ser Mouro como eles (antes era  
Participante em quanto maquinavam),  
A tenção lhe descobre torpe e fera.  
Muitas vezes as naus que longe estavam  
Visita, e com piedade considera  
O dano sem razão que se lhe ordena  
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas  
Que de Arábica Meca vem cad'ano,  
Que agora são dos seus tão desejadas,  
Pera ser instrumento deste dano;  
Diz-lhe que vêm de gente carregadas  
E dos trovões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser delas oprimido,  
Segundo estava mal apercebido.

O Gama, que também considerava

O tempo que pera a partida o chama,  
E que despacho já não esperava  
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama,  
Aos feitores que em terra estão, mandava  
Que se tornem às naus; e, por que a fama  
Desta súbita vinda os não impida,  
Lhe manda que a fizessem escondida.

Porém não tardou muito que, voando,  
Um rumor não soasse, com verdade:  
Que foram presos os feitores, quando  
Foram sentidos vir-se da cidade.  
Esta fama as orelhas penetrando  
Do sábio Capitão, com brevidade  
Faz represária nuns que às naus vieram  
A vender pedraria que trouxeram.

Eram estes antigos mercadores  
Ricos em Calecu e conhecidos;  
Da falta deles, logo entre os milhores  
Sentido foi que estão no mar retidos.  
Mas já nas naus os bons trabalhadores  
Volvem o cabrestante e, repartidos  
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,  
Outros quebram co peito duro a barra,

Outros pendem da verga e já desatam  
A vela, que com grita se soltava,  
Quando, com maior grita, ao Rei relatam  
A pressa com que a armada se levava.  
As mulheres e filhos, que se matam,  
Daqueles que vão presos, onde estava  
O Samorim se aqueixam que perdidos  
Uns têm os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos  
Com toda sua fazenda, livremente,  
Apesar dos imigos Maumetanos,  
Por que lhe torne a sua presa gente.  
Desculpas manda o Rei de seus enganos;  
Recebe o Capitão de melhormente  
Os presos que as desculpas e, tornando  
Alguns negros, se parte, as velas dando.

Parte-se costa abaxo, porque entende  
Que em vão co Rei gentio trabalhava  
Em querer dele paz, a qual pretende  
Por firmar o comércio que tratava;  
Mas como aquela terra, que se estende

Pela Aurora, sabida já deixava,  
Com estas novas torna à pátria cara,  
Certos sinais levando do que achara.

Leva alguns Malabares, que tomou  
Per força, dos que o Samorim mandara  
Quando os presos feitores lhe tornou;  
Leva pimenta ardente, que comprara;  
A seca flor de Banda não ficou;  
A noz e o negro cravo, que faz clara  
A nova ilha Maluco, co a canela  
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

Isto tudo lhe houvera a diligência  
De Monçaide fiel, que também leva,  
Que, inspirado de Angélica influência,  
Quer no livro de Cristo que se escreva.  
Oh, ditoso Africano, que a clemência  
Divina assi tirou de escura treva,  
E tão longe da pátria achou maneira  
Pera subir à pátria verdadeira!

Apartadas assi da ardente costa  
As venturosas naus, levando a proa  
Pera onde a Natureza tinha posta  
A meta Austrina da Esperança Boa,  
Levando alegres novas e repostas  
Da parte Oriental pera Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros medos  
Do mar incerto, tímidos e ledos.

O prazer de chegar à pátria cara,  
A seus penates caros e parentes,  
Pera contar a peregrina e rara  
Navegação, os vários céus e gentes;  
Vir a lograr o prêmio que ganhara,  
Por tão longos trabalhos e acidentes:  
Cada um tem por gosto tão perfeito,  
Que o coração para ele é vaso estreito.

Porém a Deusa Cípria, que ordenada  
Era, pera favor dos Lusitanos,  
Do Padre Eterno, e por bom génio dada,  
Que sempre os guia já de longos anos,  
A glória por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem sofridos danos,  
Lhe andava já ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.

Depois de ter um pouco revolvido  
Na mente o largo mar que navegaram,  
Os trabalhos que pelo Deus nascido  
Nas Anfíonias Tebas se causaram,  
Já trazia de longe no sentido,  
Pera prémio de quanto mal passaram,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,  
No Reino de cristal, líquido e manso;

Algum repouso, enfim, com que pudesse  
Refocilar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interesse  
Do trabalho que encurta a breve idade.  
Parece-lhe razão que conta desse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os Deuses faz decer ao vil terreno  
E os humanos subir ao Céu sereno.

Isto bem revolvido, determina  
De ter-lhe aparelhada, lá no meio  
Das águas, algüa ínsula divina,  
Ornada d'esfaltado e verde arreo;  
Que muitas tem no reino que confina  
Da primeira co terreno seio,  
Afora as que possui soberanas  
Pera dentro das portas Herculananas.

Ali quer que as aquáticas donzelas  
Esperem os fortíssimos barões  
(Todas as que têm título de belas,  
Glória dos olhos, dor dos corações)  
Com danças e coreias, porque nelas  
Influirá secretas afeições,  
Pera com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se afeiçoarem.

Tal manha buscou já pera que aquele  
Que de Anquises pariu, bem recebido  
Fosse no campo que a bovina pele  
Tomou de espaço, por sutil partido.  
Seu filho vai buscar, porque só nele  
Tem todo seu poder, fero Cupido,  
Que, assi como naquela empresa antiga  
A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

No carro ajunta as aves que na vida  
Vão da morte as exéquias celebrando,  
E aquelas em que já foi convertida



Perístera, as boninas apanhando;  
Em derredor da Deusa, já partida,  
No ar lascivos beijos se vão dando;  
Ela, por onde passa, o ar e o vento  
Serenos faz. com brando movimento

Já sobre os Idálios montes pende,  
Onde o filho frecheiro estava então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer ùa famosa expedição  
Contra o mundo rebelde, por que emende  
Erros grandes que há dias nele estão,  
Amando cousas que nos foram dadas,  
Não pera ser amadas, mas usadas.

Via Actéon na caça tão austero,  
De cego na alegria bruta, insana,  
Que, por seguir um feio animal fero,  
Foge da gente e bela forma humana;  
E por castigo quer, doce e severo,  
Mostrar-lhe a fermosura de Diana.  
(E guarde-se não seja inda comido  
Desses cães que agora ama, e consumido).

E vê do mundo todo os principais  
Que nenhum no bem púbrico imagina;  
Vê neles que não têm amor a mais  
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina;  
Vê que esses que frequentam os reais  
Paços, por verdadeira e sã doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê que aqueles que devem à pobreza  
Amor divino, e ao povo caridade,  
Amam somente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade;  
Da feia tirania e de aspereza  
Fazem direito e vã severidade;  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,  
Senão o que somente mal deseja.  
Não quer que tanto tempo se releve  
O castigo que duro e justo seja.  
Seus ministros ajunta, por que leve  
Exércitos conformes à peleja  
Que espera ter co a mal regida gente

Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores  
Estão em várias obras trabalhando:  
Uns amolando ferros passadores,  
Outros hásteas de setas delgaçando.  
Trabalhando, cantando estão de amores,  
Vários casos em verso modulando;  
Melodia sonora e concertada,  
Suave a letra, angélica a soada.

Nas fráguas imortais onde forjavam  
Pera as setas as pontas penetrantes,  
Por lenha corações ardendo estavam,  
Vivas entranhas inda palpitantes;  
As águas onde os ferros temperavam,  
Lágrimas são de míseros amantes;  
A viva flama, o nunca morto lume,  
Desejo é só que queima e não consume.

Alguns exercitando a mão andavam  
Nos duros corações da plebe ruda;  
Crebros suspiros pelo ar soavam  
Dos que feridos vão da seta aguda.  
Fermosas Ninfas são as que curavam  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos,  
Mas põe em vida os inda não nascidos.

Fermosas são algüas e outras feias,  
Segundo a qualidade for das chagas,  
Que o veneno espalhado pelas veias  
Curam-no às vezes ásperas triagas.  
Alguns ficam ligados em cadeias  
Por palavras sutis de sábias magas;  
Isto acontece às vezes, quando as setas  
Acertam de levar ervas secretas.

Destes tiros assi desordenados,  
Que estes moços mal destros vão tirando,  
Nascem amores mil desconcertados  
Entre o povo ferido miserando;  
E também nos heróis de altos estados  
Exemplos mil se vêm de amor nefando.  
Qual o das moças Bibli e Cinireia,  
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.

E vós, ó poderosos, por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vedes;

E por baixos e rudos, vós, senhoras,  
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.  
Uns esperando andais nocturnas horas,  
Outros subis telhados e paredes;  
Mas eu creio que deste amor indino  
É mais culpa a da mãe que a do minino.

Mas já no verde prado o carro leve  
Punham os brancos cisnes mansamente;  
E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, decia diligente.  
O frecheiro que contra o Céu se atreve  
A recebê-la vem, ledó e contente;  
Vêm todos os Cupidos servidores  
Beijar a mão à Deusa dos amores.

Ela, por que não gaste o tempo em vão  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz: - «Amado filho, em cuja mão  
Toda minha potência está fundada;  
Filho, em quem minhas forças sempre estão,  
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,  
A socorrer-me a tua potestade  
Me traz especial necessidade.

«Bem vês as Lusitânicas fadigas,  
Que eu já de muito longe favoreço,  
Porque das Parcas sei, minhas amigas,  
Que me hão-de venerar e ter em preço.  
E porque tanto imitam as antigas  
Obras de meus Romanos, me ofereço  
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

«E porque das insídias do odioso  
Baco foram na Índia molestados,  
E das injúrias sós do mar undoso  
Puderam mais ser mortos que cansados,  
No mesmo mar, que sempre temeroso  
Lhe foi, quero que sejam repousados,  
Tomando aquele prémio e doce glória  
Do trabalho que faz clara a memória.

«E pera isso queria que, feridas  
As filhas de Nereu no ponto fundo,  
D'amor dos Lusitanos incendidas  
Que vêm de descobrir o novo mundo,  
Todas nua ilha juntas e subidas,  
(Ilha que nas entranhas do profundo  
Oceano terei aparelhada,

De dões de Flora e Zéfiro adornada);

«Ali, com mil refrescos e manjares,  
Com vinhos odoríferos e rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, e elas mais fermosas;  
Enfim, com mil deleites não vulgares,  
Os esperem as Ninfas amorosas,  
D'amor feridas, pera lhe entregarem  
Quanto delas os olhos cobiçarem.

«Quero que haja no reino Neptunino,  
Onde eu nasci, progénie forte e bela;  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potência se rebela,  
Por que entendam que muro Adamantino  
Nem triste hipocrisia val contra ela;  
Mal haverá na terra quem se guarde  
Se teu fogo imortal nas águas arde.»

Assi Vénus propôs; e o filho inico,  
Pera lhe obedecer, já se apercebe:  
Manda trazer o arco ebúrneo rico,  
Onde as setas de ponta de ouro embebe.  
Com gesto ledó a Cípria, e impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe;  
A rédea larga às aves cujo canto  
A Faetonteia morte chorou tanto.  
Mas diz Cupido que era necessária  
Ûa famosa e célebre terceira,  
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,  
Outras muitas a tem por companheira:  
A Deusa Giganteia, temerária,  
Jactante, mentirosa e verdadeira,  
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,  
O que vê, com mil bocas apregoa.

Vão-a buscar e mandam-a diante,  
Que celebrando vá com tuba clara  
Os louvores da gente navegante,  
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.  
Já, murmurando, a Fama penetrante  
Pelas fundas cavernas se espalhara;  
Fala verdade, havida por verdade,  
Que junto a Deusa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excelente,  
No coração dos Deuses que indinados  
Foram por Baco contra a ilustre gente,  
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.

O peito feminil, que levemente  
Muda quaisquer propósitos tomados,  
Já julga por mau zelo e por crueza  
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede nisto o fero moço as setas,  
üa após outra: geme o mar cos tiros;  
Direitas pelas ondas inquietas  
Algüas vão, e algüas fazem giros;  
Caem as Ninfas, lançam das secretas  
Entranhas ardentíssimos suspiros;  
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da ebúrnea Lúa,  
Com força, o moço indómito, excessiva,  
Que Tétis quer ferir mais que nenhüa,  
Porque mais que nenhüa lhe era esquiva.  
Já não fica na aljava seta algüa,  
Nem nos equóreos campos Ninfa viva;  
E se, feridas, inda estão vivendo,  
Será pera sentir que vão morrendo.

Dai lugar, altas e cerúleas ondas,  
Que, vedes, Vénus traz a medicina,  
Mostrando as brancas velas e redondas,  
Que vêm por cima da água Neptunina.  
Pera que tu recíproco respondas,  
Ardente Amor, à flama feminina,  
É forçado que a pudicícia honesta  
Faça quanto lhe Vénus amoesta.

Já todo o belo coro se aparelha  
Das Nereidas, e junto caminhava  
Em coreias gentis, usança velha,  
Pera a ilha a que Vénus as guiava.  
Ali a fermosa Deusa lhe aconselha  
O que ela fez mil vezes, quando amava;  
Elas, que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho oferecidas.

Cortando vão as naus a larga via  
Do mar ingente pera a pátria amada,  
Desejando prover-se de água fria  
Pera a grande viagem prolongada,  
Quando, juntas, com súbita alegria,  
Houveram vista da Ilha namorada,  
Rompendo pelo céu a mãe fermosa  
De Menónio, suave e deleitosa.

De longe a Ilha viram, fresca e bela,  
Que Vénus pelas ondas lha levava  
(Bem como o vento leva branca vela)  
Pera onde a forte armada se enxergava;  
Que, por que não passassem, sem que nela  
Tomassem porto, como desejava,  
Pera onde as naus navegam a movia  
A Acidália, que tudo, enfim, podia.

Mas firme a fez e imóvel, como viu  
Que era dos Nautas vista e demandada,  
Qual ficou Delos, tanto que pariu  
Latona Febo e a Deusa à caça usada.  
Pera lá logo a proa o mar abriu,  
Onde a costa fazia ùa enseada  
Curva e quieta, cuja branca areia  
Pintou de ruivas conchas Citereia.

Três fermosos outeiros se mostravam,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramíneo esmalte se adornavam,  
Na fermosa Ilha, alegre e deleitosa.  
Claras fontes e límpidas manavam  
Do cume, que a verdura tem viçosa;  
Por entre pedras alvas se deriva  
A sonora linfa fugitiva.

Num vale ameno, que os outeiros fende.  
Vinham as claras águas ajuntar-se,  
Onde ùa mesa fazem, que se estende  
Tão bela quanto pode imaginar-se.  
Arvoredo gentil sobre ela pende,  
Como que pronto está pera afeitar-se,  
Vendo-se no cristal resplandecente,  
Que em si o está pintando pròpriamente.

Mil árvores estão ao céu subindo,  
Com pomos odoríferos e belos;  
A laranjeira tem no fruto lindo  
A cor que tinha Dafne nos cabelos.  
Encosta-se no chão, que está caindo,  
A cidreira cos pesos amarelos;  
Os fermosos limões ali cheirando,  
Estão virgíneas tetas imitando.

As árvores agrestes, que os outeiros  
Têm com frondente coma ennobrecidos,

Álamos são de Alcides, e os loureiros  
Do louro Deus amados e queridos;  
Mirtos de Citereia, cos pinheiros  
De Cibele, por outro amor vencidos;  
Está apontando o agudo cipariso  
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.

Os dões que dá Pomona ali Natura  
Produce, diferentes nos sabores,  
Sem ter necessidade de cultura,  
Que sem ela se dão muito milhores:  
As cereijas, purpúreas na pintura,  
As amoras, que o nome têm de amores,  
O pomo que da pátria Pérsia veio,  
Milhor tornado no terreno alheio;

Abre a romã, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes,  
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda  
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes;  
E vós, se na vossa árvore fecunda,  
Peras piramidais, viver quiserdes,  
Entregai-vos ao dano que cos bicos  
Em vós fazem os pássaros inicos.

Pois a tapeçaria bela e fina  
Com que se cobre o rústico terreno,  
Faz ser a de Aqueménia menos dina,  
Mas o sombrio vale mais ameno.  
Ali a cabeça a flor Cifisia inclina  
Sôbolo tanque lúcido e sereno;  
Florece o filho e neto de Ciniras,  
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.

Pera julgar, difícil cousa fora,  
No céu vendo e na terra as mesmas cores,  
Se dava às flores cor a bela Aurora,  
Ou se lha dão a ela as belas flores.  
Pintando estava ali Zéfiro e Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O lírio roxo, a fresca rosa bela,  
Qual reluze nas faces da donzela;

A cândida cecém, das matutinas  
Lágrimas rociada, e a manjerona;  
Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas,  
Tão queridas do filho de Latona.  
Bem se enxerga nos pomos e boninas  
Que competia Clóris com Pomona.  
Pois, se as aves no ar cantando voam,

Alegres animais o chão povoam.

Ao longo da água o nível cisne canta;  
Responde-lhe do ramo filomela;  
Da sombra de seus cornos não se espanta  
Acteon n'água cristalina e bela.  
Aqui a fugace lebre se levanta  
Da espessa mata, ou tímida gazela;  
Ali no bico traz ao caro ninho  
O mantimento o leve passarinho.

Nesta frescura tal desembarcavam  
Já das naus os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta se deixavam  
Andar as belas Deusas, como incautas.  
Algüas, doces cítaras tocavam;  
Algüas, harpas e sonoras frautas;  
Outras, cos arcos de ouro, se fingiam  
Seguir os animais, que não seguiam.

Assi lho aconselhara a mestra experta:  
Que andassem pelos campos espalhadas;  
Que, vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas.  
Algüas, que na forma descoberta  
Do belo corpo estavam confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura,  
Nuas lavar se deixam na água pura.

Mas os fortes mancebos, que na praia  
Punham os pés, de terra cobiçosos  
(Que não há nenhum deles que não saia),  
De acharem caça agreste desejosos,  
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia  
Caça naqueles montes deleitosos,  
Tão suave, doméstica e benina,  
Qual ferida lha tinha já Ericina.

Alguns, que em espingardas e nas bestas  
Pera ferir os cervos, se fiavam,  
Pelos sombrios matos e florestas  
Determinadamente se lançavam;  
Outros, nas sombras, que de as altas sestas  
Defendem a verdura, passeavam  
Ao longo da água, que, suave e queda,  
Por alvas pedras corre à praia leda.

Começam de enxergar súbitamente,  
Por entre verdes ramos, várias cores,  
Cores de quem a vista julga e sente



Que não eram das rosas ou das flores,  
Mas da lã fina e seda diferente,  
Que mais incita a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se por arte mais fermosas.

Dá Veloso, espantado, um grande grito:  
- «Senhores, caça estranha (disse) é esta!  
Se inda dura o Gentio antigo rito,  
A Deu sas é sagrada esta floresta.  
Mais descobrimos do que humano espirito  
Desejou nunca, e bem se manifesta  
Que são grandes as cousas e excelentes  
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

«Sigamos estas Deusas e vejamos  
Se fantásticas são, se verdadeiras.»  
Isto dito, veloces mais que gamos,  
Se lançam a correr pelas ribeiras.  
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,  
Mas, mais industriosas que ligeiras,  
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,  
Se deixam ir dos galgos alcançando

De ùa os cabelos de ouro o vento leva,  
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;  
Acende-se o desejo, que se ceva  
Nas alves carnes, súbito mostradas.  
ùa de indústria cai, e já relewa,  
Com mostras mais macias que indinadas,  
Que sobre ela, empecendo, também caia  
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros, por outra parte, vão topar  
Com as Deusas despidas, que se lavam;  
Elas começam súbito a gritar,  
Como que assalto tal não esperavam;  
ùas, fingindo menos estimar  
A vergonha que a força, se lançavam  
Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que às mãos cobiçosas vão negando;

Outra, como acudindo mais depressa  
À vergonha da Deusa caçadora,  
Esconde o corpo n'água; outra se apressa  
Por tomar os vestidos que tem fora.  
Tal dos mancebos há que se arremessa,  
Vestido assi e calçado (que, co a mora  
De se despir, há medo que inda tarde)

A matar na água o fogo que nele arde.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,  
Usado a tomar na água a ave ferida,  
Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido  
Pera a garcena ou pata conhecida,  
Antes que soe o estouro, mal sofrido Salta  
n'água e da presa não duvida,  
Nadando vai e latindo: assi o mancebo  
Remete à que não era irmã de Febo.

Leonardo, soldado bem disposto,  
Manhoso, cavaleiro e namorado,  
A quem Amor não dera um só desgosto  
Mas sempre fora dele mal tratado,  
E tinha já por firme pros[s]uposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porém não que perdesse a esperança  
De inda poder seu fado ter mudança,

Quis aqui sua ventura que corria  
Após Efire, exemplo de beleza,  
Que mais caro que as outras dar queria  
O que deu, pera dar-se, a natureza.  
Já cansado, correndo, lhe dizia:  
- «Ó fermosura indina de aspereza,  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Espera um corpo de quem levas a alma!

«Todas de correr cansam, Ninfa pura.  
Rendendo-se à vontade do inimigo;  
Tu só de mi só foges na espessura?  
Quem te disse que eu era o que te sigo?  
Se to tem dito já aquela ventura  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
Oh, não na creias, porque eu, quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

«Não cansas, que me cansas! E se queres  
Fugir-me, por que não possa tocar-te,  
Minha ventura é tal que, inda que esperes,  
Ela fará que não possa alcançar-te.  
Espera; quero ver, se tu quiseres,  
Que sutil modo busca de escapar-te;  
E notarás, no fim deste sucesso,  
'Tra la spica e la man qual muro he messo.'

«Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve  
Tempo fuja de tua fermosura;  
Que, só com refrear o passo leve,

Vencerás da fortuna a força dura.  
Que Emperador, que exército se atreve  
A quebrantar a fúria da ventura  
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,  
O que tu só farás não me fugindo?

«Pões-te da parte da desdita minha?  
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.  
Levas-me um coração que livre tinha?  
Solta-mo e correrás mais levemente.  
Não te carrega essa alma tão mesquinha  
Que nesses fios de ouro reluzente  
Atada levas? Ou, depois de presa,  
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

«Nesta esperança só te vou seguindo:  
Que ou tu não sofrerás o peso dela,  
Ou na virtude de teu gesto lindo  
Lhe mudarás a triste e dura estrela.  
E se se lhe mudar, não vás fugindo,  
Que Amor te ferirá, gentil donzela,  
E tu me esperarás, se Amor te fere;  
E se me esperas, não há mais que espere.»

Já não fugia a bela Ninfa tanto,  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por ir ouvindo o doce canto,  
As namoradas mágoas que dizia.  
Volvendo o rosto, já sereno e santo,  
Toda banhada em riso e alegria,  
Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor.

Oh, que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soava!  
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã e na sesta,  
Que Vénus com prazeres inflamava,  
Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

Destarte, enfim, conformes já as formosas  
Ninfas cos seus amados navegantes,  
Os ornamentos de capelas deleitosas  
De louro e de ouro e flores abundantes.  
As mãos alvas lhe davam como esposas;  
Com palavras formais e estipulantes  
Se prometem eterna companhia,

Em vida e morte, de honra e alegria.

ũa delas, maior, a quem se humilha  
Todo o coro das Ninfas e obedece,  
Que dizem ser de Celo e Vesta Filha,  
O que no gesto belo se parece,  
Enchendo a terra e o mar de maravilha,  
O capitão ilustre, que o merece,  
Recebe ali com pompa honesta e régia,  
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

Que, depois de lhe ter dito quem era,  
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,  
Dando-lhe a entender que ali viera  
Por alta influença do imóvel fado,  
Pera lhe descobrir da unida esfera  
Da terra imensa e mar não navegado  
Os segredos, por alta profecia,  
O que esta sua nação só merecia,

Tomando-o pela mão, o leva e guia  
Pera o cume dum monte alto e divino,  
No qual ũa rica fábrica se erguia,  
De cristal toda e de ouro puro e fino.  
A maior parte aqui passam do dia,  
Em doces jogos e em prazer contínuo.  
Ela nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras, entre as flores.

Assi a fermosa e a forte companhia  
O dia quási todo estão passando  
Nũa alma, doce, incógnita alegria,  
Os trabalhos tão longos compensando.  
Porque dos feitos grandes, da ousadia  
Forte e famosa, o mundo está guardando  
O prémio lá no fim, bem merecido,  
Com fama grande e nome alto e subido.

Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas,  
Tétis e a Ilha angélica pintada,  
Outra cousa não é que as deleitosas  
Honras que a vida fazem sublimada.  
Aquelas preminências gloriosas,  
Os triunfos, a fronte coroada  
De palma e louro, a glória e maravilha,  
Estes são os deleites desta Ilha.

Que as imortalidades que fingia  
A antiguidade, que os Ilustres ama,

Lá no estelante Olimpo, a quem subia  
Sobre as asas ínclitas da Fama,  
Por obras valorosas que fazia,  
Pelo trabalho imenso que se chama  
Caminho da virtude, alto e fragoso,  
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,

Não eram senão prémios que reparte,  
Por feitos imortais e soberanos,  
O mundo cos varões que esforço e arte  
Divinos os fizeram, sendo humanos.  
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,  
Eneas e Quirino e os dous Tebanos,  
Ceres, Palas e Juno com Diana,  
Todos foram de fraca carne humana.

Mas a Fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no Mundo nomes tão estranhos  
De Deuses, Semideuses, Imortais,  
Indígetes, Heróicos e de Magnos.  
Por isso, ó vós que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do sono do ócio ignavo,  
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambição também, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente:  
Milhor é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer.

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
Contra a lei dos imigos Sarracenos:  
Fareis os Reinos grandes e possantes,  
E todos tereis mais e nenhum menos:  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

E fareis claro o Rei que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora co as espadas, que imortais  
Vos farão, como os vossos já passados.  
Impossibilidades não façais,  
Que quem quis, sempre pôde; e numerados  
Sereis entre os Heróis esclarecidos

E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

## **Canto X**

Mas já o claro amador da Larisseia  
Adúltera inclinava os animais

Lá pera o grande lago que rodeia  
Temistitão, nos fins Ocidentais;  
O grande ardor do Sol Favónio enfreia  
Co sopro que nos tanques naturais  
Encrespa a água serena e despertava  
Os lírios e jasmíns, que a calma agrava,

Quando as fermosas Ninfas, cos amantes  
Pela mão, já conformes e contentes,  
Subiam pera os paços radiantes  
E de metais ornados reluzentes,  
Mandados da Rainha, que abundantes  
Mesas d'altos manjares excelentes  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.

Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,  
Se assentam dous e dous, amante e dama;  
Noutras, à cabeceira, d'ouro finas,  
Está co a bela Deusa o claro Gama.  
De iguarias suaves e divinas,  
A quem não chega a Egípcia antiga fama ,  
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,  
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

Os vinhos odoríferos, que acima  
Estão não só do Itálico Falerno  
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima  
Com todo o ajuntamento sempiterno,  
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,  
Crespas escumas erguem, que no interno  
Coração movem súbita alegria,  
Saltando co a mistura d'água fria.

Mil práticas alegres se tocavam;  
Risos doces, sutis e argutos ditos,  
Que entre um e outro manjar se ale vantavam,  
Despertando os alegres apetitos;  
Músicos instrumentos não faltavam  
(Quais, no profundo Reino, os nus espiritos

Fizeram descansar da eterna pena)  
Cüa voz düa angélica Sirena.

Cantava a bela Ninfa, e cos acentos,  
Que pelos altos paços vão soando,  
Em consonância igual, os instrumentos  
Suaves vêm a um tempo conformando.  
Um súbito silêncio enfreia os ventos  
E faz ir docemente murmurando  
As águas, e nas casas naturais  
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz está subindo ao Céu  
Altos varões que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideias viu Proteu  
Num globo vão, diáfano, rotundo,  
Que Júpiter em dom lho concedeu  
Em sonhos, e depois no Reino fundo,  
Vaticinando, o disse, e na memória  
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

Matéria é de coturno, e não de soco,  
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;  
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,  
Entre os Feaces um, outro em Cartago.  
Aqui, minha Calíope, te invoco  
Neste trabalho extremo, por que em pago  
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,  
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os anos decendo, e já do Estio  
Há pouco que passar até o Outono;  
A Fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual já não me jacto nem me abono;  
Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento e eterno sono.  
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha  
Das Musas, co que quero à nação minha!

Cantava a bela Deusa que viriam  
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,  
Armadas que as ribeiras venceriam  
Por onde o Oceano Índico suspira;  
E que os Gentios Reis que não dariam  
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira  
Provariam do braço duro e forte,  
Até render-se a ele ou logo à morte.

Cantava dum que tem nos Malabares  
Do sumo sacerdócio a dignidade,

Que, só por não quebrar cos singulares  
Barões os nós que dera d'amizade,  
Sofrerá suas cidades e lugares,  
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,  
Ver destruir do Samorim potente,  
Que tais ódios terá co a nova gente.

E canta como lá se embarcaria  
Em Belém o remédio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria,  
O grão Pacheco, Aquiles Lusitano.  
O peso sentirão, quando entraria,  
O curvo lenho e o férvido Oceano,  
Quando mais n'água os troncos que gemerem  
Contra sua natureza se meterem.

Mas, já chegado aos fins Orientais  
E deixado em ajuda do gentio Rei de  
Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do salgado e curvo rio  
Desbaratará os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
D'espanto o ardor imenso do Oriente,  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamará o Samorim mais gente nova;  
Virão Reis [de] Bipur e de Tanor,  
Das serras de Narsinga, que alta prova  
Estarão prometendo a seu senhor;  
Fará que todo o Naire, enfim, se mova  
Que entre Calecu jaz e Cananor,  
D'ambas as Leis imigas pera a guerra:  
Mouros por mar, Gentios pola terra.

E todos outra vez desbaratando,  
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,  
A grande multidão que irá matando  
A todo o Malabar terá admirado.  
Cometerá outra vez, não dilatando,  
O Gentio os combates, apressado,  
Injuriando os seus, fazendo votos  
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

Já não defenderá somente os passos,  
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas;  
Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos  
Aqueles que as cidades fazem rasas,  
Fará que os seus, de vida pouco escassos,  
Cometam o Pacheco, que tem asas,  
Por dous passos num tempo; mas voando



Dum noutro, tudo irá desbaratando.

Virá ali o Samorim, por que em pessoa  
Veja a batalha e os seus esforce e anime;  
Mas um tiro, que com zunido voa,  
De sangue o tingirá no andor sublime.  
Já não verá remédio ou manha boa  
Nem força que o Pacheco muito estime;  
Inventará traições e vãos venenos,  
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

Que tornará a vez sétima (cantava)  
Pelejar co invicto e forte Luso,  
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;  
Mas, contudo, este só o fará confuso.  
Trará pera a batalha, horrenda e brava,  
Máquinas de madeiros fora de uso,  
Pera lhe abalroar as caravelas,  
Que até'li vão lhe fora cometê-las.

Pela água levará serras de fogo  
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;  
Mas a militar arte e engenho logo  
Fará ser vã a braveza com que venha.  
- «Nenhum claro barão no Márcio jogo,  
Que nas asas da Fama se sustenha,  
Chega a este, que a palma a todos toma.  
E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

«Porque tantas batalhas, sustentadas  
Com muito pouco mais de cem soldados,  
Com tantas manhas e artes inventadas,  
Tantos Cães não imbeles profligados,  
Ou parecerão fábulas sonhadas,  
Ou que os celestes Coros, invocados,  
Decerão a ajudá-lo e lhe darão  
Esforço, força, ardil e coração.

«Aquele que nos campos Maratónios  
O grão poder de Dário estrei e rende,  
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,  
O passo de Termópilas defende,  
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,  
Que com todo o poder Tusco contende  
Em defesa da ponte, ou Quinto Fábio,  
Foi como este na guerra forte e sábio.»

Mas neste passo a Ninfa, o som canoro  
Abaxando, fez ronco e entristecido,  
Cantando em baixa voz, envolta em choro,

O grande esforço mal agardecido.  
- «Ó Belisário (disse) que no coro  
Das Musas serás sempre engrandecido,  
Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
Aqui tens com quem podes consolar-te!

«Aqui tens companheiro, assi nos feitos  
Como no galardão injusto e duro;  
Em ti e nele veremos altos peitos  
A baxo estado vir, humilde e escuro.  
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,  
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!  
Isto fazem os Reis cuja vontade  
Manda mais que a justiça e que a verdade.

«Isto fazem os Reis quando embebidos  
Nua aparência branda que os contenta  
Dão os prémios, de Aiace merecidos,  
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.  
Mas vingó-me: que os bens mal repartidos  
Por quem só doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sábios cavaleiros,  
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

«Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,  
Se não és pera dar-lhe honroso estado,  
É ele pera dar-te um Reino rico.  
Enquanto for o mundo rodeado  
Dos Apolíneos raios, eu te fico  
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,  
E tu nisto culpado por avaro.

«Mas eis outro (cantava) intitulado  
Vem com nome real e traz consigo  
O filho, que no mar será ilustrado,  
Tanto como qualquer Romano antigo.  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quíloa fértil, áspero castigo,  
Fazendo nela Rei leal e humano,  
Deitado fora o pérfido tirano.

«Também farão Mombaça, que se arreia  
De casas sumptuosas e edificios,  
Co ferro e fogo seu queimada e feia,  
Em pago dos passados maleficios.  
Depois, na costa da Índia, andando cheia  
De lenhos inimigos e artificios  
Contra os Lusos, com velas e com remos  
O mancebo Lourenço fará extremos.

«Das grandes naus do Samorim potente,  
Que encherão todo o mar, co a férrea pela,  
Que sai com trovão do cobre ardente,  
Fará pedaços leme, masto, vela.  
Depois, lançando arpéus ousadamente  
Na capitaina imiga, dentro nela  
Saltando o fará só com lança e espada  
De quatrocentos Mouros despejada.

«Mas de Deus a escondida providência  
(Que ela só sabe o bem de que se serve)  
O porá onde esforço nem prudência  
Poderá haver que a vida lhe reserve.  
Em Chaúl, onde em sangue e resistência  
O mar todo com fogo e ferro ferve,  
Lhe farão que com vida se não saia  
As armadas de Egipto e de Cambaia.

«Ali o poder de muitos inimigos  
(Que o grande esforço só com força rende),  
Os ventos que faltaram, e os perigos  
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.  
Aqui ressurjam todos os Antigos,  
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:  
Outro Ceva verão, que, espedaçado,  
Não sabe ser rendido nem domado.

«Com toda ùa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leva um cego tiro que passara,  
Se serve inda dos animosos braços  
E do grão coração que lhe ficara.  
Até que outro pelouro quebra os laços  
Com que co alma o corpo se liara:  
Ela, solta, voou da prisão fora  
Onde súbito se acha vencedora.

«Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,  
Na qual tu mereceste paz serena!  
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,  
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:  
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
Que vem já dar a dura e eterna pena,  
De esperas, basiliscos e trabucos,  
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.

«Eis vem o pai, com ânimo estupendo,  
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe está movendo  
Fogo no coração, água nos olhos.

A nobre ira lhe vinha prometendo  
Que o sangue fará dar pelos giolhos  
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,  
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

«Qual o touro cioso, que se ensaia  
Pera a crua peleja, os cornos tenta  
No tronco dum carvalho ou alta faia  
E, o ar ferindo, as forças experimenta:  
Tal, antes que no seio de Cambaia  
Entre Francisco irado, na opulenta  
Cidade de Dabul a espada afia,  
Abaxando-lhe a tímida ousadia.

«E logo, entrando fero na enseada  
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,  
Fará espalhar a fraca e grande armada  
De Calecu, que remos tem por malhas.  
A de Melique Iaz, acautelada,  
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,  
Fará ir ver o frio e fundo assento,  
Secreto leito do húmido elemento.

«Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,  
A fúria esperará dos vingadores,  
Verá braços e pernas ir nadando  
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.  
Raios de fogo irão representando,  
No cego ardor, os bravos domadores.  
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos  
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

«Mas ah, que desta próspera vitória,  
Com que depois virá ao pátrio Tejo,  
Quási lhe roubará a famosa glória  
Um sucesso, que triste e negro vejo!  
O Cabo Tormentório, que a memória  
Cos ossos guardará, não terá pejo  
De tirar deste mundo aquele espirito,  
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.

«Ali, Cafres selvagens poderão  
O que destros imigos não puderam;  
E rudos paus tostados sós farão  
O que arcos e pelouros não fizeram.  
Ocultos os juízos de Deus são;  
As gentes vãs, que não nos entenderam,  
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo só providência de Deus pura.

«Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto  
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)  
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto  
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,  
Pelo Cunha também, que nunca extinto  
Será seu nome em todo o mar que lava  
As ilhas do Austro, e praias que se chamam  
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

«Esta luz é do fogo e das luzentes  
Armas com que Albuquerque irá amansando  
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,  
Que refusam o jugo honroso e brando.  
Ali verão as setas estridentes  
Reciprocarse, a ponta no ar virando  
Contra quem as tirou; que Deus peleja  
Por quem estende a fê da Madre Igreja.

«Ali do sal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pela praia e mar se estendem  
De Gerum, de Mazcate e Calaiate;  
Até que à força só de braço aprendem  
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate  
Obrigaçãõ de dar o reino inico  
Das perlas de Barém tributo rico.

«Que gloriosas palmas tecer vejo  
Com que Vitória a frente lhe coroa,  
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,  
Toma a ilha ilustríssima de Goa!  
Depois, obedecendo ao duro ensejo,  
A deixa, e ocasião espera boa  
Com que a torne a tomar, que esforço e arte  
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

«Eis já sobr'ela torna e vai rompendo  
Por muros, fogo, lanças e pelouros,  
Abrindo com a espada o espesso e horrendo  
Esquadrão de Gentios e de Mouros.  
Irão soldados ínclitos fazendo  
Mais que liões famélicos e touros,  
Na luz que sempre celebrada e dina  
Será da Egípcia Santa Caterina.

«Nem tu menos fugir poderás deste,  
Posto que rica e posto que assentada  
Lá no grémio da Aurora, onde naceste,  
Opulenta Malaca nomeada.  
As setas venenosas que fizeste,

Os crises com que já te vejo armada,  
Malaios namorados, Jaus valentes,  
Todos farás ao Luso obedientes.»

Mais estanças cantara esta Sirena  
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,  
Mas alembrou-lhe ùa ira que o condena,  
Posto que a fama sua o mundo cerque.  
O grande Capitão, que o fado ordena  
Que com trabalhos glória eterna merque,  
Mais há-de ser um brando companheiro  
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

Mas em tempo que fomes e asperezas,  
Doenças, frechas e trovões ardentes,  
A sazão e o lugar, fazem cruezas  
Nos soldados a tudo obedientes,  
Parece de selváticas brutezas,  
De peitos inumanos e insolentes,  
Dar extremo suplício pela culpa  
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

Não será a culpa abominoso incesto  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adultério desonesto,  
Mas cúa escrava vil, lasciva e escura.  
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de usado a crueza fera e dura,  
Cos seus ùa ira insana não refreia,  
Põe na fama alva nota negra e feia.

Viu Alexandre Apeles namorado  
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,  
Não sendo seu soldado experimentado,  
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.  
Sentiu Ciro que andava já abrasado  
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,  
Que ele tomara em guarda, e prometia  
Que nenhum mau desejo o venceria;

Mas, vendo o ilustre Persa que vencido  
Fora de Amor, que, enfim, não tem defesa,  
Levemente o perdoa, e foi servido  
Dele num caso grande, em recompensa.  
Per força, de Judita foi marido  
O férreo Balduíno; mas dispensa  
Carlos, pai dela, posto em causas grandes,  
Que viva e povoador seja de Frandes.

Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,

De Soares cantava, que as bandeiras  
Faria tremular e pôr espanto  
Pelas roxas Arábicas ribeiras:  
- «Medina abominábil teme tanto,  
Quanto Meca e Gidá, co as derradeiras  
Praias de Abássia; Barborá se teme  
Do mal de que o empório Zeila geme.

«A nobre ilha também de Taprobana,  
Já pelo nome antigo tão famosa  
Quanto agora soberba e soberana  
Pela cortiça cálida, cheirosa,  
Dela dará tributo à Lusitana  
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,  
Vencendo se erguerá na torre erguida,  
Em Columbo, dos próprios tão temida.

«Também Sequeira, as ondas Eritreias  
Dividindo, abrirá novo caminho  
Pera ti, grande Império, que te arreias  
De seres de Candace e Sabá ninho.  
Maçuá, com cisternas de água cheias  
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;  
E fará descobrir remotas Ilhas,  
Que dão ao mundo novas maravilhas.

«Virá despois Meneses, cujo ferro  
Mais na Africa, que cá, terá provado;  
Castigará de Ormuz soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado.  
Também tu, Gama, em pago do desterro  
Em que estás e serás inda tornado,  
Cos títulos de Conde e d'honras nobres  
Virás mandar a terra que descobres.

«Mas aquela fatal necessidade  
De quem ninguém se exime dos humanos,  
Ilustrado co a Régia dignidade,  
Te tirará do mundo e seus enganos.  
Outro Meneses logo, cuja idade  
É maior na prudência que nos anos,  
Governará; e fará o ditoso Henrique  
Que perpétua memória dele fique.

«Não vencerá somente os Malabares,  
Destruindo Panane com Coulete,  
Cometendo as bombardas, que, nos ares,  
Se vingam só do peito que as comete;  
Mas com virtudes, certo, singulares,  
Vence os imigos d'alma todos sete;

De cobiça triunfa e incontinência,  
Que em tal idade é suma de excelência.

«Mas, depois que as Estrelas o chamarem,  
Sucederás, ó forte Mascarenhas;  
E, se injustos o mando te tomarem,  
Prometo-te que fama eterna tenhas.  
Pera teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroado,  
Que de fortuna justa acompanhado.

«No reino de Bintão, que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos,  
Num só dia as injúrias de mil anos  
Vingarás, co valor de ilustres peitos.  
Trabalhos e perigos inumanos,  
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,  
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:  
Tudo fico que rompas e sometas.

«Mas na Índia, cobiça e ambição,  
Que claramente põem aberto o rosto  
Contra Deus e Justiça, te farão  
Vitupério nenhum, mas só desgosto.  
Quem faz injúria vil e sem razão,  
Com forças e poder em que está posto,  
Não vence; que a vitória verdadeira  
É saber ter justiça nua e inteira.

«Mas, contudo, não nego que Sampaio  
Será, no esforço, ilustre e assinalado,  
Mostrando-se no mar um fero raio,  
Que de inimigos mil verá coalhado.  
Em Bacanor fará cruel ensaio  
No Malabar, pera que, amedrontado,  
Depois a ser vencido dele venha  
Cutiale, com quanta armada tenha.

«E não menos de Dio a fera frota,  
Que Chaúl temerá, de grande e ousada,  
Fará, co a vista só, perdida e rota,  
Por Heitor da Silveira e destroçada;  
Por Heitor Português, de quem se nota  
Que na costa Cambaica, sempre armada,  
Será aos Guzarates tanto dano,  
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

«A Sampaio feroz sucederá  
Cunha, que longo tempo tem o leme:



De Chale as torres altas erguerá,  
Enquanto Dio ilustre dele treme;  
O forte Baçaim se lhe dará,  
Não sem sangue, porém, que nele geme  
Melique, porque à força só de espada  
A tranqueira soberba vê tomada.

«Trás este vem Noronha, cujo auspício  
De Dio os Rumes feros afugenta;  
Dio, que o peito e bélico exercício  
De António da Silveira bem sustenta.  
Fará em Noronha a morte o usado ofício,  
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta  
No governo do Império, cujo zelo  
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

«Das mãos do teu Estêvão vem tomar  
As rédeas um, que já será ilustrado  
No Brasil, com vencer e castigar  
O pirata Francês, ao mar usado.  
Despois, Capitão-mor do Índico mar,  
O muro de Damão, soberbo e armado,  
Escala e primeiro entra a porta aberta,  
Que fogo e frechas mil terão coberta.

«A este o Rei Cambaico soberbíssimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Por que contra o Mogor poderosíssimo  
Lhe ajude a defender o senhorio.  
Despois irá com peito esforçadíssimo  
A tolher que não passe o Rei gentio  
De Calecu, que assi com quantos veio  
O fará retirar, de sangue cheio.

«Destruirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;  
E despois, junto ao Cabo Comorim,  
ua façanha faz esclarecida:  
A frota principal do Samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co furor do ferro e fogo;  
Em si verá Beadala o Márcio jogo.

«Tendo assi limpa a Índia dos imigos,  
Virá despois com ceptro a governá-la  
Sem que ache resistência nem perigos,  
Que todos tremem dele e nenhum fala.  
Só quis provar os ásperos castigos  
Baticalá, que vira já Beadala.  
De sangue e corpos mortos ficou cheia

E de fogo e trovões desfeita e feia.

«Este será Martinho, que de Marte  
O nome tem co as obras derivado;  
Tanto em armas ilustre em toda parte,  
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.  
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte  
Português terá sempre levantado,  
Conforme sucessor ao sucedido,  
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

«Persas feroces, Abassis e Rumes,  
Que trazido de Roma o nome têm,  
Vários de gestos, vários de costumes  
(Que mil nações ao cerco feras vêm),  
Farão dos Céus ao mundo vão queixumes  
Porque uns poucos a terra lhe detêm.  
Em sangue Português, juram, descritos,  
De banhar os bigodes retorcidos.

«Basiliscos medonhos e liões,  
Trabucos feros, minas encobertas,  
Sustenta Mascarenhas cos barões  
Que tão ledos as mortes têm por certas;  
Até que, nas maiores opressões,  
Castro libertador, fazendo ofertas  
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

«Fernando, um deles, ramo da alta pranta,  
Onde o violento fogo, com ruído,  
Em pedaços os muros no ar levanta,  
Será ali arrebatado e ao Céu subido.  
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta  
E tem o caminho húmido impedido,  
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,  
Os ventos e depois os inimigos.

«Eis vem depois o pai, que as ondas corta  
Co restante da gente Lusitana,  
E com força e saber, que mais importa,  
Batalha dá felice e soberana.  
Uns, paredes subindo, escusam porta;  
Outros a abrem na fera esquadra insana.  
Feitos farão tão dinos de memória  
Que não caibam em verso ou larga história.

«Este, depois, em campo se apresenta,  
Vencedor forte e intrépido, ao possante  
Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta

Da fera multidão quadrupedante.  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hidalcão, do braço triunfante  
Que castigando vai Dabul na costa;  
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

«Estes e outros Barões, por várias partes,  
Dinos todos de fama e maravilha,  
Fazendo-se na terra bravos Martes,  
Virão lograr os gostos desta Ilha,  
Varrendo triunfantes estandartes  
Pelas ondas que corta a aguda quilha;  
E acharão estas Ninfas e estas mesas,  
Que glórias e honras são de árduas empresas.»

Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,  
Com sonoro aplauso, vozes davam,  
Com que festejam as alegres vodas  
Que com tanto prazer se celebravam.  
- «Por mais que da Fortuna andem as rodas  
(Núa cônsona voz todas soavam),  
Não vos hão-de faltar, gente famosa,  
Honra, valor e fama gloriosa.»

Depois que a corporal necessidade  
Se satisfez do mantimento nobre,  
E na harmonia e doce suavidade  
Viram os altos feitos que descobre,  
Tétis, de graça ornada e gravidade,  
Pera que com mais alta glória dobre  
As festas deste alegre e claro dia,  
Pera o felice Gama assi dizia:

- «Faz-te mercê, barão, a Sapiência  
Suprema de, cos olhos corporais,  
Veres o que não pode a vã ciência  
Dos errados e míseros mortais.  
Segue-me firme e forte, com prudência,  
Por este monte espesso, tu cos mais.»  
Assi lhe diz e o guia por um mato  
Árduo, difícil, duro a humano trato.

Não andam muito que no erguido cume  
Se acharam, onde um campo se esmaltava  
De esmeraldas, rubis, tais que presume  
A vista que divino chão pisava.  
Aqui um globo vêm no ar, que o lume  
Claríssimo por ele penetrava,  
De modo que o seu centro está evidente,  
Como a sua superfície, claramente.

Qual a matéria seja não se enxerga,  
Mas enxerga-se bem que está composto  
De vários orbes, que a Divina verga  
Compôs, e um centro a todos só tem posto.  
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca s'ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto  
Por toda a parte tem; e em toda a parte  
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

Uniforme, perfeito, em si sustido,  
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.  
Vendo o Gama este globo, comovido  
De espanto e de desejo ali ficou.  
Diz-lhe a Deusa: - «O transunto, reduzido  
Em pequeno volume, aqui te dou  
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vás e irás e o que desejas.

«Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assi foi do Saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.

«Este orbe que, primeiro, vai cercando  
Os outros mais pequenos que em si tem,  
Que está com luz tão clara radiando  
Que a vista cega e a mente vil também,  
Empíreo se nomeia, onde logrando  
Puras almas estão daquele Bem  
Tamanho, que ele só se entende e alcança,  
De quem não há no mundo semelhança.

«Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano.  
Só pera fazer versos deleitosos  
Servimos; e, se mais o trato humano  
Nos pode dar, é só que o nome nosso  
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

«E também, porque a santa Providência,  
Que em Júpiter aqui se representa,  
Por espíritos mil que têm prudência  
Governa o Mundo todo que sustenta

(Ensina-lo a profética ciência,  
Em muitos dos exemplos que apresenta);  
Os que são bons, guiando, favorecem,  
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

«Quer logo aqui a pintura que varia  
Agora deleitando, ora ensinando,  
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia  
A seus Deuses já dera, fabulando;  
Que os Anjos de celeste companhia  
Deuses o sacro verso está chamando,  
Nem nega que esse nome preminente  
Também aos maus se dá, mas falsamente.

«Enfim que o Sumo Deus, que por segundas  
Causas obra no Mundo, tudo manda.  
E tornando a contar-te das profundas  
Obras da Mão Divina veneranda,  
Debaxo deste círculo onde as mundas  
Almas divinas gozam, que não anda,  
Outro corre, tão leve e tão ligeiro  
Que não se enxerga: é o MóBILE primeiro.

«Com este rapto e grande movimento  
Vão todos os que dentro tem no seio;  
Por obra deste, o Sol, andando a tento,  
O dia e noite faz, com curso alheio.  
Debaxo deste leve, anda outro lento,  
Tão lento e sojugado a duro freio,  
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,  
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

«Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
De corpos lisos anda e radiantes,  
Que também nele tem curso ordenado  
E nos seus axes correm cintilantes.  
Bem vês como se veste e faz ornado  
Co largo Cinto d, ouro, que estelantes  
Animais doze traz afigurados,  
Apousentos de Febo limitados.

«Olha por outras partes a pintura  
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:  
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,  
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;  
Vê de Cassiopeia a fermosura  
E do Oriente o gesto turbulento;  
Olha o Cisne morrendo que suspira,  
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

«Debaxo deste grande Firmamento,  
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;  
Júpiter logo faz o movimento,  
E Marte abaxo, bélico inimigo;  
O claro Olho do céu, no quarto assento,  
E Vénus, que os amores traz consigo;  
Mercúrio, de eloquência soberana;  
Com três rostos, debaxo vai Diana.

«Em todos estes orbes, diferente  
Curso verás, nuns grave e noutros leve;  
Ora fogem do Centro longamente,  
Ora da Terra estão caminho breve,  
Bem como quis o Padre omnipotente,  
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,  
Os quais verás que jazem mais a dentro  
E tem co Mar a Terra por seu centro.

«Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não somente, ousados, se contentam  
De sofrerem da terra firme os danos,  
Mas inda o mar instábil experimentam,  
Verás as várias partes, que os insanos  
Mares dividem, onde se apousentam  
Várias nações que mandam vários Reis,  
Vários costumes seus e várias leis.

«Vês Europa Cristã, mais alta e clara  
Que as outras em polícia e fortaleza.  
Vês África, dos bens do mundo avara,  
Inculta e toda cheia de bruteza;  
Co Cabo que até'aqui se vos negara,  
Que assentou pera o Austro a Natureza.  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem Lei, quási infinita.

«Vê do Benomotapa o grande império,  
De selvática gente, negra e nua,  
Onde Gonçalo morte e vitupério  
Padecerá, pola Fé santa sua.  
Nace por este incógnito Hemispério  
O metal por que mais a gente sua.  
Vê que do lago donde se derrama  
O Nilo, também vindo está Cuama.

«Olha as casas dos negros, como estão  
Sem portas, confiados, em seus ninhos,  
Na justiça real e defesa  
E na fidelidade dos vizinhos;  
Olha deles a bruta multidão,

Qual bando espesso e negro de estorninhos,  
Combaterá em Sofala a fortaleza, Que  
defenderá Nhaia com destreza.

«Olha lá as alagoas donde o Nilo  
Nace, que não souberam os antigos;  
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,  
Os povos Abassis, de Crista amigos;  
Olha como sem muros (novo estilo)  
Se defendem melhor dos inimigos;  
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,  
Que ora dos naturais Nobá se chama.

«Nesta remota terra um filho teu  
Nas armas contra os Turcos será claro;  
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;  
Mas contra o fim fatal não há reparo.  
Vê cá a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospício gasalhoso e caro;  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

«O Cabo vê já Arómata chamado,  
E agora Guardafú, dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;  
Este como limite está lançado  
Que divide Asia de Africa; e as melhores  
Povoações que a parte Africa tem  
Maçúá são, Arquico e Suaquém.

«Vês o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foi dos Héroas a cidade  
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente  
Tem das frotas do Egipto a potestade.  
Olha as águas nas quais abriu patente  
Estrada o grão Mousés na antiga idade.  
Ásia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

«Olha o monte Sinai, que se ennobrece  
Co sepulcro de Santa Caterina;  
Olha Toro e Gidá, que lhe falece  
Água das fontes, doce e cristalina;  
Olha as portas do Estreito, que fenece  
No reino da seca Ádem, que confina  
Com a serra d'Arzira, pedra viva,  
Onde chuva dos céus se não deriva.

«Olha as Arábias três, que tanta terra

Tomam, todas da gente vaga e baça,  
Donde vêm os cavalos pera a guerra,  
Ligeiros e feroces, de alta raça;  
Olha a costa que corre, até que cera  
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça  
O Cabo que co nome se apelida  
Da cidade Fartaque, ali sabida.

«Olha Dófar, insigne porque manda  
O mais cheiroso incenso pera as aras;  
Mas atenta: já cá destoutra banda  
De Roçalgate, e praias sempre avaras,  
Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
Pelas ribeiras que inda serão claras  
Quando as galés do Turco e fera armada  
Virem de Castelbranco nua a espada.

«Olha o Cabo Asaboro, que chamado  
Agora é Moçandão, dos navegantes;  
Por aqui entra o lago que é fechado  
De Arábia e Pérsias terras abundantes.  
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, e imitantes  
A cor da Aurora; e vê na água salgada  
Ter o Tígris e Eufrates ùa entrada.

«Olha da grande Pérsia o império nobre,  
Sempre posto no campo e nos cavalos,  
Que se injuria de usar fundido cobre  
E de não ter das armas sempre os calos.  
Mas vê a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os intervalos,  
Que da cidade Armuza, que ali esteve,  
Ela o nome despois e a glória teve.

«Aqui de Dom Filipe de Meneses  
Se mostrará a virtude, em armas clara,  
Quando, com muito poucos Portugueses,  
Os muitos Párseos vencerá de Lara.  
Virão provar os golpes e reveses  
De Dom Pedro de Sousa, que provara  
Já seu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra, à força só de espada.

«Mas deixemos o Estreito e o conhecido  
Cabo de Jasque, dito já Carpela,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da Natura e dos dões usados dela;  
Carmânia teve já por apelido.  
Mas vês o fermoso Indo, que daquela



Altura nace, junto à qual, também  
Doutra altura correndo o Gange vem?

«Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,  
E de Jáquete a íntima enseada;  
Do mar a enchente súbita, grandíssima,  
E a vazante, que foge apressurada.  
A terra de Cambaia vê, riquíssima,  
Onde do mar o seio faz entrada;  
Cidades outras mil, que vou passando,  
A vós outros aqui se estão guardando.

«Vês corre a costa célebre Indiana  
Pera o Sul, até o Cabo Comori,  
Já chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.  
Por este mar a gente Lusitana,  
Que com armas virá depois de ti,  
Terá vitórias, terras e cidades,  
Nas quais hão-de viver muitas idades.

«As províncias que entre um e o outro rio  
Vês, com várias nações, são infinitas:  
Um reino Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demónio leis escritas.  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as relíquias santas e benditas  
Do corpo de Tomé, barão sagrado,  
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

«Aqui a cidade foi que se chamava  
Meliapor, fermosa, grande e rica;  
Os Ídolos antigos adorava  
Como inda agora faz a gente inica.  
Longe do mar naquele tempo estava,  
Quando a Fé, que no mundo se pubrica,  
Tomé vinha prègando, e já passara  
Províncias mil do mundo, que ensinara.

«Chegado aqui, pregando e junto dando  
A doentes saúde, a mortos vida,  
Acaso traz um dia o mar, vagando,  
Um lenho de grandeza desmedida.  
Deseja o Rei, que andava edificando,  
Fazer dele madeira; e não duvida  
Poder tirá-lo a terra, com possantes  
Forças d' homens, de engenhos, de alifantes.

«Era tão grande o peso do madeiro  
Que, só pera abalar-se, nada abasta;

Mas o nuncio de Cristo verdadeiro  
Menos trabalho em tal negócio gasta:  
Ata o cordão que traz, por derradeiro,  
No tronco, e fãcilmente o leva e arrasta  
Pera onde faça um sumptuoso templo  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

«Sabia bem que se com fé formada  
Mandar a um monte surdo que se mova,  
Que obedecerã logo à voz sagrada,  
Que assi lho ensinou Cristo, e ele o prova.  
A gente ficou disto alvoraçada;  
Os Brãmenes o têm por cousa nova;  
Vendo os milagres, vendo a santidade,  
Hão medo de perder autoridade.

«São estes sacerdotes dos Gentios  
Em quem mais penetrado tinha enveja;  
Buscam maneiras mil, buscam desvios,  
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Um caso horrendo faz, que o mundo veja  
Que inimiga não há, tão dura e fera,  
Como a virtude falsa, da sincera.

«Um filho próprio mata, e logo acusa  
De homicídio Tomé, que era inocente;  
Dã falsas testemunhas, como se usa;  
Condenaram-no a morte brevemente.  
O Santo, que não vê melhor escusa  
Que apelar pera o Padre omnipotente,  
Quer, diante do Rei e dos senhores,  
Que se faça um milagre dos maiores.

«O corpo morto manda ser trazido,  
Que res[s]ucite e seja perguntado  
Quem foi seu matador, e será crido  
Por testemunho, o seu, mais aprovado.  
Viram todos o moço vivo, erguido,  
Em nome de Jesu crucificado:  
Dã graças a Tomé, que lhe deu vida,  
E descobre seu pai ser homicida.

«Este milagre fez tamanho espanto  
Que o Rei se banha logo na água santa,  
E muitos após ele; um beija o manto,  
Outro louvor do Deus de Tomé canta.  
Os Brãmenes se encheram de ódio tanto,  
Com seu veneno os morde enveja tanta,  
Que, persuadindo a isso o povo rudo,

Determinam matá-lo, em fim de tudo.

«Um dia que pregando ao povo estava,  
Fingiram entre a gente um arruído.  
(Já Cristo neste tempo lhe ordenava  
Que, padecendo, fosse ao Céu subido);  
A multidão das pedras que voava  
No Santo dá, já a tudo oferecido;  
Um dos maus, por faltar-se mais depressa,  
Com crua lança o peito lhe atravessa.

«Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;  
Chorou-te toda a terra que pisaste;  
Mais te choram as almas que vestindo  
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.  
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,  
Te recebem na glória que ganhaste.  
Pedimos-te que a Deus ajuda peças  
Com que os teus Lusitanos favoreças.

«E vós outros que os nomes usurpais  
De mandados de Deus, como Tomé,  
Dizei: se sois mandados, como estais  
Sem irdes a pregar a santa Fé?  
Olhai que, se sois Sal e vos danais  
Na pátria, onde profeta ninguém é,  
Com que se salgarão em nossos dias  
(Infiéis deixo) tantas heresias?

«Mas passo esta matéria perigosa  
E tornemos à costa debuxada.  
Já com esta cidade tão famosa  
Se faz curva a Gangética enseada;  
Corre Narsinga, rica e poderosa;  
Corre Orixá, de roupas abastada;  
No fundo da enseada, o ilustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio;

«Ganges, no qual os seus habitantes  
Morrem banhados, tendo por certeza  
Que, inda que sejam grandes pecadores,  
Esta água santa os lava e dá pureza.  
Vê Catigão, cidade das melhores  
De Bengala província, que se preza  
De abundante. Mas olha que está posta  
Pera o Austro, daqui virada, a costa.

«Olha o reino Arracão; olha o assento  
De Pegu, que já monstros povoaram,  
Monstros filhos do feio ajuntamento

Düa mulher e um cão, que sós se acharam.  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumam, o que usaram  
Por manha da Rainha que, inventando  
Tal uso, deitou fora o error nefando.

«Olha Tavai cidade, onde começa  
De Sião largo o império tão comprido;  
Tenassari, Quedá, que é só cabeça  
Das que pimenta ali têm produzido.  
Mais avante fareis que se conheça  
Malaca por empório ennobrecido,  
Onde toda a província do mar grande  
Suas mercadorias ricas mande.

«Dizem que desta terra co as possantes  
Ondas o mar, entrando, dividiu  
A nobre ilha Samatra, que já d'antes  
Juntas ambas a gente antiga viu.  
Quersoneso foi dita; e das prestantes  
Veias d'ouro que a terra produziu,  
'Aurea', por epíteto lhe ajuntaram;  
Alguns que fosse Ofir imaginaram.

«Mas, na ponta da terra, Cingapura  
Verás, onde o caminho às naus se estreita;  
Daqui tornando a costa à Cinosura,  
Se encurva e pera a Aurora se endireita.  
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura  
De Sião, que estes e outros mais sujeita;  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago que Chiamai se chama.

Vês neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações, nunca sabidas:  
Os Laos, em terra e número potentes;  
Avás, Bramás, por serras tão compridas;  
Vê nos remotos montes outras gentes,  
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintam com ferro ardente, usança crua.

«Vês, passa por Camboja Mecom rio,  
Que capitão das águas se interpreta;  
Tantas recebe d' outro só no Estio,  
Que alaga os campos largos e inquieta;  
Tem as enchentes quais o Nilo frio;  
A gente dele crê, como indiscreta,  
Que pena e glória têm, depois de morte,  
Os brutos animais de toda sorte.

«Este receberá, plácido e brando,  
No seu regaço os Cantos que molhados  
Vêm do naufrágio triste e miserando,  
Dos procelosos baxos escapados,  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mando executado  
Naquele cuja Lira sonora  
Será mais afamada que ditosa.

«Vês, corre a costa que Champá se chama,  
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;  
Vês Cauchichina está, de escura fama,  
E de Ainão vê a incógnita enseada;  
Aqui o soberbo Império, que se afama  
Com terras e riqueza não cuidada,  
Da China corre, e ocupa o senhorio  
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.

«Olha o muro e edifício nunca crido,  
Que entre um império e o outro se edifica,  
Certíssimo sinal, e conhecido,  
Da potência real, soberba e rica.  
Estes, o Rei que têm, não foi nacido  
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,  
Mas elegem aquele que é famoso  
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

«Inda outra muita terra se te esconde  
Até que venha o tempo de mostrar-se;  
Mas não deixes no mar as Ilhas onde  
A Natureza quis mais afamar-se:  
Esta, meia escondida, que responde  
De longe à China, donde vem buscar-se,  
É Japão, onde nace a prata fina,  
Que ilustrada será co a Lei divina.

«Olha cá pelos mares do Oriente  
Às infinitas Ilhas espalhadas:  
Vê Tidore e Ternate, co fervente  
Cume, que lança as flamas ondeadas.  
As árvores verás do cravo ardente,  
Co sangue Português inda compradas.  
Aqui há as áureas aves, que não decem  
Nunca à terra e só mortas aparecem.

«Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam  
Da vária cor que pinta o roxo fruto;  
Às aves variadas, que ali saltam,  
Da verde noz tomando seu tributo.

Olha também Bornéu, onde não faltam  
Lágrimas no licor coalhado e enxuto  
Das árvores, que cânfora é chamado,  
Com que da Ilha o nome é celebrado.

«Ali também Timor, que o lenho manda  
Sândalo, salutífero e cheiroso;  
Olha a Sunda, tão larga que ùa banda  
Esconde pera o Sul dificultoso;  
A gente do Sertão, que as terras anda,  
Um rio diz que tem miraculoso,  
Que, por onde ele só, sem outro, vai,  
Converte em pedra o pau que nele cai.

«Vê naquela que o tempo tornou Ilha,  
Que também flamas trémulas vapora,  
A fonte que óleo mana, e a maravilha  
Do cheiroso licor que o tronco chora,  
- Cheiroso, mais que quanto estila a filha  
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;  
E vê que, tendo quanto as outras têm,  
Branda seda e fino ouro dá também.

«Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta  
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;  
Os naturais o têm por cousa santa,  
Pola pedra onde está a pegada humana.  
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta  
No profundo das águas, soberana,  
Cujó pomo contra o veneno urgente  
É tido por antídoto excelente.

«Verás defronte estar do Roxo Estreito  
Socotorá, co amaro aloé famosa;  
Outras ilhas, no mar também sujeito  
A vós, na costa de África arenosa,  
Onde sai do cheiro mais perfeito  
A massa, ao mundo oculta e preciosa.  
De São Lourenço vê a Ilha afamada,  
Que Madagáscar é dalguns chamada.

«Eis aqui as novas partes do Oriente  
Que vós outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegais.  
Mas é também razão que, no Ponente,  
Dum Lusitano um feito inda vejais,  
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,  
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

«Vedes a grande terra que continua  
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal que a cor tem do louro Apolo.  
Castela, vossa amiga, será dina  
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.  
Varias províncias tem de várias gentes,  
Em ritos e costumes, diferentes.

«Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
Parte também, co pau vermelho nota;  
De Santa Cruz o nome lhe poreis;  
Descobri-la-á a primeira vossa frota.  
Ao longo desta costa, que tereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito, com verdade,  
Português, porém não na lealdade.

«Dês que passar a via mais que meia  
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,  
Düa estatura quási giganteia  
Homens verá, da terra ali vizinha;  
E mais avante o Estreito que se arreja  
Co nome dele agora, o qual caminha  
Pera outro mar e terra que fica onde  
Com suas frias asas o Austro a esconde.

«Até' aqui Portugueses concedido  
Vos é saberdes os futuros feitos  
Que, pelo mar que já deixais sabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos.  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos que vos façam ser aceitos  
As eternas esposas e fermosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas,

«Podeis-vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquilo, pera a pátria amada.»  
Assi lhe disse; e logo movimento  
Fazem da Ilha alegre e namorada.  
Levam fresco e nobre mantimento;  
Levam a companhia desejada  
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assi foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso e nunca irado,  
Até que houveram vista do terreno  
Em que naceram, sempre desejado.  
Entraram pela foz do Tejo ameno,

E à sua pátria e Rei temido e amado  
O prémio e glória dão por que mandou,  
E com títulos novos se ilustrou.

Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Düa austera, apagada e vil tristeza.

E não sei por que influxo de Destino  
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,  
Que os ânimos levanta de contínuo  
A ter pera trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó Rei, que por divino  
Conselho estais no régio sólio posto,  
Olhai que sois (e vede as outras gentes)  
Senhor só de vassallos excelentes.

Olhai que ledos vão, por várias vias,  
Quais rompentes liões e bravos touros,  
Dando os corpos a fomes e vigias,  
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes de Idolátras e de Mouros,  
A perigos incógnitos do mundo,  
A naufrágios, a pexes, ao profundo.

Por vos servir, a tudo aparelhados;  
De vós tão longe, sempre obedientes;  
A quaisquer vossos ásperos mandados,  
Sem dar reposta, prontos e contentes.  
Só com saber que são de vós olhados,  
Demónios infernais, negros e ardentes,  
Cometerão convosco, e não duvido  
Que vencedor vos façam, não vencido.

Favorecei-os logo, e alegrai-os  
Com a presença e leda humanidade;  
De rigorosas leis desalivai-os,  
Que assi se abre o caminho à santidade.  
Os mais experimentados levantai-os,  
Se, com a experiência, têm bondade  
Pera vosso conselho, pois que sabem  
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus ofícios,



Segundo têm das vidas o talento;  
Tenham Religiosos exercícios  
De rogarem, por vosso regimento,  
Com jejuns, disciplina, pelos vícios  
Comuns; toda ambição terão por vento,  
Que o bom Religioso verdadeiro  
Glória vã não pretende nem dinheiro.

Os Cavaleiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrépido e fervente  
Estendem não sòmente a Lei de cima,  
Mas inda vosso Império preminente.  
Pois aqueles que a tão remoto clima  
Vos vão servir, com passo diligente,  
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,  
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,  
Possam dizer que são pera mandados,  
Mais que pera mandar, os Portugueses.  
Tomai conselho só d'exprimentados  
Que viram largos anos, largos meses,  
Que, posto que em cientes muito cabe.  
Mais em particular o experto sabe.

De Formião, filósofo elegante,  
Vereis como Anibal escarnecia,  
Quando das artes bélicas, diante  
Dele, com larga voz tratava e lia.  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando.

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,  
De vós não conhecido nem sonhado?  
Da boca dos pequenos sei, contudo,  
Que o louvor sai às vezes acabado.  
Tem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiência misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se acham raramente.

Pera servir-vos, braço às armas feito,  
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;  
Só me falece ser a vós aceito,  
De quem virtude deve ser prezada.  
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito  
Dina empresa tomar de ser cantada,

Como a pres[s]aga mente vaticina  
Olhando a vossa inclinação divina,

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos e Trudante,  
A minha já estimada e leda Musa  
Fico que em todo o mundo de vós cante,  
De sorte que Alexandro em vós se veja,  
Sem à dita de Aquiles ter enveja.